

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALINE CRISTINA DA SILVA OLIVEIRA

DAS CAÇAS QUE VOAM: OBSERVAÇÃO, DESCRIÇÃO E CAPTURA DE AVES
NA AMÉRICA PORTUGUESA.

MARINGÁ

2017

ALINE CRISTINA DA SILVA OLIVEIRA

DAS CAÇAS QUE VOAM: OBSERVAÇÃO, DESCRIÇÃO E CAPTURA DE AVES
NA AMÉRICA PORTUGUESA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Estadual de Maringá, como requisito para a
obtenção do título de Mestre em História.

Orientador:

Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos

MARINGÁ

2017

ALINE CRISTINA DA SILVA OLIVEIRA

DAS CAÇAS QUE VOAM: OBSERVAÇÃO, DESCRIÇÃO E CAPTURA DE AVES
NA AMÉRICA PORTUGUESA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos

Aprovado em: Maringá, 23 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Solange Ramos de Andrade
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Edson Fontes de Oliveira
Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Ao Vilmar e à Maria Rita, pelo total incentivo, na minha jornada acadêmica. Por todo o esforço que fizeram para me ajudar e apoiar, nos estudos e na vida.

AGRADECIMENTOS

Uma jornada nos estudos científicos não se faz solitária, agradeço imensamente a todos que nela me auxiliaram.

Ao Prof. Dr. Christian Fausto Moraes dos Santos pela proposta, viabilização e motivação, e todo suporte para a concretização deste estudo. Me ensinou um novo e peculiar olhar com a história, atento aos detalhes, beleza e perfeição do mundo natural. Sua orientação me mostrou o quanto que uma pesquisa também requer tranquilidade, criatividade e dinamismo.

À Prof. Dr. Edson Fontes de Oliveira e a Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade, pela atenção na correção e valiosos apontamentos na qualificação, e a presença debruçada nesta defesa da dissertação.

À Profa. Dra. Lígia Carreira, pelo convívio descontraído e toda ajuda disposta no LHC.

Aos meus colegas de laboratório, Juliana Morcelli e Marlon Fiori, por suas contribuições desde a inicial construção desta pesquisa. Cíntia, Anelisa, Natália e Gabriela pelo convívio e ajuda mútua. LHC, um lugar de cientistas.

Aos meus amigos, especialmente, à Mariana Rodrigues, Tereza de Fátima e Mestre Pedro, que acompanharam e foram ouvidos a cada etapa desta minha jornada, e com suas presenças pude ter a força necessária.

Aos meus amigos da ‘cultura’, Débora, Árleto, Patrick e Danilo, pela parceria nas disciplinas, ajuda nas dúvidas, trabalhos em grupo e pelas mil discussões teóricas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nivel Superior (CAPES), por haver financiado esta pesquisa.

À Coordenação e Secretária, Giselle Moraes, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, pelo trabalho dedicado e pontual.

E, por último, porém não menos importante, à minha família, aos meus pais Vilmar Cavalcante e Maria Rita, e aos meus irmãos, Caio e André, mesmo com a distância sempre me ajudaram. Por meio de seus esforços investiram na minha educação, por meio de seus exemplos, me incentivaram a estudar e a trabalhar. Obrigada por tudo!

RESUMO

A expansão marítima europeia, no início da Idade Moderna, ocasionou o contato que tornou-se, gradativamente, intenso entre a Europa e as terras da América do Sul, o Novo Mundo. O ambiente tropical das terras recém-descobertas provocou fascinação entre os europeus, e que, porventura tais terras foram à confirmação dos mitos medievais sobre um paraíso perdido. O cerne das descobertas e fascinação ocorreu no bioma da Mata Atlântica (MA), uma grandiosa floresta em biodiversidade, que no século XVI se estendia pela costa atlântica da América portuguesa. A avifauna, indicadora da riqueza biológica da MA envolveu o olhar europeu e, assim, os exploradores e viajantes produziram inúmeros relatos com minuciosas observações e descrições a cerca das voláteis nativas, e inclusive, das estrangeiras. Tais relatos, juntamente, com algumas espécies vivas transportadas para a Europa, contribuíram para a formação de acervos dos gabinetes de curiosidades, e também tornaram-se mascotes domésticos. O transporte das aves americanas à Europa demandou um volumoso e lucrativo comércio marítimo entre o Novo e o Velho Mundo. O objetivo deste trabalho é estudar as aves nativas ou estrangeiras da América portuguesa, por meio, dos relatos produzidos durante a colonização. Pretendemos analisar a relação do colonizador e do indígena com a MA e suas espécies, e a relação entre ambos. De modo geral, propomos um estudo do cotidiano da colônia brasileira e de aspectos: sócio antropológico, biológico e econômico, por meio, das aves.

PALAVRAS-CHAVE: América Portuguesa; Mata Atlântica; Aves.

ABSTRACT

European maritime expansion, at the beginning of the Modern Age, brought about the contact that gradually became intense between Europe and the lands of South America, the New World. The tropical environment of the newly discovered lands provoked fascination among the Europeans, and that perhaps such lands were to the confirmation of the medieval myths about a lost paradise. The heart of the discoveries and fascination took place in the Mata Atlântica biome (MA), a grand forest of biodiversity, which stretched along the Atlantic coast of Portuguese America in the 16th century. The avifauna, an indicator of the biological wealth of MA, involved the European gaze, and thus the explorers and travelers produced numerous accounts with detailed observations and descriptions about the volatile ones, native and even foreign. These reports, together with some living species transported to Europe, contributed to the formation of collections of curios offices, and also became domestic mascots. The transport of the American birds to Europe demanded a massive and profitable maritime trade between the New and the Old World. The objective of this work is to study the native or foreign birds of Portuguese America, through the reports produced during the colonization. We intend to analyze the relation of the colonizer and the native with the MA and its species, and the relation between both. In general, we propose a study of the daily life of the Brazilian colony and aspects: anthropological, biological and economic partner, through the birds.

KEYWORDS: Portuguese America; Atlantic Forest; Birds.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Terra Brasilis</i> , Lopo Homem (com Pedro e Jorge Reinel), mapa do Atlas Miller, 1515-1519.....	22
Figura 2 – Anatomia Comparada, de Pierre Belon (1555).....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - AS AVES DO PARAÍSO	16
1.1 - Mas quantas, variadas e fantásticas aves tem este paraíso?.....	16
1.2 - Com tantas cores, é o paraíso?.....	36
1.3 - Dos cantos e vozes da floresta.....	45
2 - AVES NO NOVO MUNDO: COMO SÃO? COMO E ONDE VIVEM? QUE USOS FAZEM DELAS?	52
2.1 - Umas voam, outras andam	52
2.2 - Do que elas comem?	55
2.3 - As preciosas	63
2.4 - As domésticas.....	79
2.5 - As estrangeiras, domésticas na Terra de Vera Cruz.....	84
3 – PARA A MÁ SORTE DAS AVES, UNS HABILIDOSOS CAÇADORES	94
3.1 - Os caçadores, indígenas que sobreviviam das aves	94
3.2 – Nos caminhos da floresta, a caçada	105
3.3 - As que habitavam os dosséis das árvores.....	108
3.4 - As que habitavam a rasteira	113
3.5 - As que habitavam nas beiras das águas.....	115
3.6 - As que andavam em bando.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
FONTES DOCUMENTAIS.....	126
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Aves sempre exerceram fascínio sobre a espécie humana. Mencionadas mitos e histórias de muitas civilizações, suas inúmeras características físicas e comportamentais serviram como metáforas de conquistas, glórias, derrotas e tragédias. Mas, afinal, porque estudá-las no período da expansão marítima europeia?

Esta demanda, certamente, pode ser encontrada na própria relevância que os europeus deram a esta classe de animais ainda no início do século XVI, quando aqueles povos de tradição marinheira, que viviam no litoral da Europa, afirmaram suas vocações como pescadores, navegadores e comerciantes ao desenvolverem, no final do século XVI, a tecnologia naval necessária para fazerem do oceano Atlântico uma via intensa de emigração e imperialismo (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2008, p. 176).

No ano de 1500 viajantes europeus desembarcavam na costa atlântica da América do Sul, e se instalaram em um novo habitat, a Mata Atlântica (MA), uma densa e úmida floresta tropical que se alastrava por quase toda a faixa da costa litorânea americana (CAMPANILLI, M. & SCHAFFER, W.B., 2010, p. 56). Esta floresta, em sua história, é conhecida por sua potencial riqueza em espécies da fauna e flora, uma das maiores em diversidade do planeta (SILVA, J.M.C. & CASTELETI, C.H.M., 2005, p. 43).

Os europeus como os jesuítas ibéricos (ANCHIETA, 1554-1594; CARDIM, 1580; NAVARRO, 1550-1568; SOARES, 1591; NÓBREGA, 1549-1560); os colonos portugueses (CAMINHA, 1500; SOUSA, 1587; GANDAVO, 1576; BRANDÃO, 1618); os franceses (LÉRY, 1578; THEVET, 1557); o espanhol (CABEZA DE VACA, 1541) e o alemão (STADEN, 1557) permitiram que o mundo ocidental, através de seus relatos, cartas, crônicas, diários e coletas tivesse a oportunidade impar de vislumbrar todo um mundo novo vindo à tona.

As crônicas destes viajantes e exploradores contêm ricas descrições a cerca do mundo natural da colônia brasileira, e compõe o rol de fontes documentais da presente pesquisa. Primeiramente, pelo aspecto totalizante, próprio dos relatos, ou seja, tratam sobre a política, comércio, língua, alimentação, religião, vestimenta, militarismo, etnias, fauna, flora, agricultura e outros assuntos pertinentes à vida cotidiana na colônia. E segundo, pela distinção da nacionalidade e da função social dos cronistas, que possivelmente ameniza a probabilidade de combinação ou mera reprodução copiada das

descrições, isto é, homens distintos puderam observar os mesmos fenômenos na colônia brasileira.

Habitando este mundo repleto de cores, formas e sons estavam aquelas notáveis criaturas revestidas com belas plumagens. As aves, especialmente, as sul-ameríndias viviam nas terras que, posteriormente, seriam nomeadas de ‘Terra de Vera Cruz’. Não importava por onde os colonizadores percorressem, pelos grandes maciços de arvoredos recheados por folhagens, nos mangues ou ribeiras, nas margens salgadas com ilhas e bahias, abundantes águas doces que serpenteavam caminhos, nos campos abertos ou nos paredões rochosos. A todo tempo se podia avistar e, em seguida, descrever alguma ave habitando aqueles distintos ambientes recém-contatados.

A América do Sul possui uma avifauna riquíssima e os exploradores europeus identificaram muitas espécies nativas. Somente na terra de Vera Cruz encontramos 57% de todas as espécies de aves do continente americano. Algo em torno de 1.7 mil espécies. Destas, 10% são endêmicas (MARINI; GARCIA, 2005, p. 3). Com tantas assim, dificilmente na história da colonização da América portuguesa teriam passado despercebidas. Uma história que nos revela peculiaridades do encontro de dois mundos que viveram biologicamente separados, desde que a pangeia fora dividida por forças geológicas há 250 milhões anos. O que deu início a formação da Eurásia e das Américas que, com o passar do tempo, desenvolveram conjuntos extraordinários e muito distintos de animais e plantas (MANN, 2012, p. 28).

As espécies de aves nativas do Novo Mundo¹ foram uma surpresa ao colonizador por suas diferenças (em relação às do Velho Mundo), abundância, raridade, especificidade, beleza nas cores da sua plumagem, tamanhos, cantos, formas e comportamentos. Aos recém-chegados provocaram uma série de sensações, como foram descritas nas inúmeras cartas, relatos e tratados dos viajantes, navegadores e exploradores que estiveram na MA.

O numeroso contingente de descrições sobre as novas terras nos aponta que os colonizadores entendiam como algo imprescindível o conhecimento a cerca do ambiente tropical e, passariam a dominar práticas e sabedorias sobre a MA, que significou mais possibilidades para viabilizar a colonização. O ambiente natural com seus desafios e particularidades foi um fator extremamente relevante para o sucesso ou fracasso de uma colonização na América. Ao contrário do que enfatizou a tradicional historiografia

¹ Novo Mundo denominação para terras descobertas na América do sul, aonde, se localizava a colônia brasileira, a América portuguesa. E a Europa passaria chamar-se Velho Mundo. (HOLANDA, 1995).

(HOLANDA, 1995), os colonizadores desenvolveram esforços construtores e energéticos, prioritariamente, pela necessidade de sobreviver em uma floresta tropical.

Os relatos de Gabriel Soares de Sousa, um senhor de engenho do século XVI, é um exemplo de que a exploração nos trópicos desenvolveu-se sob um empreendimento metódico e racional. Os seus relatos, com observações e descrições, nos revela a sistemática apreensão do conhecimento de um bioma, para uma possível sobrevivência e permanência. O desenvolvimento de um engenho de cana requer conhecimentos geográficos, climáticos, biológicos, bem como, um mínimo de empreendimento possível, uma rotina complexa.

Os recursos biológicos que dispunham as novas terras foram cruciais para a adaptação do colonizador no Novo Mundo, pois as espécies encontradas na América do sul, devido ao seu alto valor nutritivo contribuíram para a sobrevivência do europeu em um ambiente peculiar como da MA (CROSBY, 1993, p. 157-158). Entretanto, à medida que permaneciam nesta floresta percebiam que a abundância das espécies de aves não era sinônimo de facilidade para capturá-las. A floresta certamente se revela como algo desafiador e conhecê-la, certamente foi fundamental para nela sobreviver. De todos os territórios recém-descobertos, na África e Ásia, no início da era moderna, a América do sul foi um dos últimos adentrados pelo europeu, mas não menos difícil de explorar. A MA era, no século XVI, um dos lugares mais intactos do mundo no que se refere à composição de biomassa (DEAN, 1996, p. 23-28).

Trataremos na pesquisa alguns aspectos cotidianos da colônia para salientar a complexidade na rotina de um colonizador, e não apenas redundar os dias na colônia ao ócio, desleixo e abandono, como tratou a tradicional historiografia (HOLANDA, 1995). Já que a exploração e colonização no bioma da MA necessitou de esforço e trabalho. O contato dos colonos com o mundo natural, com os nativos e suas consequentes descrições a cerca da avifauna, são “caminhos”, nos quais, que iremos percorrer para identificarmos a sobrevivência e relações no cotidiano colonial.

No primeiro capítulo abordaremos a fascinação que as aves do Novo Mundo despertaram nos colonizadores, e que efervesceu a crença de terem encontrado o paraíso terreal como afirmava o mito da criação no livro Gênesis da Bíblia Sagrada. A descoberta da avifauna pelos colonizadores com toda a sua variedade e diferencial, as cores das belas plumagens, os lindos cantos e a ainda a habilidade de fala dos papagaios contribuíram para correlacionar tais seres com as virtudes do paraíso terreal. O fato é

que estavam em uma floresta de grande biodiversidade do planeta, com espécies exclusivas a este ambiente.

A produção de informações sobre a fauna e flora local e os exemplares vivos que chegavam à Europa, contribuíram para a formação de zoológicos reais e gabinetes de curiosidades. Grosso modo, os gabinetes de curiosidades eram coleções de animais, vegetais, minerais e objetos que ricos burgueses e mercadores acumulavam, de modo privativo, para as mais diversas finalidades. Entre elas, organizar e ordenar saberes sobre a natureza, bem como, de exibirem suas coleções enquanto um símbolo de poder e erudição (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 108).

A constituição dos gabinetes de curiosidades por toda Europa, a partir do século XVI, ocasionou a ampliação das fronteiras de um conhecimento até então inexistente, e a partir das coleções com material das terras recém-descobertas vieram novos questionamentos, novas abordagens, e então, uma nova maneira de ver o mundo. (LOUREIRO, 2007, p.5). A avifauna do Novo Mundo contribui no repensar das bases filosóficas de história natural² que perduravam desde a antiguidade, já que aumentou o rol de espécies existentes, e assim, gerou modificações nas classificações animália, pois uma lista de novos espécimes deveria ser incorporada ao conhecimento moderno. Devido às coleções naturais das terras e mares, antes desconhecidos, foi inevitável a mudança de paradigmas para o entendimento do mundo, que devido um novo lugar e novas espécies a história natural gradualmente sofreu transformações. (KUHN, 1998, p.145-150). Os europeus, colonizadores, filósofos e viajantes tiveram que expandir e aperfeiçoar seus olhares com a natureza devido ao bioma da América portuguesa.

O processo de conhecimento das espécies da fauna e flora do Novo Mundo foi desenvolvido a partir das similitudes existentes entre as espécies da Europa com as recém-descobertas. Até o fim do século XVI a semelhança desempenhou um papel construtor no saber do mundo, pois quando se conhecia algo novo, imediatamente o identificava com uma rede de semelhanças que poderia ter com outras coisas. A semelhança era realizada pela *convenientia*, *aemulatio*, analogia, simpatia e antipatia. (FOUCAULT, 1999, p.33-39).

² A Filosofia Natural era o estudo racional da natureza. Isto significa a natureza do ponto de vista de sua especificidade substancial e de suas propriedades, usando o pensamento meramente raciocinativo. Na condição de estudo da natureza, ocupava-se a Filosofia Natural amplamente dos corpos e da vida. Resulta, assim, haver um conhecimento racional da natureza, conhecimento que, em tal situação, tinha caráter de filosófico (SANTOS, 2001).

No segundo capítulo, mostraremos que observação das aves nativas aprofundou-se em identificar o comportamento das mesmas, como o voo e a relação das espécies com os respectivos habitats. Também, ressaltamos que não menos que as plantas, muitas espécies da avifauna colonial estiveram entre os produtos comercializados pelas rotas marítimas do início da era Moderna. Aves de terras longínquas foram muito apreciadas, como exóticas, por colecionadores europeus no renascimento. É uma característica universal de várias culturas humanas atribuírem um valor maior aos produtos que são adquiridos em empreitadas de longas distâncias, e não foi diferente durante a expansão marítima europeia. (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2008, p. 39).

Na Europa, as aves ameríndias invadiram mercados e feiras. Estas, quase sempre, eram compradas por nobres que desfrutariam do *status* social que a posse de animais exóticos lhes proveria. Fossem grandes araras, papagaios tagarelas ou jandaias, estas tornavam-se mascotes no ambiente íntimo de casas e apartamentos, e acompanhavam seus donos para qualquer lugar. (THOMAS, 1988, p. 133-136).

Na colônia, as aves também foram de grande estima e domesticação, os nativos antes da chegada dos europeus tinham suas práticas de amansamento de pássaros. Assim como, assistiremos a domesticação de espécies de aves euroasiáticas que desembarcaram no Novo Mundo, isto porque a expansão ultramarina europeia não se resumiu a movimentação de embarcações com uma tripulação humana. Outros tripulantes, das mais diversas espécies, também desembarcaram das naus europeias na costa do Novo Mundo. Tais animais (e plantas) eram arregimentados, pelos colonizadores, com a clara missão de contribuir com o processo colonizatório (CROSBY, 1993, p. 169).

No terceiro capítulo iremos tratar a caça das aves pelos indígenas no interior da floresta, campos e a margens de águas. Os nativos, detentores de uma sabedoria ancestral sobre o bioma tropical, desenvolveram ancestralmente técnicas de caça, bem como agilidade e destreza para caminhar sem desorientar-se em uma mata fechada, além de identificar, por meio, core, canto e vozes as espécies presentes na MA.

Objetivamos apresentar o quanto as aves do Novo Mundo foram preciosidades ao olhar dos europeus, e também, a importância das espécies que desembarcaram na América portuguesa, pois nativas ou estrangeiras, as aves estavam inseridas no cotidiano dos primeiros colonizadores e indígenas. O conhecimento apreendido, ordenado e compreendido da avifauna esteve circunscrito de ricos detalhes, um minucioso retrato da biodiversidade da MA que potencialmente influenciou na criação

de gabinetes de curiosidades pela Europa, e em consequentes mudanças nos paradigmas da filosofia natural, bem como, no desenvolvimento do comércio marítimo, ainda no início do século XVI.

CAPÍTULO 1: AS AVES DO PARAÍSO

Viajantes europeus ao desembarcarem nas terras do Novo Mundo estavam diante de uma das maiores florestas tropicais do planeta, a Mata Atlântica (MA). Uma floresta de grande biodiversidade, com numerosas espécies de aves, variadas no tamanho, forma, cores e cantos, que despertaram o fascínio nos colonizadores acreditando que pudessem ter encontrado o paraíso terreal que estava perdido.

A novidade das espécies americanas em sua variedade e beleza foi observada e descrita gerando inúmeras crônicas e relatos sobre a avifauna. Tais escritos e as inúmeras espécies vivas que partiram para a Europa formariam o acervo dos gabinetes de curiosidades, complementando os estudos classificatórios das aves e aprimorando o trabalho dos filósofos naturais.

As cores do Novo Mundo eram reconhecidas por sua beleza e muitas tonalidades e, por meio delas, os cronistas puderam complementar a identificação de muitas espécies das aves. Os cantos e vozes das aves foram percebidos por uma carga de subjetividade com significados e mensagens, bem como, a habilidade na fala de algumas espécies foi motivo para o deslumbramento dos colonizadores.

1.1 - Mas quantas, variadas e fantásticas aves tem este paraíso?

A *caá-etê*, a floresta verdadeira, como era chamada pelos habitantes que antecederam os colonizadores europeus existiu, no século XVI, quase que intacta e era conhecida como um grande teatro da vida natural, composta por milhares de espécies da fauna e flora (DEAN, 1996, p. 19-20). A *caá-etê* é a Mata Atlântica (MA), uma das maiores florestas tropicais do planeta que está localizada no continente sul-americano e desde a chegada dos primeiros europeus, ela se estendia por uma longa faixa latitudinal na costa brasileira, conferindo atualmente do estado rio grande do norte até o estado do rio grande do sul. (SILVA; CASTELETTI, 2005, p. 44). Uma imensa floresta que se estende de norte a sul da costa brasileira em uma latitude de 8° a 28° sul, e se alastra para o interior do continente uns 100 quilômetros da costa ao norte, e alarga-se mais uns 500 quilômetros ao sul. Sua área é de, aproximadamente, um milhão de quilômetros quadrados (DEAN, 1996, p. 58).

Por sua localização na costa atlântica, a MA desde a colonização europeia foi o primeiro bioma a ser explorado pela expansão humana e pelos diversos ciclos

econômicos. (SILVA; CASTELETI, 2005, p. 43). A MA estivera nos relatos dos primeiros viajantes que descreveram as características físicas do Novo Mundo. Analisando nossas fontes documentais, observamos que de modo geral, a biodiversidade da MA deslumbrou os viajantes. A cada distância percorrida na floresta, a cada observação mais detida na copa das árvores, animais com características físicas e comportamentais distintas iam surgindo, “pois tudo ha na mesma terra, dado que daqui se não comprehenda mais que a differença e a variedade das creaturas que há dumas terras pera outras.” Observava, admirado, o cronista português Pero de Magalhães Gandavo (1540-1580) (GANDAVO, 1964, p. 92).

A MA é um bioma extremamente rico em espécies da fauna e flora, isto porque, sua característica específica é a diversidade de paisagens, e assim, resultando para uma variedade de espécies em todas suas regiões. A diversidade de paisagens origina-se de por três fatores, o primeiro é a latitude, pois diferentemente de outras florestas tropicais, a MA estende-se por mais de 27 graus, abarcando variações de clima. Em segundo, altitude que cobre variações de terrenos, com diversidade de gradientes altitudinais. E também há uma variação longitudinal, pois as florestas do interior diferem significativamente daquelas próximas do litoral. (SILVA; CASTELETI, 2005, p. 44-45).

A MA possui uma dinâmica geográfica e ecológica que possibilita as mais diversas formas de vida, um verdadeiro complexo de vários tipos de florestas, com composições tropicais, subtropicais, latifoliados e pluviais. (DEAN, 1996, p. 58). Com uma extensa longitude e latitude abrange diversos ecossistemas, tais como florestas ombrófila densa e ombrófila abertas (ambas constituídas por árvores de grande e médio porte com abundância de lianas (cipós) e epífitas, ou mais espaçosas), a ombrófila mista (floresta de araucária), a estacional semidecidual e estacional decidual (ambas condicionadas por dupla estacionalidade climática, com alternâncias de períodos de frio/seco e quente/úmido) savana, estepe, formações pioneiras e refúgios vegetacionais. É um conjunto de fitofisionomias, que cria condições adequadas para a evolução de um complexo e rico biótico de natureza vegetal e animal. (SILVA; CASTELETI, 2005, p. 60).

A condição climática com um elevado índice pluviométrico também contribui consideravelmente para a diversidade de espécies. Em sua costa paliçada, a MA apresenta vários pontos de mil metros de altura. Estas imponentes formações geológicas, com cerca de cem milhões de anos, formam uma barreira natural aos ventos

alísios, que vêm do oceano Atlântico. Estas correntes oceânicas sopram durante a maior parte do ano trazendo, constantemente, correntes oceânicas carregadas com uma alta umidade ar. Esta umidade, ao se chocar com as barreiras naturais presentes em boa parte da MA, se eleva e esfria, liberando a umidade em forma de chuva. O que pode totalizar até 1.500 milímetros por ano (DEAN, 1996, p. 58). Esta característica climática das florestas tropicais, com temperaturas elevadas e alta pluviosidade, possibilitam a ampla diversidade biológica que assistimos nestes ambientes (MORAN, 1994, p. 349).

Nos escritos dos primeiros viajantes na Terra de Vera Cruz, é perceptível a admiração com a biodiversidade sul-americana, em muitos momentos, sem uma preparada explicação sobre uma nova espécie, a biodiversidade resumia-se em estranheza, e ainda mais quando, começavam a perceber que os animais do Novo Mundo eram diferentes daqueles do Velho Mundo. O cronista português Pero de Magalhães Gandavo (1540-1580), não tardou muito para perceber que estava diante um mundo natural muito distinto daquele que até então conhecia: “Os outros animais que na terra se acharão [...] e alguns estranhos nunca vistos em outras partes.” (GANDAVO, 1964, p. 39-40). Estas ‘outras partes’, compreendemos que não resumia-se somente a Europa e Eurásia, também incluía a África, já que no século XV na costa atlântica do continente africano desembarcavam, com uma frequência cada vez maior, embarcações portuguesas, as caravelas. (FERNANDEZ-ARMESTO, 2008, p. 185).

De todos os seres vivos que habitavam o interior da *caá-etê*, por excelência, as espécies de aves eram numerosas superando as espécies de mamíferos, répteis, anfíbios e peixes. A floresta é um paraíso repleto de aves que inclui mais de 849 espécies. (SILVA; CASTELETTI, 2005, p. 76). A quantidade das aves fascinou Jean de Léry, um sapateiro por formação, que expressou em sua fala o fascínio que as aves exercem sobre ele. Relatou o francês Léry “me seria impossível especificar minuciosamente todas as aves existentes no Brasil” (LÉRY, 2007, p. 153). Sua ânsia em organizar e descrever tais animais é grande o suficiente para que se invista de uma tarefa que, em muito, extrapolava a que, originalmente o havia motivado a migrar para o Novo Mundo. A variedade das aves era digna de admiração, “entre as múltiplas variedades de aves que a natureza produz, dotando-as de características particulares que distinguem umas das outras tornando-as mais ou menos dignas de admiração”, informou um extasiado André Thevet (1978, p. 157).

Certamente, um dos motivos para tantas espécies de aves, seja, a extraordinária quantidade de espécies da flora. A fauna e flora formam uma bela e dinâmica parceria.

No caso das aves, estas coevoluíram com diversas plantas na polinização e dispersão das sementes e, inclusive, na defesa de algumas plantas. Também algumas espécies vegetais tornam-se a morada preferencial de inúmeras espécies voláteis, garantindo a perpetuação de futuras gerações. A coevolução entre a biomassa vegetal e avifauna nos mostra o quanto a MA é um sistema único, extremo e de alta complexidade. (DEAN, 1996, p. 33).

Cerca de 160 espécies de aves da MA são endêmicas, isto é, não existem em nenhum outro tipo de ambiente no mundo (SIMÕES, 2010, p. 9). O endemismo das aves fora percebido pelos colonizadores, como veremos na descrição de um escritor português Ambrósio Fernandes Brandão, que observando as aves tropicais notou que algumas águias são exclusivas da MA, “[...] aves de volataria há logo nesta terra do que em Irlanda, nem em outra parte do mundo.” (BRANDÃO, 1966, p. 157). De modo geral, os viajantes perceberam um fenômeno muito particular da floresta tropical, o endemismo. Existem espécies da fauna e flora tropical que são únicas no planeta terra, no sentido, que são encontradas apenas em uma região, não podendo haver em outras, isto significa que são espécies endêmicas de uma específica região. (SILVA; CASTELETTI, 2005, p. 76). Segundo o pesquisador britânico Warrel Dean, no interior da MA, diversos locais tem sido postulados como centros de endemismo de pássaros e outros animais. Ou seja, espécies que não conseguiram expandir sua área de ocorrência para além de suas fronteiras, ou que ali haviam encontrado um refúgio quando sua área de ocorrência tornou-se restrita (DEAN, 1996, p.33).

Na América do Sul o bioma da MA, a Floresta Amazônica e as Florestas Andinas estão separadas por outros biomas. A caatinga e o Cerrado, ambos de vegetação aberta, separam a MA da Floresta Amazônica e das Florestas Andinas, e o Chaco, de vegetação seca nas depressões centrais sul-americana, separa a Floresta Amazônica das Florestas Andinas. Este isolamento resultou na evolução de uma biota única, com numerosas espécies endêmicas. A causa deste isolamento está na sua história evolutiva, de períodos de contato entre as florestas, seguido, de períodos com isolamento (SILVA; CASTELETTI, 2005, p. 44).

Os momentos de restrição na formação geológica da MA, são devido aos intervalos glaciais do Quaternário que duravam muito mais tempo que os intervalos de temperaturas mais altas. Nos intervalos glaciais a floresta diminuía seu território, afastando-se de outros biomas como a Floresta Amazônica e, também, se fragmentava à medida que afundava em vales costeiros. Depois, quando o intervalo findava, e com a

volta das temperaturas mais altas a MA se reconstituía. Acredita-se que cada uma destas expansões e retraimentos, foi transformando as inter-relações das espécies da floresta. E tal inconstância seria a explicação para a grandiosa biodiversidade, inclusive, diante de outras florestas neotropicais. O processo de formação de uma espécie ocorria na fase de encolhimento da floresta, pois o fator do isolamento é o pré-requisito para a formação de espécies endêmicas (DEAN, 1996, p. 36).

O tucano, com seu bico descomunal, impressionou todo colonizador que conseguiu avistá-lo na copa de uma árvore da colônia. Não tardou muito para que os cronistas percebessem a lição de endemismo que aquela ave, com uma anatomia única, poderia lhes dar: “estas aves não são encontradas senão na América, na região que vai desde o rio da Prata ao das Amazonas” (THEVET, 1978, p. 140). Observou o frade franciscano André Thevet, concluindo que “De resto, os tucanos vivem na mata.” (THEVET, Op. cit, p. 140). Dentre as espécies endêmicas os cronistas se deparariam ainda com beija-flores, sanhaços, marsupiais, patibos e inúmeros outros limitados à MA (DEAN, 1996, p.33). O endemismo das espécies demonstra o quanto os colonizadores estavam diante de uma floresta dotada de uma complexidade que iria impressionar por séculos.

Sabemos que o endemismo não é distribuído de modo homogêneo, algumas sub-regiões biogeográficas são áreas de ocorrência endêmica como as florestas úmidas do Nordeste; os Brejos nordestinos dos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco; a Diamantina na Bahia e a Serra do Mar, cadeia de montanhas costeiras que abrange do Rio de Janeiro à porção norte do Rio Grande do Sul, e, é nesta sub-região da MA que ocorre o maior índice de aves endêmicas, e ainda ameaçadas à extinção. (SILVA; CASTELETTI, 2005 p. 45-46). A região da Serra do Mar desde a colonização europeia é uma geografia de grande ocupação humana, decerto, o que contribui para a extinção das aves.

Fatores físicos, geológicos e climáticos fizeram desta floresta tropical grandiosa na diversidade de espécies, e que, proporcionou, aos primeiros europeus que nela adentraram um volume incontável de informações em forma de cores, cantos, tamanhos e formas. Estes homens, recém-desembarcados nas bordas da MA puderam constatar toda diversidade de um ambiente repleto de vida.

No teatro das criaturas aladas, as psitácidas³ certamente ocuparam o palco durante a maior parte do tempo. O deslumbre causado pelas suas cores, inteligência e, principalmente, a capacidade de imitar a voz humana motivou descrições entre, praticamente, todos os cronistas, viajantes e missionários que se dedicaram a registrar o que viam na nova colônia: “de papagaios há inumerável quantidade.”, Afirmava Brandão (1966, p. 155). O franciscano francês André Thevet, por exemplo, teve o cuidado de apontar onde poderia ser encontrada a maior quantidade possível de papagaios: “nos bosques, há uma infinidade de papagaios selvagens” (THEVET, 1978, p. 158). Os papagaios, assim como as corujas e gaviões, são espécies de ampla distribuição em várias regiões da MA (SILVA; CASTELETTI, 2005, p. 76). Talvez a razão para que viajantes pudessem encontrar psitácidas em distintas regiões.

E o levantamento das populações de papagaios continuava. Segundo Fernão Cardim: “para o sertão [...] está cheia de ilhotes mui aprazíveis, cheios de muitos papagaios.” (CARDIM, 1980, p. 295). Ainda segundo Cardim, em algumas regiões, as populações destas aves de bicos curvos eram tamanhas que “[...] ha Ilhas onde não ha mais que papagaios” (CARDIM, Op. cit, p. 50). Os colonizadores, rapidamente, percebem que estão diante daquilo que hoje consideramos, na moderna taxonomia zoológica, de Gênero. Jean de Léry observa, em suas crônicas que “os papagaios nessa terra do Brasil são de três ou quatro espécies.” (LÉRY, 2007, p. 84-151).

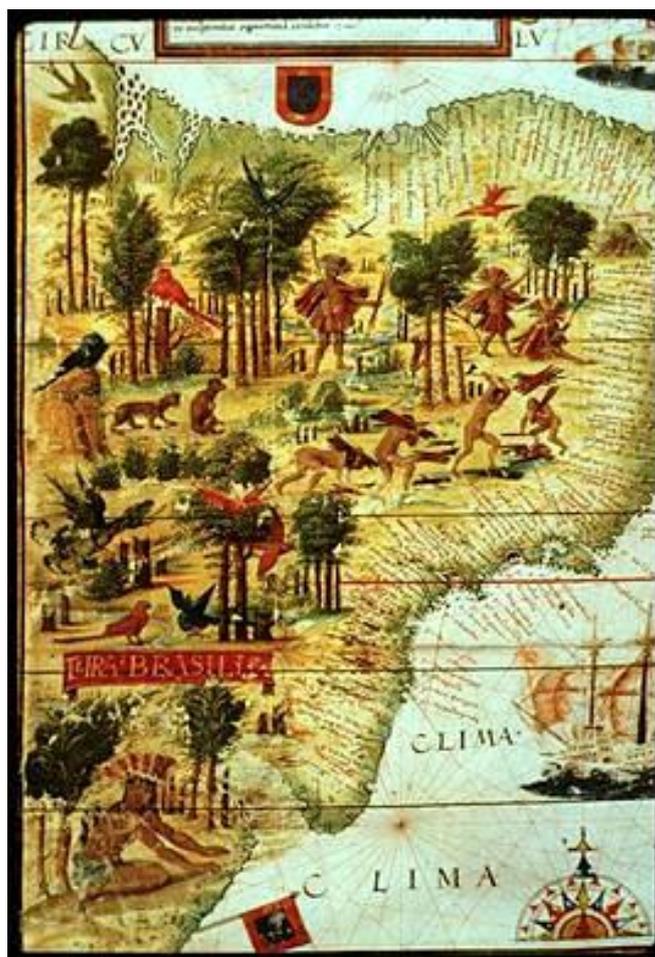
A relevância dos papagaios nas cartas, crônicas, tratados e mapas era tamanha que, rapidamente, os mesmos se tornaram uma referência da nova colônia portuguesa: “são tantos aqui que esta quase se tornara a terra dos papagaios.” (CARDIM, 1980, p. 50). A Terra de Vera Cruz, com tantos psitacídeos, tornou-se conhecida na Europa como a ‘Terra dos Papagaios’. O veneziano Domenico Pisano Nuncio, que morava em Portugal, ao mandar uma carta a vossa senhoria de Veneza em 27 de Junho de 1501, mencionava sobre a nova terra descoberta pelos portugueses, que se encontrava acima do cabo da Boa Esperança, em direção ao Ocidente, a que chamavam da ‘Terra dos Papagaios’. Pietro Pasqualigo, embaixador de Veneza em Lisboa, que presenciou o regresso da frota de Pedro Álvares Cabral, escreveu uma carta datada de 18 de Outubro de 1501, dizendo “*Terra delli Papagá*” que, posteriormente, seria chamada a terra do Brasil (SEIXAS, 2003, p. 58). Também, Giovanni Matteo Cretino, diplomata veneziano

³Psitácidas, nomenclatura de aves da família de Psittacidae composta por araras, papagaios e periquitos. Seus representantes, distribuídos por todas as regiões tropicais do mundo, destacam-se por certos caracteres físicos, como as pernas curtas, mais apropriadas para o poleiro do que para a marcha, e os pés zigodátilos. (FRISCH, 2005).

em Portugal, informou aos seus superiores em Veneza, que os portugueses tinham encontrado uma terra que habitavam tantas espécies de papagaios e que chegavam a ter um braço e uma metade de comprimento e, de várias cores, que a chamavam da ‘Terra dos Papagaios’. (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 14).

Ressaltamos que não menos importante que a madeira pau-brasil, as psitácidas foram referência sobre a localidade e características da nova colônia, como demonstrado na figura 1. O mapa *Terra Brasilis*, além de referenciar sobre a localidade da colônia portuguesa, informa a cerca das suas peculiaridades naturais: uns indígenas enfeitados, outros trabalhando na extração predatória do pau-brasil, mamíferos e algumas aves que, certamente, pelas cores de azul e vermelho, trata-se de araras. Pelo intenso tom de vermelho, poderíamos identificar como a espécie guará, mas a cauda longa é característica específica das araras, da família das psitácidas.

Figura 1: *Terra Brasilis*, Lopo Homem (com Pedro e Jorge Reinel), mapa do Atlas Miller, 1515-1519.



Fonte: BELLUZZO, 1999, p.68

Eram tantas as castas (como se referiam os colonizadores) de papagaios que estes, no Novo Mundo, chegavam a superar, em número, aves comuns da Europa, como o corvo: “os papagaios são mais comuns aqui do que os corvos, e de diferentes espécies.” Observou impressionado José de Anchieta (1988, p. 133). Também superavam as gralhas, zorzais, estorninhos e até pardais da Espanha, “os papagaios nesta terra são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardaes de Espanha [...] e varias especies”. (CARDIM, 1980, p. 50). Nem mesmo as gralhas e estorninhos, tão comuns no reino de Portugal, superavam os papagaios da colônia: “destes papagaios há na terra mais quantidade do que cá entre nós ha de gralhas ou de estorninhos.” (GANDAVO, 1964, p. 47). As populações destas ruidosas e coloridas aves eram tamanhas que só poderiam ser comparadas, em termos numéricos, aos pombos domésticos europeus: “de papagaios há inumerável quantidade como as pombas o fazem na nossa terra.” (BRANDÃO, 1966, p. 155). O sapateiro e missionário francês Jean de Léry, após observar inumeráveis grupos de psitacídeos voando na colônia, chega a mesma conclusão numérica que o português Gandavo: “os papagaios [...] por existirem em tamanha abundância quanto os pombos em França.” (LÉRY, 2007, p. 84-151). Pombos domésticos eram, e continuam sendo, as aves mais numerosas encontradas em ambientes urbanos europeus.

Ao observarmos tais relatos, concluímos o quanto que os europeus ficaram deslumbrados com os papagaios sul-americanos. Não porque desconheciam tal Ordem de aves, afinal, várias espécies de psitacídeos africanos, especialmente da Guiné, já haviam sido levadas para o Velho Mundo por navegantes e mercadores. Porventura a razão para tanta admiração por parte dos colonizadores com relação às espécies sul-americanas, tenha sido, o tamanho, as cores e a sua origem. Afinal, tratavam-se de exemplares oriundos de um Novo Mundo (ASÚA; FRENCH, 2005. p. 14-15).

Além dos papagaios, outras famílias de aves surpreenderam por suas grandes populações, como os gaviões e falcões: “especialmente uns pequenos como esmerilhões, em sua quantidade o são tanto, que remetem a huma perdis” (GANDAVO, 1964, p. 45-56). A fim de situar seu leitor, Gandavo compara os falcões da Colônia com os esmerilhões (*Falco columbarius*), uma espécie de falcão com ampla distribuição pelo continente europeu. Entretanto, quando se remete à população das aves de rapina da colônia, o cronista português compara o volume destas as de perdizes do Velho Mundo. O que não é pouco.

As aves costeiras também chamaram a atenção pela sua quantidade. Os chamados “Guacá” eram tão numerosos, afirmava o impressionado Fernão Cardim, que: “Destas gaivotas ha infinidade de especies que coalhão as arvores e praias.” (CARDIM, 1980, p. 97). Difícil não imaginar o quanto esta espécie deve ter chamado a atenção até do mais pragmático colonizador. Conhecido como íbis-escarlata, guará-vermelho, guará-rubro e guará-pirang o *Eudocimus ruber* possui uma cor vermelha intensa. Tanto que seu nome científico significa do (grego) eu = bom; e dokimos = excelente, estimado; e do (latim) ruber = vermelho. Se levamos em conta, que o primeiro ciclo mercantil da América portuguesa se concentrou na busca e beneficiamento de uma árvore, que fornecia um pigmento vermelho, altamente desejado na Europa da era moderna, não é de se espantar os relatos de árvores e praias “coalhadas” destas aves vermelhas.

É interesse notar que cronistas, como Fernão Cardim, preocupam-se em deixar claro que, apesar da quantidade considerável de aves da cor vermelha no litoral da América portuguesa, todas pertencem a uma única espécie: “Guará [...] são muitos em quantidade, mas não têm mais que esta espécie.” (CARDIM, 1980, p. 98-99). Uma afirmação que, certamente, pode ser interpretada como uma preocupação em expressar critério e minúcia na descrição da fauna nativa da nova colônia.

Em se tratando de minúcia, os colonizadores não deixaram de observar, também, as inúmeras e várias espécies que compõem a família de uma ave minúscula e endêmica do Novo Mundo. Os beija-flores surpreenderam pela sua diversidade, como observou o jesuíta José de Anchieta “ha ainda outros passarinhos, chamados Guainumbí [...] dêsses ha vários gêneros.” (ANCHIETA, 1988, p. 134). Tal variedade de espécies também não passou despercebida por outro jesuíta. Fernão Cardim, inclusive, tem o cuidado de anotar que haviam espécies distintas dentre aqueles passarinhos pequenos e velozes. Dentre estes, ele nomeia os “Guainumbig, destes passarinhos ha varias especies, sc., Guaracigá, sc., fructa do sol, por outro nome Guaracigoba, sc., cobertura do sol, ou Guaracigaba, sc., cabelo ao sol” (CARDIM, 1980, p. 52-53).

As aves que se encontram nas zonas rasteiras da mata também são encontradas em multidão, como os jacus que “se acham pelos bosques e campos grande multidão de jacus, que são como galinhas silvestres.” (BRANDÃO, 1966, p. 150). E “quanto às aves silvestres, apanham-se algumas no mato [...] Iacutin, Iacupem, iacu-assú, mocacouá, inambú-uassú, muton, pegassu , paiacaru [...] que e encontra em grande abundância nas matas, nas praias e às margens dos rios e lagoas.” (LÉRY, 2007, p. 148-149). As Emas

também se encontram em grandes quantidades, “Nhandugoaçu – nesta terra ha muitas Emas, mas não andão senão pelo sertão dentro.” (CARDIM, 1980, p. 56). Rolas “Jaueti [...] pairari, paraj sebui picaieba picuipitanga, picuiguaçu Tubura há grandes bandos destas.” (SOARES, 1966, p. 133).

A diversidade de espécies proporcionada pela floresta tropical úmida e o comportamento gregário de muitas espécies, foram qualidades que contribuíram para associar o Novo Mundo com as características edênicas, já que eram estas as mesmas qualidades contidas na descrição do Jardim do Éden, mencionado no livro do Gênesis (2, 8-17). Para muitos navegadores, evangelizadores, colonos e aventureiros o encontro com a natureza do Novo Mundo não deixou dúvidas de que haviam encontrado o Jardim do Éden, um paraíso distante. Diante de uma natureza rica em abundância, confirmaram o entendimento, do início da era Moderna, de que o paraíso era uma porção de terra em algum lugar ainda desconhecido dos europeus (SEIXAS, 2003, p. 22-61).

No interior do Novo Mundo surgiam e proliferavam os Eldorados e outros mitos de terras fabulosamente ricas, que se apoiavam na tradição clássica ou nas proezas lendárias. Os relatos destes exploradores alimentavam desejos e mitos, o que, por sua vez, reverberava em mapas repletos de maravilhas. A literatura de viagem falava de um mundo fantástico, que não se reduzia a fatos facilmente classificáveis (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2008, p. 313-315).

Influenciando a ideia de um paraíso terrestre, a tradição clássica mencionava, por exemplo, um complexo de ilhas afortunadas que se encontravam, em algum lugar, em mares orientais distantes. Tais ilhas eram repletas de fecundidade com um clima paradisíaco (SEIXAS, 2003, p. 22-25). Há quem defenda que foram as necessidades econômicas da exploração que encorajavam tais percepções de um paraíso alcançável por mar. As grandes navegações eram um negócio que necessitava de investimentos consideráveis de capital, e que só gerava lucros esporadicamente. Tal linha de pesquisa acredita que para renovar a confiança dos investidores, os exploradores utilizavam-se, estrategicamente, de tais relatos paradisíacos em seus relatos. (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2008, p.352).

Esta geografia fantástica, resultante do contato entre antiguidade, livro do Gênesis e explorações náuticas foi algo típico do século XVI. Havia uma predileção pelo maravilhoso permeada por uma fidelidade pelos antigos, mas que ainda, havia claros elementos de racionalidade. Estes, encontrados, por exemplo, nos estudos

matemáticos, cartográficos, astronômicos, meteorológicos e navais do período (FOUCAULT, 1999, p. 46). O pensamento do século XVI em geral, com o neoplatonismo e as tradições cristãs, cultivava a crença de uma natureza com dois lados opostos: um lado do mundo estava Deus e seus anjos e, do outro, o homem e seu mundo terrestre. Ambos em extremo, o mundo de Deus com a possibilidade de ser alcançado, e a existência de uma relação intensa entre o macrocosmo (universo) e microcosmo (terra), na qual o homem é a imagem do universo e este, na chamada Grande Cadeia do Ser⁴, o homem era o elo entre o mundo celestial e sublunar (DEBUS, 2002, p. 12). Tanto acreditavam nestes dois mundos que algumas interpretações medievais como a de Tomás de Aquino, até localizava aonde poderiam encontrar o paraíso, seria perto da região equatorial do mundo (TOMÁS DE AQUINO, 2002, p. 696). Assim, quando os primeiros exploradores europeus desembarcarem no Novo Mundo, de clima tropical e com altas temperaturas, puderam acreditar na possibilidade de terem encontrado o Paraíso, ou, ao menos, este estaria por perto. (SEIXAS, 2003, p. 24-32).

Os indícios físicos que constatavam a semelhança do Novo Mundo com o Jardim do Éden eram disseminados por algumas marcas e sinais. Segundo Tomás de Aquino, o Jardim do Éden era repleto de plantas e árvores, e era uma terra, desconhecida de todos (TOMÁS DE AQUINO, 2002, p. 695). Estas características também eram encontradas nos relatos do Novo Mundo e foram sinais para assemelhar as terras recém-descobertas com o paraíso do Éden. Como salientou Michel Foucault, a marca ou sinal de alguma coisa nos apresenta o seu significado, porque todas as coisas do mundo tem uma marca que faz assemelhar-se a alguma outra coisa, esta marca é para assinalar algo, isto é, tornar visível uma ‘figura’ para que a semelhança e, o conseqüente, significado de alguma coisa venha à luz. (FOUCAULT, 1999, p. 43).

Uma vez reconhecida a terra de Vera Cruz como o paraíso terreal, o tratamento para com a fauna também estaria na base desta percepção de um ambiente fantástico, já que os habitantes do paraíso eram igualmente fantásticos. (SEIXAS, 2003, p. 49). Importante salientar o alto grau de novidade biológica, ou seja, de animais totalmente desconhecidos aos europeus (DEAN, 1996, p. 134). Todos os dias estar na América

⁴ A Grande Cadeia do Ser era uma teoria fixista que fundamentava o conhecimento que não previa transformações no mundo natural, onde todos os seres da natureza formavam uma única cadeia, que se iniciava no mais simples organismo até chegar ao mais complexo indivíduo: o ser humano. Apesar de abordar o tema diretamente, o conceito só foi realmente sistematizado no Renascimento, conhecendo seu auge em meados do século XX, com a obra “A Grande Cadeia do Ser” De Arthur O. Lovejoy (WILSON, 1987; ARIZA; MARTINS, 2010, p. 22).

portuguesa era vivenciar as sensações de se deparar com o novo. Afinal, tratava-se de um bioma completamente distinto de todos aqueles, com quais os colonizadores europeus estavam familiarizados. Associado a isso, havia um perceptível fascínio pela natureza colonial que se descortinava por detrás daquele Novo Mundo que permanecera oculto por entre temerosos mares. Muitas das espécies que habitavam a nova colônia portuguesa, tanto pela sua novidade, quanto beleza e estranheza, foram consideradas grandes prodígios da criação (SEIXAS, 2003, p. 49-83).

Os pequenos e ágeis beija-flores, por exemplo, tiveram sua reprodução descrita a partir de um paradigma que, apesar de ser facilmente considerado por nós como fantástico, era relativamente comum no campo da Filosofia Natural: o de que uma espécie, por geração espontânea, ou degeneração, pudesse originar outra⁵. Esse é o caso do Guainumbí “dêsses ha vários generos, dos quais um, afirmam todos, que se gera da borboleta.” (ANCHIETA, 1988, p. 146). Fernão Cardim também descreveu esta excêntrica ave:

Guainumbi [...] tem dois princípios de geração: uns se geram de ovos como outros pássaros e outros de borboletas, é coisa para ver, uma borboleta começar-se a converter neste passarinho, porque juntamente é borboleta e passarinho e assim vai se convertendo em passarinho, coisa maravilhosa e ignorada pelos filósofos, pois um ser vivo sem corrupção se converte em outro. (CARDIM, 1980, p. 52-53).

Os beija-flores, aves da família Trochilidae, composta por 108 gêneros e 322 espécies conhecidas, são um exemplo da atenção e minúcia dos colonizadores ao relatarem o que estão observando a cada incursão na floresta. Compõe o rol das menores famílias de aves do mundo, algumas espécies, como o topetinho-vermelho (*Lophornis magnificus*) não passam de 6,8cm. A curiosidade filosófica natural destes homens ficou evidente quando suas atenções se voltam para as aves não reduzidas somente ao valor mercantil. A percepção de um colonizador português pragmático, atento somente aos componentes da natureza que poderiam ser explorados e comercializados, contrapõem-se aos inúmeros relatos, descrições e crônicas que se preocupam em descrever pequenos animais como os beija-flores.

⁵ Aristóteles acreditava que alguns seres (insetos, enguias, ostras) apareciam de forma espontânea, sem serem frutos da “semente” de outro ser vivo. Essa concepção é conhecida como geração espontânea e parece ter sido derivada dos pré-socráticos, que imaginavam que a vida, assim como toda a diversidade do mundo, era formada por poucos elementos básicos. A idéia de geração espontânea está também presente em escritos antigos na China, na Índia, na Babilônia e no Egito, e em outros escritos ao longo dos vinte séculos seguintes, como em van Helmont, W. Harvey, Bacon, Descartes, Buffon e Lamarck. (DAMINELLI, 2007, p. 263).

O jesuíta Fernão Cardim, e em menor grau José de Anchieta, ao descrever as duas formas de reprodução dos beija-flores, possibilita a observação de outra característica marcante do homem ibérico do século XVI: a percepção de que muitos seres vivos poderiam se gerar a partir de reprodução sexuada, ou seja, um macho e fêmea da mesma espécie e a de que também poderiam se originar de outra espécie distinta, no decurso de um processo de degenerescência. Com o passar do tempo, este último processo ficou conhecido na História das Ciências como “geração espontânea” ou “abiogênese”.

Interessante notar, entretanto, como o princípio da geração de um ser a partir de outro torna-se convenientemente eficiente para Fernão Cardim, quando este se depara com um fenômeno que se tornaria famoso entre os estudiosos do mundo natural. Ao relatar a maravilha de observar como uma “borboleta converte-se em passarinho”, este atento jesuíta português nos fornece um dos primeiros relatos de um fenômeno da natureza conhecido como mimetismo. Cardim havia se deparado com a *Macroglossum Stellatarum*, conhecida até hoje pelo nome popular de mariposa-beija-flor.

Fernão Cardim identificou um inseto que, até hoje, segue enganando os olhares menos atentos. A mariposa-beija-flor é um inseto altamente especializado que, no decorrer de seu processo evolutivo, acabou desenvolvendo características físicas muito semelhantes às dos beija-flores. Além de sua aparência, tais mariposas também se alimentam, locomovem e vibram as asas quase na mesma velocidade dos beija-flores. Trata-se de uma estratégia evolutiva para confundir predadores, principalmente aves (BRUNELLI, 2013, p. 168). Ao compreendermos os mecanismos do mimetismo e os paradigmas vigentes no século XVI, que permitiam o entendimento que uma espécie, por degeneração, poderia gerar outra, não é difícil entendermos como o jesuíta Fernão Cardim concluiu que, por vezes, a mariposa-beija-flor dava origem aos beija-flores.

Esta questão de uma possível origem fantástica dos seres vivos vem de uma herança dos bestiários medievais⁶ que provinham, em grande escala, da História Natural de Plínio, o Velho escrita no século I. Plínio relatava animais fabulosos e monstruosos que, depois, foram reproduzidos nos bestiários medievais e, no início da era Moderna,

⁶ Durante a Idade Média surgiram os Bestiários, coletâneas com ricas e ilustrativas informações e ensinamentos sobre um mundo animal, real e imaginário. Os animais tidos como *bestas* eram aqueles ferozes e violentos, que recebiam significações simbólicas e doutrinárias pela Igreja Católica. Os bestiários compunha um material literário fictício, fabuloso, com criaturas anômalas, perversas e monstruosas que habitam regiões remotas do globo, tudo em função de uma ideologia para explicar a onisciência e onipotência divina de interferir na ordem natural. Por mais que a doutrina cristã abominasse a sabedoria pagã nos bestiários, é possível encontrarmos nestes a influência do conhecimento dos mestres filósofos da antiguidade clássica. (FONSECA, 2009).

retransmitidas e reinterpretadas para sociedade (DEBUS, 2002, p. 35). Esta visão dos animais como seres fantásticos que poderiam se reproduzir de maneiras não convencionais, perpetuou-se para além da antiguidade. No século XVI o saber ainda era conjugado com a magia e a erudição, uma mistura instável de saber racional com noções de práticas mágicas e um herança cultural de textos antigos que haviam sido replicados quando redescobertos. (FOUCAULT, 1999, p. 46). A ausência de distinção entre físico e metafísico não podou a crescente confiança em um empirismo baseado na observação e aproximação gradual ao que chamamos hoje experimentação. (DEBUS, 2002, p.8).

O gigantesco e verdejante bioma da MA, com espécies da avifauna e flora antes desconhecidos, tão distintos quanto a tamanhos, formas e cores, levaram os primeiros colonizadores a pensar o que seria esta terra? Dentro do universo do homem do renascimento a conclusão de que se estava diante de um paraíso perdido criado por Deus foi logo ponderada. Ficaram os navegadores convencidos de terem encontrado nas viagens reais todo o complexo mundo de seus mitos. (SEIXAS, 2003, p.36). Mas ao fato, os mitos passariam a não sustentar tanta grandiosidade de vida natural porque o próprio processo de conhecimento da natureza levou à uma queda gradual destes paradigmas. Quanto mais conheciam, observavam, descreviam e desbravavam a MA, mais percebiam o quanto as espécies da nova colônia eram numerosas, diferentes e inusitadas, daquelas mencionadas na Arca de Noé.

As aves do Novo Mundo provocaram a ruptura dos paradigmas na história natural do século XVI, devido a elas, e todos outros espécimes da vida natural, os filósofos naturais tiveram que requintar suas explicações acerca do mundo. A ciência foi construída por transformações graduais e irreversíveis, verdadeiras revoluções científicas, e não pelo acúmulo de conhecimento. Quando uma tradição do conhecimento muda, a percepção que o pensador, filósofo ou cientista tem de seu meio ambiente deve ser reeducada, para que então, possa ver o mundo com um novo olhar. As descobertas provenientes da expansão marítima no século XVI mudou o mundo dos filósofos, pois foi a partir das grandes navegações que a Europa deteve conhecimento a cerca dos continentes da América, África e Ásia. Desde a pangeia tais continentes já existiam, simplesmente, a mudança e novidade vinda à tona foi o contato e conhecimento da Europa com estas ‘novas’ terras. Portanto, foi o mundo dos filósofos que mudou, passou a incorporar estas novas terras nas suas explicações filosóficas, ou

seja, a partir das descobertas ultramarina a filosofia natural necessitou de uma nova visão, e assim, criando novos paradigmas. (KUHN, 1998, p. 145-160)

Esta mudança de paradigma enfatizada por Kuhn que é inerente ao próprio curso normal da ciência, no início da era Moderna foi inevitável, com a descoberta do Novo Mundo, isto porque, o inerente processo humano de deslocar-se, conhecer e descobrir gera mudanças na percepção de seu ambiente. No curso da ‘ciência normal’ surgem problemas que seriam espécies de anomalias, gerando certa perturbação, que necessita recolocar os novos dados a teorias já existentes, e quando sem sucesso, a crise do paradigma propagará em direção a uma revolução. (BARTELMÉBS, 2012, p. 355).

A observação das aves pelos europeus despertava, diariamente, neles uma curiosidade. Nos relatos sobre estes animais aplicavam uma descrição minuciosa de suas características. Sempre agregando a semelhança das aves nativas com as espécies de aves da Europa, por meio da comparação daquilo que era natural a eles. Por isso, na descrição das aves da colônia, comparam as mesmas com as de Portugal ou Espanha. Sobretudo, no que se refere as semelhanças visíveis entre as mesmas: “há nesta terra muitas especies de rolas, tordos, melros e pombas de muitas castas, e todas estas aves se parecem muito com as de Portugal.” (CARDIM, 1980, p.56). Aquela construção do saber que media o mundo e as coisas por meio das figuras de linguagem das similitudes, algo tão característico do século XVI, encontrou na América do Sul a total necessidade de colocar em prática o seu ofício da comparação de todas as semelhanças possíveis entre dois mundos. Naturalmente, tal processo passava buscar todos os sinais, marcas e signos da essência da natureza colonial (FOUCAULT, 1999, p. 34). Os europeus descreverem as aves na *convenientia*⁷ das mesmas com seus diferentes habitats, quer fossem na água, céu, chão e ar. Neste processo, não seria ignorado, também, todo o vasto saber indígena acumulado em milhares de anos de exploração e contato com os elementos vivos da floresta.

Com os relatos das aves sul-americanas, uma *aemulatio*⁸ silenciosa partia das cartas e tratados do Novo para o Velho Mundo, com a finalidade de dar vida aos traços

⁷ *Convenientia* é uma forma de similitude que caracteriza-se pela aproximação. Ou seja, as coisas tornam-se semelhantes quando uma coisa aproxima-se da outra, tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra. É uma semelhança ligada ao espaço. A semelhança impõe vizinhanças que, por sua vez, asseguram semelhanças. O mundo é uma conveniência universal das coisas; há tantos peixes na água quanto animais sobre a terra (FOUCAULT, 1999, p. 34-35).

⁸ *Aemulatio* é uma forma de similitude que atua de modo imóvel, na distância, uma semelhança sem contato. Na emulação existe algo do reflexo e do espelho: por ela, as coisas dispersas através do mundo se correspondem. As coisas podem se imitar de uma extremidade a outra do universo sem proximidade (FOUCAULT, 1999, p. 35-36).

dos desenhos e pinturas de uma fauna alienígena, por vezes, fantástica. Com a figura de linguagem da *aemulatio*, o oceano ausentou-se da função de obstáculo para que imagens e noções das aves nativas prosperassem no imaginário daqueles que nunca estiveram na colônia portuguesa. Mesmo sem a proximidade, imagens cunhadas em pranchas, debuxos e desenhos formavam um reflexo dos constituintes dispersos de uma natureza alienígena. Mesmo longe e sem contato direto, o europeu, por intermédio da *aemulatio*, uma similitude originária mesmo com a distância, passou pela experiência de se deparar com um Novo Mundo. (FOUCAULT, 1999, p. 36).

Expedições como de Cristóvão Colombo (1451-1506), James Cook (1728-1779) e depois Louis Antoine de Bougainville (1729–1811) forneceram, por intermédio de suas cartas, relatos e crônicas, todo um universo de informações, dados e descrições que permitiram construir um grande e multifacetado contexto em que se consolidou o encontro entre o Velho e o Novo Mundo. Os intercâmbios, principalmente aqueles oriundos de trocas zoológicas e botânicas, foram responsáveis por profundas alterações na dinâmica ambiental, cultural e econômica de todo lugar que tivesse um porto em mar aberto (ROBBINS, 2002, p. 12). Surgia um vasto movimento de correspondências e trocas que alimentaram os estudiosos em filosofia natural na Europa. Do Novo Mundo partiam de modo constante variados objetos, cartas e até espécimes vivos rumo ao continente europeu. (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 109).

As explorações nas novas terras da América, Ásia e Índia, no efervescente século XVI, contribuíram para que descrições, como de aves, se tornassem muito mais complexas e pormenorizadas. Um “fazer ver” começava, gradativamente, a ocupar o espaço de um paradigma filosófico-natural que, antes, baseava-se em uma profunda tradição herdada da cultura clássica, em que o ouvir, o falar e o saber dos antigos determinavam a construção e organização dos saberes sobre o mundo natural. A circulação de imagens sobre animais e, especificamente, aves encontradas nas novas terras que se descortinavam com a expansão europeia começa, ainda que timidamente, nos primeiros anos do século XVI. A partir daí o volume de descrições, relatos, pranchas e espécimes taxidermizados aumenta exponencialmente até o fim do século XVIII (DEBUS, 2002, p. 40). Diferente do que se podem imaginar, os novos animais e plantas encontrados fora dos limites do continente europeu geravam interesse e curiosidade por uma ampla parcela da população (ROBBINS, 2002, p. 16).

A correspondência das cartas, descrições e imagens do Novo para o Velho Mundo, e o sucesso desta *aemulatio* silenciosa, gerou uma série de trabalhos produzidos

na Europa sobre os animais das novas terras. Como o livro *Exotica* de Carolus Clusius (1525-1609), com descrições de animais feitas a base de imagens. De maneira metódica, Clusius organizou sua obra em capítulos dedicados a cada animal que ele teve contato que, por sua vez, os obteve em um museu da cidade belga de Tournai. Os desenhos e descrições, encontrados na obra de Clusius, incluíam, além do nome do animal, suas dimensões (comprimento, altura, largura). O trabalho de Clusius é uma interpretação de imagens e uma translação para dentro do mundo natural encontrado no além-mar, passou a confiar mais nestes novos relatos e imagens, do quem em clássicos da antiguidade (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 109).

E o trabalho continua, ao longo do século XVI, estas movimentações de cartas e relatos com descrições e imagens só tendem aumentar, na Europa, estudos monográficos sobre a fauna. No que se refere ao estudo das aves poderíamos destacar Conrad Gesner (1516-1565), Guillaume Rondelet (1507-1566), Pierre Belon (1517-1564) e Ulisse Aldrovandi (1522-1605) que desenvolveram um trabalho de observação, descrição e classificação dos animais até então conhecidos como voláteis. (DELAUNAY, 1997, p. 267).

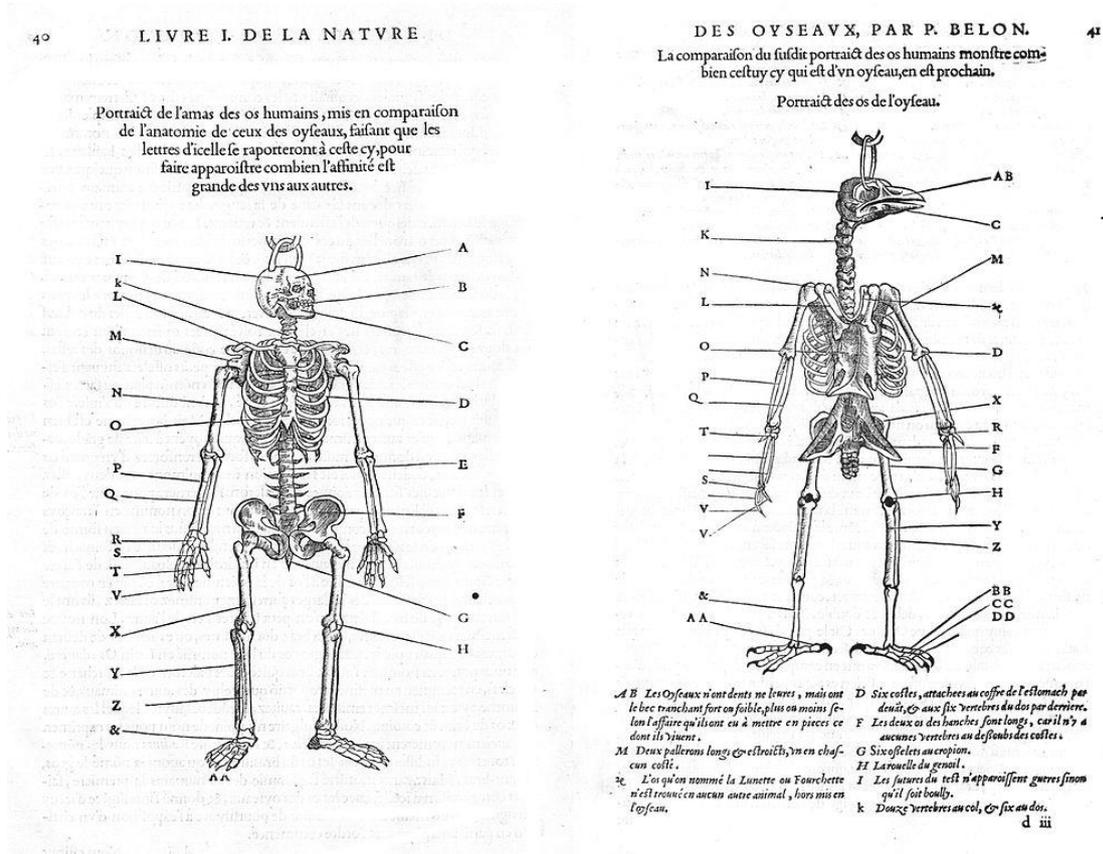
Conrad Gesner (1516-1565) na sua obra *História Animalium* publicada em 1551-1558 e 1587, classificou muitas aves de terras distantes, contatadas a partir da expansão ultramarina europeia. Dentre elas, as impressionantes aves do paraíso (aves da família *Paradisaeidae* oriundas da Australásia), foram descritas e ricamente ilustradas. Preocupado com imagens precisas, Gesner utilizou observações e histórias de seus contemporâneos, que estiveram em contato direto com estas aves exóticas do Novo Mundo, como a obra ‘Singularidades da Franca Antártica’, publicada em 1557 pelo francês André Thevet que passou pela colônia brasileira. Somado a tais relatos, Gesner imprimiu toda uma riqueza proverbial. De certa forma, este filósofo natural suíço queria enriquecer suas descrições por meio de associações emblemáticas. Gesner queria um novo animal (ASHWORTH. FR, 2005, p. 27).

Gesner continuou a busca por informações sobre os animais recém-descobertos até então desconhecidos dos grandes autores da antiguidade. Também se dedicou a descrever habitat, fisiologia, doenças, hábitos, utilidade e dieta. Um trabalho que, em um primeiro momento, pode lembrar muito os dos filósofos da antiguidade. E assim, proporcionava, cada vez mais, um espaço para estes animais exóticos nos textos filosóficos que, até então, tinham solidificado o conhecimento clássico da natureza. Conrad Gesner se viu diante da possibilidade de realizar um processo de classificação e

nomeação sem precedentes, ao buscar encontrar um lugar, na filosofia natural europeia, para criaturas recém-contatadas como papagaios, tucanos e araras. (DEBUS, 2002. p. 36-54).

Outro filósofo natural que se propôs a reorganizar as estruturas da filosofia natural, no início da era Moderna, foi o francês Pierre Belon (1517-1564). Em 1555 publicou seu livro *L' Histoire de la nature des des Oyseaux*, que contém um famoso ensaio de “anatomia comparada”, com uma prancha contendo o esqueleto de um homem e de uma ave, lado a lado, como demonstrado na figura 2. A prancha da “anatomia comparada” inaugura a atenção da filosofia natural ao interior dos corpos e observância para com as semelhanças.

Figura 2- Anatomia comparada, de Pierre Belon (1555).



Fonte: <http://www.wikiwand.com/es/Anatom%C3%ADa_comparada>

Muitos trabalhos de anatomia surgiram neste período, e com aquela admiração e um infundável questionamento. Como o espanto causado pelo bico da exótica ave, o tucano (*Ramphastidae*), os filósofos naturais ficaram intrigados com tamanha “desproporcionalidade” (DEBUS, 2002, p. 39).

Na obra *L' Histoire de la nature des des Oyseaux*, Pierre Belon tratou pouco de aves europeias como o tordo, uma espécie que, à época, era um clássico entre os filósofos naturais dedicados ao estudo das aves e que, no Brasil, foi associado ao melro. Belon também estava interessado nos costumes e, ainda na filologia. Analisou o conteúdo gástrico do Grouse, trazendo luz sobre seu hábito alimentar, um método que os estudiosos de aves, neste período, não ponderavam empregar. Belon juntou observação e classificação. De modo geral, tratou sobre pássaros, peixes e mamíferos exóticos. Ele tentou estabelecer um sistema de classificação natural, algo novo até aquele momento, e tal sistema desenvolveu-se a partir de seu estudo sobre a fauna aviária americana. (DELAUNAY, 1997, p. 267).

Pierre Belon imprimiu suas observações pessoais nas descrições, apesar de manter uma referência ao trabalho de Aristóteles. E, assim como Conrad Gesner e Guillaume Rondelet, Pierre Belon insistiu em uma narrativa prolongada, que estivesse acompanhada de imagens feitas a partir de espécimes observados in loco. Diferentemente de Gesner, Pierre Belon não se interessava nos conhecimentos emblemáticos associados às espécies que observava e descrevia (ASHWORTH FR, 2005, p. 17-30).

A influência dos clássicos se mantivera no estudo das espécies exóticas. Os estudos enciclopédicos destes autores foram complementados por monografias de aves e mamíferos de outros autores que tentavam fugir do padrão da antiguidade. Ainda assim, alguns como Belon, Gesner e Rondelet não abandonaram o misticismo e a monstruosidade (DEBUS, 2002, p. 36-54). Belon acreditava, por exemplo, na capacidade de renascimento da mitológica ave fênix, esta referida pelos antigos na constelação de Apus e que, por sua vez, foi associado por este filósofo natural às aves do paraíso australasianas (DELAUNAY, 1997, p. 267).

A principal característica de Belon e Rondelet era a de privilegiarem uma visão observacional metódica, algo ainda se concretizando no renascimento. Entretanto, tal paradigma não somente conviveu como foi, por quase um século, ofuscado pela tradicional perspectiva emblemática de se fazer filosofia natural, muito característica da Idade Média, como os *bestiários*. Isso pode ser comprovado no fato de que as obras de Gesner estavam entre as mais publicadas e reeditadas. Fazia com que uma perspectiva emblemática do mundo natural se tornasse mais popular, sobretudo na última metade do século XVI. No livro de Gesner, '*Camerarius's*', encontramos uns quatrocentos emblemas de animais, incluindo aves. Cada emblema é ilustrado com uma gravura

requintada, e também com comentários. O '*Camerarius's*', definitivamente, não era um bestiário medieval, mas carregava vários de seus aspectos (ASHWORTH. FR, 2005, p. 30-31).

Também Ulisse Aldrovandi (1522-1605) se dedicou a estudar as aves. Apesar de suas descrições e considerações ainda abarcarem o fantástico e a tradição clássica, este filósofo natural italiano começa a questionar as descrições monstruosas (DEBUS, 2002, p. 36-54). Aldrovandi trabalhou com dados relacionados à heterogeneidade, mitologia, culinária, interação ambiental, morfologia, habitação e alimentação das aves. Foram dele algumas das primeiras descrições, que chegaram até o público europeu, das aves americanas: o tucano, arara e canário amarelo (DELAUNAY, 1997, p. 267). Somente após a morte de Aldrovandi a visão emblemática do mundo natural entraria em colapso. Passaria, então, a haver maior foco na descrição, anatomia e investigação. Possivelmente, as causas provinham daquilo defendido por Foucault, que depois de 1650 as pessoas, abruptamente, cessaram a pensar em termos de associação e similitudes, começando a olhar o mundo por meio de uma perspectiva que privilegiasse, analisasse e organizasse as diferenças. (ASHWORTH. FR, 2005, p. 35).

O contato com as aves do Novo Mundo contribui de modo inestimável à filologia entre os estudiosos das aves. Aldrovandi estudou a miologia e o parentesco entre aves a partir das espécies de psitacídeos americanos a que teve acesso. Assim como Pierre Belon, o filósofo natural italiano dissecou, pelo menos, duzentas espécies de pássaros (DELAUNAY, 1997, p. 267). Os estudos da taxonomia, classificação e filologia destes homens de letras seriam, no século XVII, a base para formação de catálogos cuidadosamente preparados com animais das regiões do mundo recentemente descobertas (DEBUS, 2002, p. 40).

Importante salientar que o conhecimento produzido pelos filósofos naturais do século XVI foi promovido pelos gabinetes de curiosidades, um ambiente exclusivo para a manutenção de coleções de animais, plantas, minerais e objetos culturais que foram recolhidos nas novas e distantes terras (ASHWORTH. FR, 2005, p. 65). Os gabinetes eram compostos por coleções, o próprio termo coleção, significa a reunião de objetos da mesma natureza e que tem relação entre si, e que eram destinadas ao olhar do público. Por meio dos gabinetes as coisas novas tornam-se visíveis (LOUREIRO, 2007, p. 3).

Os gabinetes de curiosidades foram uma grandiosa prática da cultura de curiosidade, que era fomentada pelas maravilhas e novidades do Novo Mundo. (WHITAKER, 2005, p. 75-80). Ulisses Aldrovandi com seu gabinete de curiosidade

tinha a intenção de concluir uma enciclopédia da natureza, antes iniciada por Aristóteles e Plínio, e, ao contrário destes, o seu trabalho seria por meio da coleção de dados. Então, Aldrovandi foi um grande colecionador tanto nos seus trabalhos de coleta como na descrição de espécies, em 1595 seu gabinete tinha 18 mil espécies (BLOOM apud LOUREIRO, 2007, p. 5).

As coleções de história natural nos gabinetes de curiosidades tiveram um papel importante para o desenvolvimento da ciência natural. (LOUREIRO, 2007, p. 3). Pois após a descoberta do continente americano, cem anos depois, já estava a romper aquela ideia de que Aristóteles, Plínio, Cícero ou Pitágoras já haviam interpretado todos os fenômenos naturais e culturais. Os antigos não tiveram conhecimento do Novo Mundo como os viajantes do século XVI que descreveram sobre estas novas terras. (BLOOM apud LOUREIRO, 2007, p. 5).

A filosofia e o mundo inteligível não poderiam ser os mesmos com as descobertas e o conseqüente alargamento da noção de fronteira do mundo, que fomentou novos questionamentos, novas abordagens para percebermos o mundo material. (LOUREIRO, 2007, p. 5). Com novas descobertas foram necessárias mudanças nos paradigmas medievais, e então, os filósofos passariam adquirir um novo olhar e estabelecer novas interpretações e novos paradigmas para a explicação do mundo. (KUHN, 1998, p. 145-150). A contribuição dos gabinetes para a filosofia natural foi a de possibilitar a classificação de toda criação natural na grande cadeia do ser. E a partir de Carl Lineu (1707-1778) o ato de colecionar passaria a sofrer mudanças, se tornando mais metódico, e levando a especialização para as coleções, com o objetivo de colocar tudo em uma ordem das coisas, cada ser no seu devido lugar no interior do grande sistema. (LOUREIRO, 2007, p. 5-6).

1.2 - Com tantas cores, é o paraíso?

Não demorou muito para que as aves do Novo Mundo, com suas penas coloridas, se tornassem uma referência estética. As cores de suas penas, assim como os tamanhos e formatos do corpo, bico, asas e pés foram, para os filósofos naturais europeus, o grande diferenciador destas espécies. Mesmo que ainda estivessem tateando toda a diversidade presente na MA, os cronistas europeus, do século XVI, já possuíam uma boa perspectiva de toda diversidade que poderia ser encontrada nos dosséis daquela densa floresta: “em verdade, não é fácil dizer quanta diversidade ha de aves ornadas de

várias cores”, afirmou o impressionado José de Anchieta (1988, p. 133). A extraordinária variedade e combinação de cores era, também, um sinal de diversidade. Sinal este que poderia ser apreendido e empregado no longo processo de descoberta e classificação das aves do Novo Mundo.

O missionário francês Jean de Léry enfatiza que com a gama de cores presentes nas aves da América portuguesa: “as aves existentes no Brasil, tão diversas das nossas nas cores que lhes são peculiares, isto é, encarnado, branco, roxo, cinzento, púrpura etc.” (LÉRY, 2007, p. 153). Também, franciscano francês André Thevet, relatou que aves no Novo Mundo, “existem tantas e são de várias espécies com várias plumagens, alguns são vermelhos outros são brancos, plúmbeos ou manchados.” (THEVET, 1978, p. 90). As cores diferenciam as espécies, as tornam peculiares e únicas. E essa constatação estava sendo possível graças a uma mudança paradigmática entre aqueles que se propunham a estudar o mundo natural: a observação começa, gradativamente, a ter lugar de destaque no ofício do filósofo natural.

Havia, entretanto, um fator complicador quando o critério de identificação das aves da colônia portuguesa envolvia suas cores. Os cronistas, é claro, estavam familiarizados com aves europeias como o corvo, pombo doméstico ou melro preto. Entretanto, poucas aves do continente europeu, como o chapim azul, possuíam várias cores. Na América portuguesa essa característica será tão marcante que os cronistas, muitas vezes se veem diante de aves que parecem ostentar quase tantas cores quanto as conhecidas. Foi o caso do “[...] tucano, ave formosíssima emplumada de várias côres, de sorte que alegra a vista contemplação delas.” (BRANDÃO, 1966, p. 152). Um mesmo “gênero” de aves poderia ter variadas cores, como os papagaios Anapurús “[...] a que chamam Anapurús. Estes papagaios sam variados de muitas cores.” (GANDAVO, 1964, p. 46). “Papagaios [...] são de ordinário [...] de muito varias cores.” (CARDIM, 1980, p. 50). De modo geral, os “pássaros são emplumados de várias côres.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). A família das psitácidas, especialmente, provocava muita admiração pelo espetáculo de cores, as Araras eram coloridas, possuíam bem mais de uma cor: “[...] a que chamam Aráras os quaes sam vermelhos semeados de algumas pennas amarellas, e tem as azas azues.” (GANDAVO, 1964, p.4 6). Os cronistas reconheciam que para identificar uma espécie, falar sobre sua cor não era o suficiente. Era necessário também descrever onde se encontravam tais cores, como os “Papagaios [...] conhecidos pelos encontros das asas, que têm vermelhas”. (BRANDÃO, 1966, p.155).

A distribuição anatômica das penas pelo corpo das aves também foi notada por um criterioso Gabriel Soares de Sousa: “Arara [...] mas tem as penas do colo, pernas e barriga vermelhas, e as das costas, das asas, e do rabo azuis, e algumas verdes, e a cabeça e pescoço vermelho, e o bico branco.” (SOUSA, 1971, p. 228). Algumas descrições, como a do Macao, são ricamente detalhadas com informações sobre anatomia e padrões de cores:

Arára [...] estes papagaios são os que por outro nome se chamão Macaos [...] he huma formosa ave em côres, os peitos tem vermelhos como graã; do meio para o rabo alguns são amarellos, outros verdes, outros azues, e por todo o corpo têm algumas pennas espargidas, verdes, amarellas, azues, e de ordinario cada penna tem tres, quatro, cores, e o rabo he muito comprido. (CARDIM, 1980, p. 50).

O “gênero de papagaios que, chamão Macaos os portugueses, são vermelhos e amarelos e azuis.” (SOARES, 1966, p. 127). Também de três cores era a “Macacica [...] tem as asas verdes, a barriga amarela, as costas e o rabo pardo.” (SOUSA, 1971, p. 236). “Maracanã é um pássaro verde todo, como papagaio, tem a cabeça toucada de amarelo [...] o rabo comprido e vermelho.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). “Tucána.- he todo preto, tirando o peito, o qual he todo amarello com hum circulo vermelho.” (CARDIM, 1980, p. 54).

Os exemplos de acuidade, detalhismo e poder de observação dos cronistas se tornam evidentes ao observarmos as descrições de várias espécies de psitacídeos encontrados na MA. Os papagaios verdadeiros⁹, por exemplo, “[...] são aqueles [...] verdes claros, e tem a cabeça quase toda amarela, e os encontros das azas vermelhos.”, observou o viajante português Pero de Magalhães Gandavo (1964, p. 47). “Ajerueté são uns papagaios [...] os quais são verdes, e têm os encontros das asas vermelhos, e o toucado da cabeça amarelo” (SOUSA, 1971, p. 231). As curicas “que são todos verdes, e não têm mais que o só queixo amarelo, e algumas penas as asas encarnadas;” (SOUSA, Op. cit, p. 231). Descreveu o atento senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa:

Canindé [...] tem as penas das pernas, barriga e colo amarelas, de cor muito fina, e as costas acatassoladas de azul e verde, e as das asas e rabo azuis, [...] e a cabeça por cima azul, e ao redor do bico, amarelo; tem o bico [...] e as penas do rabo e as das asas são vermelhas, pela banda de baixo. (SOUSA, Op. cit, p.228).

⁹ Uma espécie de papagaio destacou-se, talvez por sua beleza, ou por habitar terras mais longínquas, adquirindo assim um maior valor (DEAN, 1996, p. 66). E a mais preciosa foi chamada de ‘papagaios verdadeiros’.

As cores luxuriantes e as combinações exóticas logo deslumbraram os colonizadores. Espécies como Anapurú causavam verdadeiro fascínio: “este papagaio e formosissimo, e nele se achão quase todas as cores em grande perfeição, sc., vermelho, verde, amarelo, preto, azul, pardo, côr de rosmaninho, e de todas estas cores.”, descreveu um extasiado Fernão Cardim (1980, p. 50-51). Também os “Ajurucuráo, estes papagaios são formosissimos: são todos verdes, têm um barrete, e coleita amarela muito formosa, e em cima do bico umas poucas penas de azul muito claro, que lhe dão muito lustre, e graça.” (CARDIM, Op. cit, p. 51). Entretanto, dentre as espécies consideradas mais belas pelos colonizadores, destacava-se o Ajurú. O missionário francês Jean de Léry chegou a afirmar que:

[...] e mais bonitos, a que os selvagens chamam Ajurús têm a cabeça rajada de amarelo, vermelho e roxo, as pontas das asas encarnadas, a cauda comprida e amarela e o resto do corpo verde [...] Entretanto são notáveis pela beleza da plumagem. (LÉRY, 2007, p. 84).

O estímulo visual causado pela beleza e multiplicidade de cores destas aves se convertia em um verdadeiro obstáculo à criatividade descritiva dos colonizadores. Entretanto, tal desafio permitiu a elaboração de descrições rebuscadas, como a da Araraúna, feita pelo jesuíta português Fernão Cardim:

Ararúna. – Este Macao he muito formoso: he todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandescete que he para folgar de ver; os pés tem amarellas, e o bico e os olhos vermelhos [...] (CARDIM, 1980, p. 50).

O cronista Pero de Magalhães Gandavo também se deparou com a beleza complexa do Anapurú: “[...] sam elles alem disso muito belos” (GANDAVO, 1964, p. 46). Outra ave referida pela beleza de suas cores é o delicado Guainumbig. Fernão Cardim faz uma descrição física deste pequeno beija-flor da MA:

[...] he o mai fino passaro que se póde imaginar, tem hum barrete sobre sua cabeça, a qual se não pode dar côr propria, porque de qualquer parte que a tomão mostra vermelho, verde, preto, e mais côres todas muito finas, e resplandescetes, e o papo he tão formoso que de qualquer parte que o tomão, mostra todas as côres, principalmente hum amarello mais fino que ouro [...] e assi se vae convertendo até ficar neste formosissimo passarinho; cousa maravilhosa. (CARDIM, 1980, p. 52-53).

Além de conseguir materializar a formosura e beleza do Guainumbig em sua descrição, Fernão Cardim também se preocupa em registrar um fenômeno ótico que se processa com as cores deste beija-flor sempre que o grau de incidência de luz solar em

suas penas se modifica. Um claro exemplo de que o fenômeno metodológico da observação, tão presente nos gabinetes e jardins reais da Europa moderna, também se fazia presente nas vilas e florestas da América portuguesa. Menos detalhista, mas igualmente impressionado com o visual impactante deste pequeno beija-flor foi o franciscano francês André Thevet: “Não posso esquecer-me de um outro pássaro chamado gonambixe [...] Embora seja tão miudinho, não existe nada mais belo do que ele.” (THEVET, 1978, p. 159).

O sistema classificatório das aves baseado na cor, mostrou-se muito útil na percepção dos cronistas. Aves de cores específicas, ou de apenas uma cor podiam, por meio deste critério monocromático serem detalhadamente descritas. Esse foi o caso, por exemplo, dos *toys*, *moissons* que: “tem o corpo todo verde, cor de pera, exceção da cauda muito comprida entremeada de amarelo.” (LÉRY, 2007, p. 152). Se não fossem predominantemente verdes, estes poderiam ter cores pardas como a “Aracuã [...] de côr parda.” (SOUSA, 1971, p. 238). “Atiaçu [...] tem as costas pardas, o peito e barriga branca, [...] os olhos vermelhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). O “Calcamar. – Estes passaros são pardos.” (CARDIM, 1980, p. 97). As “garcetas pequenas [...] carabuçu; algumas são brancas e, outras, pardas, as quais são umas plumas cinzentas pequenas.” (SOUSA, 1971, p. 232). “Matuimaçu [...] de cor pardaça” (SOARES, 1966, p. 233). O “Uirateonteon [...] que são pardos e têm o pescoço branco.” (SOUSA, 1971, p. 232). O “Jacu-açu são outras aves [...] são pardas e pintadas de branco.” (SOUSA, Op. cit, p. 230). “Jirubas [...] que têm as penas de verde côr de mar.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). As galinhas são umas de “côr de purpura, outras verdes.” (ANCHIETA, 1988, p. 153). O “Picaçu [...] tem a cor cinzenta.” (SOUSA, 1971, p. 230). O “Tabuiaia [...] a cor parda” (SOUSA, Op. cit, p. 226).

As similitudes, figuras de linguagem muito utilizadas nas descrições do mundo natural, no início da era Moderna, foram amplamente empregadas nas descrições de aves como o Canindé. Obviamente, será entre o mais nobre dos metais que os cronistas irão encontrar uma analogia que faça jus à cor de tal ave, pois a “canindé tem a plumagem do peito amarela como o ouro fino; o dorso, as asas e a cauda são de um belíssimo azul, e pasmamos ante tanta formosura ao vê-la como que vestida de ouro e por cima toda sombreada de roxo.” (LÉRY, 2007, p. 149-150). O amarelo, por representar a riqueza, o esplendor, tem sempre tais características associadas às descrições de aves onde esta cor predomina. É o caso também da “[...] Garateuma, ave de côr loura, formosíssima”. (BRANDÃO, 1966, p. 153). Outra ave amarela, a

“Guigranheéngetá [...] na testa tem um diadema amarelo que o faz muito formoso.” (CARDIM, 1980, p. 53). Relatou Ambrósio Fernandes Brandão “Os dias passados me trouxeram a amostrar um pássaro que me disseram chamar-se japu, de uma côr amarela, digna de estimar.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). Como ouro fino, formosíssimo, digna de estimar. O amarelo, para os cronistas, estava invariavelmente associado à opulência.

As aves que exibiam variações da cor azul também foram incluídas entre aquelas que causaram grande admiração nos cronistas. Esse deslumbramento, provavelmente, estava associado ao fato de que as cores com tom azul eram difíceis de serem conseguidas, dada a dificuldade de se ter acesso à pigmentos com este tom na Europa no século XVI. Tal raridade, provavelmente, acabou estimulando parte da admiração dos europeus ao se depararem com as aves que exibiam tal cor. Assim foi com os “Querejuás são uns passarinhos todos azuis de cor finíssima.” (SOUSA, 1971, p. 237). Outra ave “do ventre ao pescoço, sua plumagem é amarela como ouro fino, enquanto que as asas e a cauda, esta por sinal muito comprida, têm uma belíssima cor azul.” (THEVET, 1978, p. 157). Um é todo amarelo, o “chama-se este pássaro Guigrájuba [...] pássaro amarelo.” (CARDIM, 1980, p. 51-52). O “Uraenhan-gatá, que são quase todos amarelos.” (SOUSA, 1971, p. 237).

E a descrição e identificação das espécies, por meio, das cores continua. Os “Caracarás [que] são uns pássaros tamanhos como gaviões, têm as costas pretas, as asas pintadas de branco e o rabo.” (SOUSA, Op. cit, p. 234). Em alguns, o contraste gerava beleza, “Iapú [...] o corpo tem de hum preto fino, e o rabo todo amarelo gracioso [...] os olhos tem azuis, o bico muito amarelo; é pássaro formoso.” (CARDIM, 1980, p. 52). No caso dos Iapús, as cores também serviam para identificar as diferentes “castas” que poderiam ser encontradas. Havia, por exemplo, os Iapús que “[...] São pretos pelo corpo e amarelos nas azas e encontros [...] Japu outra casta. He preto o Rabo amarelo e os olhos ao Redor brancos e fermosos tem o bico amarelo.” (SOARES, 1966, p. 127). Observamos também esse critério descritivo no “Jucurutu [...] Esta ave é de cor brancacenta, tem as pernas curtas, a cabeça grande com três listas pardas.” (SOUSA, 1971, p. 234-235), na “Sabiá-tinga são uns passarinhos brancos que têm as pontas das asas pretas.” (SOUSA, Op. cit, p. 236); e no “Tié-juba são passarinhos pequenos que têm o corpo amarelo, as asas verdes.” (SOUSA, Op. cit, p. 236).

A cor branca, provavelmente devido ao efeito da luz do sol sob as espécies que apresentavam penas desta cor, foi associada a um efeito de brilho. Foi o caso da descrição do Gonambych, uma verdadeira “obra-prima de pequenez e maravilha é o

pequeno pássaro denominado gonambych pelos selvagens [...] Tem as penas esbranquiçadas e brilhantes”. (LÉRY, 2007, p. 153). O branco, certamente por uma associação à pureza cristã, também era associado à beleza. Foi assim que o jesuíta português Fernão Cardim descreveu a Guigratinga e a “Guigratéotéoa [...] e se vão embora são brancos e formosos [...]”. (CARDIM, 1980, p. 97). “Guigratinga [...] Este passaro he branco [...] e muito formoso por ser de hum amarello fino [...] No pescoço têm os melhores penachos e finos que buscar se pode [...]” (CARDIM, Op. cit, p. 96). E “ao longo dos rios da água doce se criam mui formosas garças, a que o gentio chama urantiga, as quais são brancas [...] pernas e pés amarelos [...] que são mui alvas e formosas, e para estimar.” (SOUSA, 1971, p. 229). “Maguari é outra ave de cor branca.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Enfim, tais aves eram formosas e elegantes, sobretudo, por serem brancas.

Algumas espécies tinham a evidência do vermelho, uma cor com forte apelo simbólico para o europeu do início da era Moderna, sobretudo por simbolizar o sangue de Cristo e o princípio da redenção cristã. A analogia desta cor com o sangue não foi esquecida pelo franciscano francês André Thevet ao descrever o Panu, que tinha a “coloração igual ao de um pequeno corvo, exceto na frente do peito, que é vermelho como sangue. Chama-se panu, tem o bico cinzento.” (THEVET, 1978, p. 158). O vermelho de outra espécie, o Ayaya também encantou outro homem de Deus, o jesuíta Fernão Cardim: “Ayaya, estes passaros [...] têm côr graciosa de hum branco espargido de vermelho.” (CARDIM, 1980, p. 97-98). Ao descrever o pequeno e gracioso Tie, o jesuíta português Francisco Soares não deixa de registrar seu encanto com a cor desta pequena ave: “tie pirãga he todo vermelho m(to) fino.” (SOARES, 1966, p. 132).

Mesmo antes da ascensão do cristianismo, o vermelho já era uma cor prestigiada entre os europeus. Tons do vermelho, desde a antiguidade, eram atribuídos à obtenção de prestígio (ROQUERO, 2002, p. 189). Algumas aves da colônia apresentavam esta cor, por vezes, de maneira intensa. Penas, como a Arara, eram demasiadamente estimadas pelo intenso tom avermelhado que apresentavam: “existe outra ave do mesmo tamanho que o Canindé, mas de coloração diferente, sendo sua plumagem vermelha como escarlata fina, ao invés de amarela, e o restante do corpo, azulado.” (THEVET, 1978, p. 158). Também, foi a partir do tom vermelho intenso do Guará, que em muito lembra o íbis egípcio, que o cronista português Pero de Magalhães Gandavo observou o ciclo de crescimento do Guará:

[...] a primeira pena de que a natureza as veste, e branca sem nenhuma mistura mui fina em extremo. E por espaço de dous anos pouco mais ou menos a mudam, e tornalhes a bascer outra parda também muito fina sem outra nenhuma mistura. Pelo mesmo tempo adantea tornam a mudar, e ficam vestidas de huma muito preto distincta de toda outra cor. Depois dahi a certo tempo pelo conseguinte a mudam e tornam-se a cobrir doutra mui vermelha, e tanto, como o mais fino e puro carmesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias. (GANDAVO, 1964, p. 47).

A cor carmim escarlata, era um tom de vermelho, que desde os tempos de Alexandre, O Grande (336 a.C. - 323 a.C.), compunha os tecidos que ficavam na câmara do tesouro do palácio real. O carmesim desde o antigo testamento compunha as vestes sacerdotais. Era uma cor extraída do corpo de uma fêmea inseto *Kermes vermilio*, parasita do arbusto espinhoso chamado churrasqueiro mediterrâneo (*quercus coccifera*), bem como, de outros insetos do gênero *Porphyrophora*, entre os quais, a famosa *Cochonilha* da Armênia. (ROQUERO, 2002, p. 188 -191).

O jesuíta Fernão Cardim também registrou a metamorfose de cores pela qual esta ave da colônia passava: “Guará [...] tandem torna-se vermelho mais que a mesma grã, e nesta cor permanece até á morte; [...] e se lhe dá o sol nas praias, ou indo pelo ar é cousa formosa de ver.” (CARDIM, 1980, p. 98-99). Ainda sobre estas aves e a intensidade de sua cor, Francisco Soares anotou, com sensibilidade, o espetáculo proporcionado por um bando de guarás pousando em uma árvore: “Guarazes [...] em huã aruore toda vermelha ou quando voaõ parece huã nuu~e fermosa.” (SOARES, 1966, p. 202). O tom de vermelho final da Guará é muito bem observado pelos colonizadores: “por fim ornam-se de uma côr purpúrea lindíssima.”, afirmou o jesuíta José de Anchieta (ANCHIETA, 1988, p. 134).

Este, um tom de vermelho desejado e negociado em tapetes, tecidos e utensílios desde os fenícios. Entre os soberanos e altos dignitários dos impérios mesopotâmicos e das civilizações mediterrâneas era uma cor que tinha um *status* inabalável nos produtos santuários, seu uso simbolizava, ao mesmo tempo, terreno e transcendência. A tintura púrpura fenícia era obtida a partir de uma pequena quantidade do líquido viscoso da glândula existente sob as brânquias de alguns moluscos marinhos gastrópodes. Para obter uma pequena quantidade de tintura era preciso sacrificar milhares desses animais. Certas fontes chegam a afirmar, talvez com exagero, que dez mil conchas produziam um único grama do corante. (ROQUERO, 2002, p. 188-189).

A mente humana sempre associou as cores às sensações e prazeres estéticos. Tais impressões podem ser identificadas em expressões como ‘alegres’ empregada por Pero de Magalhães Gandavo quando descreve as cores dos Anapurús que eram “[...] vestidos como digo de cores mui alegres e tam finas, que excedem na fermosura a todas quantas aves ha nestas partes.” (GANDAVO, 1964, p. 46). De tanta alegria e bem estar lhe causava alegria. Esta alegria, beleza e finíssimas que compõem a natureza da América portuguesa, remetem aos elementos que deveriam compor o paraíso terreal, o Jardim do Éden (SEIXAS, 2003, p. 33). Dentro do universo de analogias convocadas para descrever as aves com tons avermelhados, não faltaram as que buscavam associar as cores das aves coloniais às criaturas da fauna fantástica europeia. Esse foi o caso do Quiapiã, observado pelo francês André Thevet: “[...] uma ave do tamanho do melro, inteiramente vermelha como sangue-de-drago, chamada quiapiã.” (THEVET, 1978, p. 158).

O critério descritivo baseado nas cores prossegue. Em algumas espécies de aves a cor predominante é o preto. Ao descrever, provavelmente, uma espécie de mutum, o francês André Thevet comenta que há “um certo de faisão grande como um galo capão, mas de plumagem negra, exceto na cabeça, que é cinzenta e tem uma pequena crista vermelha caída, como a de uma peruazinha.” (THEVET, Op. cit, p.162). “Quanto às aves silvestres [...] de três espécies: Iacutin, Iacupem e iacu-assú, todas de plumagem escura ou negra.”, informou Léry (2007, p. 148). “Pexaroréns são uns passarinhos todo pretos.” (SOUSA, 1971, p. 237), e havia também “uns [...] todos pretos, a que os índios chamam Timuna.”, e o “Anu é outra ave preta”, assim como os “Sabiá-unas são uns passarinhos pretos.” (SOUSA, Op. cit, p. 237-238).

O jesuíta Fernão Cardim descreveu o Tangará como “[...] do tamanho de um pardal: todo preto, a cabeça tem de hum amarelo laranjado muito fino.” (CARDIM, 1980, p. 53-54). Em algumas descrições, o critério de cor se torna tão prioritário que algumas características como o tamanho e formato do bico acabam por ficar em segundo plano. Este é o caso do Tucano descrito pelo missionário francês Jean de Léry: “Existe no país uma ave, o tucano, que tem a plumagem negra como a do corvo, à exceção do papo.” (LÉRY, 2007, p. 115).

O frade francês André Thevet ainda nos revelou uma descrição em que a cor negra é, invariavelmente, associada a sentimentos melancólicos e tristonhos. Este é o caso do anu, uma ave “do tamanho de um pardalzinho, e de corpo todo negro. Chamam-na de anu.” (THEVET, 1978, p. 158-159). Em tal ave, Brandão agrega os valores do

sentimento, do estado da alma: “Acham-se também pelos campos uns pássaros, que se chamam anuns [...] e são de uma côr preta tristonha.” (BRANDÃO, 1966, p. 152).

1.3 - Dos cantos e vozes da floresta.

Os sons do interior da Mata Atlântica (MA) confirmavam a presença de vida. Para os nativos, os diversos pios, cantos e melodias eram sinais, signos que ajudavam a identificar a espécie que poderia ser encontrada no dossel ou solo da floresta. Para os europeus, que ainda estavam aprendendo a se familiarizar com tamanha biodiversidade em uma natureza que nem sempre se enxergava, tais sons se traduziam no primeiro contato destes com a floresta, com a constatação de que ali havia muitas espécies a serem observadas, descritas e identificadas.

As espécies, mesmo que não pudessem ser avistadas, se faziam notar por meio de suas vocalizações, fossem estas para delimitar território, cortejar alguma fêmea da espécie ou avisar sobre algum predador a espreita. Aqueles cantos e vozes, a partir do interior da floresta se traduziam em inúmeras informações. Um saber que os nativos indígenas haviam construído a partir de milênios de observação atenta e cuidadosa. Houve aves cujo canto rapidamente caiu nas graças dos colonizadores, por exemplo, o Gonambixe, por exemplo, segundo André Thevet, “canta maravilhosamente, constituindo um verdadeiro prazer escutá-lo.” (THEVET, 1978, p. 159). O pequeno “Avataí [...] prima no canto e está sempre de bico aberto. Se o não víssemos e ouvíssemos não poderíamos acreditar que de tão miúdo corpo pudesse sair canto tão alto, claro, nítido como o do rouxinol.”, observou o encantado Jean de Léry (LÉRY, 2007, p. 153). Gabriel Soares de Sousa descreveu os Pexororéns como “[...] uns passarinhos que cantam muito bem.” (SOUSA, 1971, p. 237). “Querejuás [...] cantam muito bem.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). Além do Querejuás, uma espécie que, segundo Gabriel Soares já era semi-domesticada pelos indígenas: “Criam-se [...] a que o gentio chama sabiá-poca, [...] os quais cantam muito bem.” (SOUSA, Op. cit, p. 237).

O jesuíta português Francisco Soares, faz referência às outras espécies canoras da MA: “Tie-guaçu [...] e assim canta [...] Tie-una canta bem” (SOARES, 1966, p. 133). “Há outros pássaros [...] a que os índios chamam Urandi, [...] os quais cantam muito bem.” (SOUSA, 1971, p. 237). Alguns teólogos e poetas consideravam o canto dos pássaros como uma espécie de hino religioso. Na Europa no coro emplumado, da corruíra e o tordo seriam os sopranos, o pintassilgo e o rouxinol faziam as vozes

intermediárias e os melros seriam os tenores. (THOMAS, 1988, p. 164). É fato que a variedade de aves na MA significou também a variedade de cantos, não seria de estranhar a admiração por tantas melodias.

Obviamente, toda a subjetividade presente no ato de ouvir uma melodia, associado a um sentimento de melancolia e saudade da terra natal fez com que, inevitavelmente, houvesse comparações entre aves canoras da metrópole e colônia. Foi o que o cronista Brandão afirmou ao comparar os “rouxinóis” do reino e colônia: “rouxinóis, pôsto que não tão músicos como os da nossa terra, por carecerem daquele doce dobrar e requiebro, que os outros têm, porque todos os pássaros do Brasil são faltos de semelhante suavidade”. (BRANDÃO, 1966, p. 152). Provavelmente Brandão estava se referindo a corruíra, uma ave relativamente comum no Brasil e que, morfologicamente, lembra o europeu rouxinol. O senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa chega a uma conclusão muito semelhante ao afirmar que o “Muiepererus [...] canta como rouxinóis, mas não dobram tanto como eles.” (SOUSA, 1971, p.237). Podemos perceber que algumas aves, ao se assemelharem com as do Reino, perdem o seu teor fantástico. Algo que, em boa medida, se deve a um estranhamento.

Não era somente a melodia das aves que chamava a atenção dos colonizadores. Por vezes, a potência do canto também se transformava em um critério descritivo e classificatório. Esse foi o caso do: “Anhigma. – Este passaro he de rapina, grande, e dá brados que se ouvem meia légua” (CARDIM, 1980, p. 56). Estas aves eram altas e os seus cantos suscitaram a analogia com um animal que, inicialmente, não lembrava uma ave: “há outra ave que se chama anhima [...] quando grita parece o zurrar de um asno.”, afirmou o jesuíta José de Anchieta (ANCHIETA, 1988, p. 151). A distância em que os cantos da Anhima poderiam ser ouvidos foi observada por Francisco Soares, segundo o jesuíta, “estas aves soltavam brados de até meia léguas.” (SOARES, 1966, p. 139).

O Guiraponga também foram classificados de acordo com a estridência de seu canto. Tais aves: “[...] dão taes brados que não parece senão hum sino, e ouve-se meia legua, e seu cantar he ao modo de repique de sino.” (CARDIM, 1980, p. 54-55). O jesuíta Francisco Soares descreveu seu canto “como se fossem grandes estrondos, que vão longe como sinos” (SOARES, 1966, p. 135). Havia, ainda, as aves que gritavam como o “Margui [...] dando um grande grito.” (SOUSA, 1971, p. 233). “Urucureá é uma ave, pontualmente como as corujas da Espanha [...] gritam como corujas.” (SOUSA, Op. cit, p. 234). Havia ainda os Ubujaús mais pequenos “Há outros pássaros do mesmo, mais pequenos [...] os quais andam de madrugada dando os mesmos gritos e uns e

outros” (SOUSA, Op. cit, p. 235). Relatou o jesuíta Fernão Cardim sobre uns pequenos que cantam alto:

Saracúra [...] tem hum cantar estranho, porque quem o ouve cuida ser de hum pássaro muito grande, sendo ele pequeno, porque canta com a boca e juntamente com a traseira, faz outro tom sonoro, rijo, e forte, ainda que pouco cheiroso, que e para espantar; faz esta musica suave duas horas ante manhã, e á tarde até se acabar o crepúsculo vespertino. (CARDIM, 1980, p. 98).

Os tão almejados papagaios, quando em estado selvagem emitiam sons que mais lembravam gralhas: “Papagaios [...] fazem gralhada como os passaros [...].” (CARDIM, Op. cit, p. 50). “Os papagaios [...] com fazerem por onde passam grande gralheada.” (BRANDÃO, 1966, p. 155). Isso quando, alguma espécie não cacarejavam como perdizes: “Saracura [...] cacareja como perdiz”. (SOUSA, 1971, p. 238). Alguns cantos eram curtos como um apito: “A águia, a que o gentio chama Caburé-açu, e muito voltadas, de que se fazem apitos.” (SOUSA, Op. cit, p. 226). Outras aves, como o Atiaçu possuíam um canto tão agudo que lembravam um assobio: “Atiaçu [...] e cantam em assobios.” (SOUSA, Op. cit, p. 238).

Algumas aves, segundo os cronistas, pareciam até mesmo cantar melhor quando eram mantidas em cativeiro. Esse era o caso do Uraenhan-gatá: “[...] os quais cantam nas gaiolas muito bem.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). Também cantando em gaiolas e muito bem há os “Suiriris [...] estes se criam em gaiolas, onde cantam muito bem, mas não dobram muito quando cantam.” (SOUSA, Op. cit, p. 237).

De modo predominante, as nomeações de animais na América portuguesa do século XVI tinham origem no sistema de classificação Guarani. Algumas delas seguiam uma analogia que os cronistas, provavelmente, não tiveram dificuldade em incorporar. Este foi o caso das aves cujo canto designava o nome. Como, por exemplo, o “Macugagá é uma ave que dá grandes e contínuos brados, repetindo muitas vêzes êste seu próprio nome.” (BRANDÃO, 1966, p. 152), ou o “Jucurutu [...] e aonde quer que está toda a noite está gritando pelo seu nome.” (SOUSA, 1971, p. 234-235). Outros ao invés de entoar, literalmente, gritavam seus nomes, este é o caso dos “[...] a que os índios chamam Ubujaús, [...] os quais andam de noite gritando ‘cuxaiguigui’.” (SOUSA, Op. cit, p. 235). Também “a que os índios chamam oitibó, com que têm grande agouro; os quais andam ordinariamente gritando ‘oitibó’, e de dia não os vê ninguém”. (SOUSA, Op. cit, p. 235). Aves noturnas por *conveniência* são referenciadas

como aves agourentas, e tratam logo os índios de resolverem tais questões. (FOUCAULT, 1999, p. 33).

Os cronistas tem o cuidado de fazer um importante registro etnográfico ao descreverem a crença dos tupinambás de que seus antepassados poderiam se manifestar por meio das aves noturnas como as corujas. O missionário francês Jean de Léry afirma que:

[...] tupinambás imaginam entretanto ao ouvirem-na clamar à noite, principalmente, serem seus parentes e amigos mortos que a enviam em sinal de boa fortuna, para animá-los na guerra; crêem firmemente que observando o que lhe indica o augúrio não só vencerão os inimigos nesta terra, mas ainda, depois da morte, o que é mais importante, irão dançar com seus ancestrais além das montanhas. (LÉRY, 2007, p. 153).

Acreditam tanto os nativos que o canto das corujas são as mensagens de seus parentes mortos que quando as ouvem reina o silêncio:

[...] ouvi à tarde cantarem esses pássaros um canto melancólico e vi os selvagens quedarem silenciosos e atentos. Conhecendo a causa de tal altitude, quis convencê-los de seu erro. Mas apenas toquei no assunto e me pus a rir juntamente com outro francês que me acompanhava, um ancião ali presente exclamou com rudeza: -'Cala-te e não nos impeças de ouvir as boas novas que nos enviam nossos avós; quando ouvimos essas aves ficamos todos contentes e nos sentimos com novas forças. (LÉRY, Op. cit, p. 154).

Não são poucas as culturas que aferem, às aves, um poder sobrenatural. Seu canto é passível de mensagens do além, é o canal entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos, inclusive o próprio missionário francês ao ver a cena, lembrou:

[...] dos que acreditam e ensinam que as almas dos mortos vêm do purgatório advertir-nos dos nossos saberes e julguei que, a esse respeito, não estavam os selvagens tão longe da verdade. Confessam a imortalidade da alma [...] mas estão longe de crer que volte depois da morte separada do corpo; apenas admitem que mande mensageiros alados. (LÉRY, Op. cit, p. 154).

Outro francês, o franciscano André Thevet também dedicará parte de sua obra ao universo mitológico das corujas entre os indígenas:

[...] certo pássaro de piado estridente e melancólico como o das nossas corujas. Dizem as pobres criaturas que esse canto lhes faz recordar os entes queridos que se forem. Este pássaro seria um enviado dos mortos, trazendo boa sorte para os amigos que ainda viviam e azar para seus inimigos. (THEVET, 1978, p. 159).

E por terem o poder de trazer as mensagens de seus mortos, estas aves “os selvagens não matariam ou mesmo feririam por nada deste mundo.” (THEVET, Op. cit, p.159). As aves e suas mensagens são tão importantes que podem “nas guerras as aves tendo opinião com as ações pretendidas na guerra.” (GANDAVO, 1964, p. 60).

Haviam muitos signos a serem decifrados nos cantos das aves do Novo Mundo. Uma vocalização poderia significar muito mais que uma bela melodia. Este era o caso do Aracoã, que quando dava grandes brados era certo que iria chover. Uma informação considerada preciosa que Fernando Soares não hesitou em registrar (SOARES, 1966, p. 135). O mesmo fenômeno foi também observado pelo jesuíta Fernão Cardim, nas espécies de galinhas “entre elas ha uma das mais pequenas, tem muitas habilidades: adivinha quando canta a chuva, dá tão grandes brados.” (CARDIM, 1980, p. 55). Cardim tem ainda o cuidado de registrar uma ave que cumpre o papel contrário da Aracoã, pois a “Saracúra [...] quando canta de ordinário adivinha bom tempo.” (CARDIM, Op. cit, p. 98).

Outras aves tinham o sinistro poder de espalharem o mau agouro por meio de seu canto. A Peitica era uma delas: “[...]a qual é tão molesta e agourenta para o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar, como adiante direi, quando tratar dos costumes da terra.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). Os cantos dos anuns provocavam estranhezas aos europeus, era um canto que parecia um choro humano: “Acham-se também pelos campos uns pássaros, que se chamam anuns, de uma qualidade estranha, que, além do seu canto semelhar a choro” (BRANDÃO, Op. cit, p. 152). Outra que tinha um canto semelhante ao choro de uma criança era a Cunhatainape “também há outra sorte de pássaros cujo canto forma o choro de uma criança, que tem por nome Cunhatainape.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 153). O mesmo fenômeno de vocalização era observado na Tamatianguaçu “[...] onde vai formando umas vozes, que parecem humanas. (BRANDÃO, Op. cit, p. 153). A analogia do canto destas espécies, até então desconhecidas, com o choro humano contribuía para entender e descrever sobre estas aves. (FOUCAULT, 1999, p. 33).

Curiosamente, a ausência de canto também poderia se manifestar enquanto um critério descritivo. O que, por analogia, para o cronista como Fernão Cardim, só poderia significar, dentro das figuras de linguagem das similitudes, uma antipatia (uma similitude com significado do contrário), ou seja, uma ave que não canta definitivamente, era triste por viver tal situação. Esta percepção fica expressa na descrição que este jesuíta português faz da Guigrajúba: “chama-se este pássaro

Guigrajúba [...] não falão, nem brincão, antes são muito malenconizados, e tristes.” (CARDIM, 1980, p. 51-52).

Já os papagaios tinham a capacidade de não só cantar, mas também de falar em línguas humanas, língua nativa e também a língua dos europeus. Esse fenômeno fascinava os cronistas quando viam os papagaios falando, e, por toda Europa foram vistos como aves do paraíso (SEIXAS, 2003, p. 23). Algumas espécies de psitacídeas são capazes de aprender e vocalizar frases inteiras como os Ajuruaçus que, segundo Gabriel Soares de Sousa, “falam muito bem, assim como as chamadas Curicas” (SOUSA, 1971, p. 231). José de Anchieta observou que “Os papagaios são mais comuns aqui [...] e de diferentes espécies [...] outros imitam a voz humana.” (ANCHIETA, 1988, p. 133). Fernão Cardim, por outro lado, relatou que as Araras “[...] falão muito se os ensinão.” (CARDIM, 1980, p. 50). E da mesma maneira relatou Gandavo ao notar que as araras “[...] também falam, quando são ensinadas” (GANDAVO, 1964, p. 46).

Entretanto, os campeões de imitação da voz humana eram os papagaios: “que mais facilmente falam e melhor de todos, são aqueles a que na terra comumente chamam papagaios verdadeiros” (GANDAVO, Op. cit, p. 46-47). Fernão Cardim também reserva parte de sua obra ao falar das diversas espécies de papagaios: “[...] e quase todos falão, se os ensinam.” (CARDIM, 1980, p. 50).

O jesuíta Francisco Soares elenca, especificamente, uma espécie que parece estar entre as preferidas dos colonizadores portugueses: “há um gênero de papagaios que chamão os portugueses de Macao, falam bem e claro e de voz grossa.” (SOARES, 1966, p. 127). E assim, segue-se com várias espécies como o “Anapurú, este papagaio [...] também falam” (CARDIM, 1980, p. 50-51). O “Canindé [...] falam e gritam muito, com voz alta e grossa.” (SOUSA, 1971, p. 228). Os “Tuyns [...] Estes também falam.” (GANDAVO, 1964, p. 47). Os “tuins e uma espécie de papagaios [...] porque falam muito, e bem.” (CARDIM, 1980, p. 51). A primeira explicação elaborada pelos cronistas para explicar a fala dos papagaios, residia no fato de que estes entendiam o que os humanos falavam, “maior maravilha ainda me pareceu, porém, um papagaio dessa espécie pertencente a certa índia [...] Dir-se-ia que essa ave entendia o que lhe falava a sua dona. E [...] quando a dona dizia para cantar, ele cantava.” (LÉRY, 2007, p. 151).

Se os antigos romanos foram bastante sábios para fazer suntuosos funerais ao corvo que, em seus palácios os saudava por seus próprios

nomes, tirando mesma a vida a quem o matava, como nos refere Plínio. imagine-se o que não teriam feito se tivessem possuído um papagaio perfeitamente ensinado! (LÉRY, 2007, p.151).

Desde o tempo medieval as psitácidas, principalmente as espécies africanas, eram aves que se acreditava serem dotadas de habilidades mágicas, como mencionado na cantiga de um amigo de D. Dinis: ‘O papagaio e a Pastora’. Nela, o rei português tinha conhecimento de que o papagaio era para os orientais um personagem mágico. Também nas viagens imaginárias do Infante D. Pedro, consta que pelas águas do Fisco, um dos quatro rios do Jardim do Éden descem os papagaios nos seus ninhos, como revelando a sua origem no jardim maravilhoso. (SEIXAS, 2003, p. 56). Aos papagaios era dada a *conveniência* de serem aves do paraíso, pois eram animais que haviam mantido a fala concedida por Deus enquanto ainda habitavam o paraíso terrestre. (FOUCAULT, 1999, p. 34-35).

CAPÍTULO 2: AVES NO NOVO MUNDO: COMO SÃO? COMO E ONDE VIVEM? QUE USOS FAZEM DELAS?

Instalados na Terra de Vera Cruz os colonizadores passariam a conhecer, com uma frequência cada vez maior, o bioma da Mata Atlântica (MA). Paulatinamente, as observações iriam ultrapassar as características externas como a aparência, forma, tamanho, cores, cantos e a quantidade, e assim, a atenção dos cronistas se voltaria ao comportamento, alimentação e habitat das aves.

No cotidiano colonial, como descrito nas crônicas, está inserida a interação das aves com colonizadores e indígenas. As aves eram capturadas pelos indígenas, em seguida, eram vendidas para os europeus, por meio da troca de escambo, e por fim eram exportadas para a Europa com um exótico produto.

Muitas aves nativas desembarcavam na Europa, de certo, por sua beleza e cores, e adentravam na intimidade doméstica como luxuosos mascotes que elevavam o *status* social de seus donos. Também, na colônia as aves nativas foram domesticadas pelos indígenas, bem como, as espécies europeias que desembarcaram no Novo Mundo.

2.1 - Umas voam, outras andam.

Aves é um grupo muito diversificado que apresenta uma série de adaptações para todos os ambientes e uma variedade de estilos de vida. Elas podem voar, andar, correr, nadar, mergulhar e ocupar o ar, os oceanos, os corpos de água doce, as praias, as florestas, os desertos e as regiões polares. O voo é específico das aves, ou melhor o bater das asas com penas é exclusivo das aves. Suas penas são o que as distinguem de outros seres vivos, são vertebrados de sangue quente que têm patas. (TAVARES; SICILIANO, 2011, p.6).

O voo também foi elencado pelos cronistas entre os critérios descritivos e classificatórios das aves observadas na América portuguesa. Algumas tinham um voo que lembrava um bailar, como o Gainambis que “têm as asas pequenas e andam sempre bailando no ar, espreitando as aranhas.” (SOUSA, 1971, p. 236). Outras parecem se locomover e se alimentar como abelhas. Este era o caso dos beija-flores, à época conhecidos pela designação guarani de Guainumbig:

[...] são muito ligeiros no voar, e quando voão fazem hum estrondo como abelhas, e mais parecem abelhas na ligeireza que passaros,

porque sempre comem de vôo sem pousar na árvore; assi como abelhas andão chupando o mel das flores. (CARDIM, 1980, p. 52-53).

Fernão Cardim demonstra, não somente grande interesse pelos Guainumbig, como uma rede de contatos e carga de leitura considerável sobre as espécies que habitam o Novo Mundo, especificamente na América espanhola. Cardim relata que, nas Antilhas, os Guainumbig são chamados de “[...] passaro ressuscitado, e dizem que seis mezes dorme e seis mezes vive.” (CARDIM, Op. cit, p. 52-53). Os cronistas espanhóis que observaram beija-flores nesta região da América central, provavelmente, os chamavam de “pássaros ressuscitados”, porque estes deveriam migrar para outras regiões do Novo Mundo durante parte do ano. Sua “ausência”, certamente, associada a esta característica migratória, foi assemelhada com a morte. Também notaram os cronistas o fenômeno de que os beija-flores durante o sono praticamente entravam em um estado de coma. Se somarmos estas duas informações sobre o comportamento de boa parte das espécies de beija-flores, podemos inferir que os mesmos, nas colônias antilhanas, eram chamados de “pássaros ressuscitados”. (SICK, 1997, p. 28)

Havia, também, aves que voavam por tanto tempo que pareciam cair mortas de exaustão. Esse parecia ser o caso dos Uirateonteon, “[...]que se criam perto do salgado, [...] êsses pássaros andam no mar, perto da terra, e voam ao longo da água tanto, sem descansar, até que caem como mortos; e assim descansam até que se tornam a levantar, e voam.” (SOUSA, 1971, p. 232). Fernão Cardim também registra um fenômeno de voo muito similar com o Guigratéoté, que parece tratar da mesma ave:

[...] passaro que tem accidentes de morte, e que morre e torna a viver, como quem tem gotta coral, e são tão grandes estes accidentes muitas vezes os achão os Indios pelas praias, os tomão nas mãos, e cuidando que de todo estão mortos os botão por ahi, e eles em caindo se alevantão e se vão embora são brancos e formosos, e destes ha outras especies que têm os mesmos acidentés. (CARDIM, 1980, p. 97).

Umaz fazem o voo alto, como a “[...] chamada Tamatianguaçú, o qual voa sempre muito alto por alto.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). Outras andam a noite, como o “Jucurutu [...] que em povoado anda de noite pelos telhados e anda ao longo dos caminhos.” (SOUSA, 1971, p. 234-235). Havia também as terrestres que correm pelo chão como o “Maguari [...] voa muito ao longe, e corre pelo chão por entre o mato, que faz espanto.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Havia também aquelas que se locomoviam tanto no solo, quanto no dossel das árvores: “voando de árvore em árvore ao longo do chão.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Outras têm o poderoso voo aerodinâmico de rapina,

como a “Uraçu [...], os quais vivem de rapina no mato.” (SOUSA, Op. cit, p. 233-234), e E a “Toaté é [...] e vive de rapina no mato.” (SOUSA, Op. cit, p. 233).

A corpulenta Ema não voava, mas também não andava. Segundo Gabriel Soares de Sousa elas se locomoviam, rapidamente, aos pulos. Seu nome entre os indígenas era Nhadu “[...] as quais não voam levantadas do chão, correm em pulos, com as asas abertas.” (SOUSA, Op. cit, p. 226). José de Anchieta demonstra ter boa intuição sobre anatomia e aerodinâmica ao intuir que as Emas (por ele confundidas com avestruzes) não voavam devido ao seu tamanho: “Ha tambem avestruzes, que não podem voar por causa do extraordinario tamanho do corpo.” (ANCHIETA, 1988, p. 143). Observou Pero de Magalhães Gandavo, umas aves que abrem as asas, mas não correm, somente ferrem o ar, são as ‘Hemas’:

[...] estas aves pascem hervas como qualquer outro animal do campo, e nunca se evantam da terra, nem voam como as outras, somente abrem as azas e com ellas vam ferindo o ar ao longo da mesma terra: e assi nunca andam, senam em campinas onde se achem desempedidas de matos e arvoredos, pera juntamente poderem correr e voar da maneira que digo. (GANDAVO, 1964, p.48).

Brandão chega a comparar a velocidade desenvolvida pelas Emas a um cavalo em disparada: “Estas emas quando correm, abaixam uma asa e a outra dão ao vento, cruzando-a a um modelo de vela latina, e assim correm mais que um cavalo.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). Outra ave da colônia que desenvolvia grande velocidade é “a que chamam Siriemas, as quais se ajudam dos pés e asas para o correr, com o que ficam sendo velocíssimas, sem nunca se alevantarem da terra.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 153). Também ligeira era a “Sabiá-pitanga [...] que andam pelos monturos, e correm pelo chão com muita ligeireza.” (SOUSA, 1971, p. 234). Igualmente rápidos e com a capacidade de, literalmente, andar sobre as águas era o Urateon: “Ao longo do salgado se criam uns pássaros, a que os índios chamam Urateon [...] são mui ligeiros e andam sempre sobre a água salgada, saltando em pulos.” (SOUSA, Op. cit, p. 232).

Havia, ainda, aquelas que, segundo cronistas como Fernão Cardim, correm brincando. Este era o caso do “Macucaguá [...] Correm após qualquer pessoa, ás picadas brincando como cachorrinho.” (CARDIM, 1980, p. 55). Outras realizavam um autêntico ritual de dança:

[...] tem hum genero de baile gracioso, sc., hum delles se faz morto, e os outros o cercão ao redor, saltando, e fazendo hum cantar de gritos estranho que se ouve muito longe, e como acabão esta festa, grita, e dança, o que estava como morto se alevanta, e dá hum grande assovio, e grito, e então todos se vão, e acabão sua festa, e nella está tão

embebidos quando a fazem que ainda que sejam vistos, e os espreitem não fogem; destes ha muitas especies, e todos têm accidentes. (CARDIM, Op. cit, p. 54).

Algumas pareciam gostar tanto da sensação de liberdade proporcionada pelo voo que, literalmente, se matavam caso fossem capturadas e engaioladas: “[...] o qual, em se vendo prêso, cerra voluntariamente o sesso, sem fazer mais por êle purgação, até morrer. Também morrera de não comer, que, pois sente tanto a prisão.” (BRANDÃO, 1966, p. 152).

2.2 - Do que elas comem?

As aves nativas da MA, independente da paisagem natural que habitam podiam usufruir de uma alimentação abundante. Isto porque, a MA grandiosa em diversidade vegetal, propiciou as aves, recursos arbóreos como alimento ou hábitat. (MORAN, 1994, p. 311). Costumeiramente o alimento era oferecido pelo próprio habitat que pertenciam, ou seja, as espécies que viviam nos dosséis ou ao chão das árvores, geralmente, eram espécies vegetarianas que se nutriam de plantas, frutas, sementes, raízes, pólen, brotos ervas, néctar, seiva e algas (TAVARES; SICILIANO, 2011, p. 6).

Dentre as aves que consumiam alimentos de origem vegetal, aquelas especializadas em sementes e frutos exerciam um papel importante na dinâmica da floresta. Muitas espécies que se alimentam dos frutos transportam as sementes e, assim, contribuem para a dispersão das plantas. Outras que se alimentam do néctar de flores, como beija-flores de cambacicas, já tem papel decisivo na polinização e consequente fertilização destas espécies (TAVARES; SICILIANO, Op. cit, p. 9). As que se alimentavam de tecido vegetais e, a conseguinte, deposição de fezes no solo representava um caminho mais curto na reciclagem de nutrientes. (MORAN, 1994, p. 311). De fato, as aves que se alimentarem da biomassa vegetal contribuía para uma importante dinâmica ecológica (TAVARES; SICILIANO, Op. cit, p. 6; MORAN, 1994, p. 311).

A dinâmica ecológica também era chamada de comensalismo. As plantas que coevoluíram com algumas aves, desenvolvendo flores, frutos ou sementes, despertam a preferência alimentar de algumas espécies, e assim, acabam tendo sua chance de gerar descendência aumentada, graças à ação de dispersão das aves que delas se alimentam. As sementes acabam por serem carregadas graças à maneira como estas são

apresentadas, ou seja, envoltas em frutos saborosos e coloridos. O transporte, via trato digestivo, acaba proporcionando à planta uma oportunidade de colonizar um novo ambiente, o que a possibilidade de perpetuação da espécie (DIAMOND, 2008, p. 115).

Muitas das espécies de aves com as quais os cronistas do século XVI tiveram contato, viviam no dossel da floresta. Estas, geralmente, alimentavam-se dos frutos produzidos muitas espécies de plantas que acabaram adotando esta estratégia evolutiva para dispersarem sua descendência. Este era o caso, por exemplo, do Ajerueté, “são uns papagaios verdadeiros [...] criam nas árvores [...] e comem a fruta delas, de que se mantêm.” (SOUSA, 1971, p. 231). O “Aracuã [...] criam-se estas aves em árvores, e comem fruta delas.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). O “Atiaçu [...] comem o fruto delas.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Os “Jaçanas são uns pássaros [...] criam-se em árvores altas, onde fazem os ninhos, e mantêm-se das frutas do mato.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). Os “Jacus são umas aves [...] mantêm-se de frutas.” (SOUSA, Op. cit, p. 227).

A “Macucaguá [...] e mantêm-se das frutas do mato.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). “Há outra ave, a que os índios chamam Aiaia [...] mantêm-se da fruta delas.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). Os “Querejuás [...] que andam sempre por cima das árvores, onde criam e se mantêm com fruto delas.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). O “Canindé [...] e comem frutas das árvores, e em casa tudo quanto lhes dão [...]” (SOUSA, Op. cit, p. 228). O “Sica [...] cuja fruta se mantêm.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). O “Tabuiaia é [...] mantêm-se de frutas do mato.” (SOUSA, Op. cit, p. 226). Uma espécie se alimentava das frutas pela manhã, “a que os índios chamam Oitibó [...] mantêm-se das frutas e folhas de árvore, onde lhes amanhece.” (SOUSA, Op. cit, p. 235). Os Ubujaús mais pequenos “mantêm-se das frutas do mato.” (SOUSA, Op. cit, p. 235). O “Urucureá [...] de cujas alâmpadas comem o azeite.” (SOUSA, Op. cit, p. 234). “[...] a que os índios chamam Timuna [...] mantêm-se de frutas e minhocas.” (SOUSA, Op. cit, p. 238).

Algumas aves possuem hábitos especializados, ou seja, consomem somente alimentos específicos. Esse era o caso do Panu: “Chama-se Panu [...] e não se alimenta senão do fruto de uma palmeira denominada Jeraivá (provável coqueiro-jeribá).” (THEVET, 1978, p.158). Havia também o Uapicu, que possuía um “[...]bico comprido, tão duro e agudo que fura com ele as árvores que têm abelheiras, até que chega ao mel, de que se mantêm; e quando dão as piadas no pau, soa a pancada a oitenta passos e mais.” (SOUSA, 1971, p. 238-239). Obviamente, observar os hábitos alimentares do Uapicu poderia ser proveitoso aos europeus recém-desembarcados, principalmente em um período onde a oferta de fontes de açúcar, ainda era escassa. Neste caso, o mel das

pequenas abelhas indígenas, também conhecidas como meliponídeos, poderia fazer uma grande diferença na dieta dos colonizadores.

Havia, ainda, as espécies que aprenderam a se alimentar por proveito da produção agrícola dos nativos, como algumas espécies de papagaios que viviam “[...] comendo o milho quando está granado”, observou o jesuíta José de Anchieta (ANCHIETA, 1988, p. 133). Fernão Cardim também notou o mesmo comportamento oportunista: “Papagaios [...] destroem as milharadas.” (CARDIM, 1980, p. 50). Algumas espécies adotavam um comportamento tão tenaz e agressivo que os cronistas chegavam a imaginar que estas só poderiam ser uma versão colonial das mitológicas harpias. Esse era o caso das aguerridas jandaias (*hiendaias*) que:

[...] ao tempo da colheita das novidades, principalmente dos milhos, descem às fraldas do mar para se aproveitarem do cêvo deles, e nisto são tão importunos que custa muito trabalho o defendê-las dêles, porque não basta grandes gritos, nem estrondos de bacias, nem o matarem-nos às pancadas, para se desviarem das milharadas; em tanto que já vi alguns homens postos em afronta com elas. Dêsse modo deviam de ser as harpias. Se tiveram o rosto da feição que o poetas as pintam, não duvidara que eram as próprias. (BRANDÃO, 1966, p. 151-152.).

Também as “Araras [...] comem frutas do mato e milho pelas roças, e a mandioca quando está a curtir.” (SOUSA, 1971, p. 228). Outras furtavam mandioca dos índios, “Sabiá-pitanga [...] e correm pelo chão com muita ligeireza, e mantêm-se da mandioca que furtam dos índios quando está a curtir.” (SOUSA, Op. cit, p. 234). Umas gostavam de pimenta, “Sabiá-tinga [...] mantêm-se das pimentas que buscam; de cujo feitio se criam pelo campo muitas pimenteiras.” (SOUSA, Op. cit, p. 236).

A observação dos hábitos alimentares das aves da colônia foi algo recorrente entre os cronistas. Eles observaram, por exemplo, que o Anu “[...] mantêm-se de uma baga preta como murtinhos, e de outras frutinhas que buscam.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). A rebuscada técnica desenvolvida pelos aquáticos Guarás para comerem mexilhões também foi relatada por um atento Fernão Cardim: “Guacá. – seu comer ordinário são amejas, e porque são duras, e as não podem quebrar, levão-nas no bico ao ar, e deixando-as cair muitas vezes as quebrão e comem.” (CARDIM, 1980, p. 97). Outras vivem perto dos índios, mas se alimentam no mato, “Uranhengatá [...] que vão comer ao mato e torna para casa.” (SOUSA, 1971, p. 235).

Para José de Anchieta, o pequeno e acelerado Guainumbí, parecia alimentar-se somente de orvalho: “Ha ainda outros passarinhos, chamados Guainumbí [...]alimentam-se só de orvalho.” (ANCHIETA, 1988, p. 144-145). Anchieta,

provavelmente, estava se referindo ao néctar encontrado nas flores. Principal alimento dos beija-flores. Fernão Cardim também não deixou de notar a agilidade dos Guainumbig ao se alimentarem: “Guainumbig [...] e mais parecem abelhas na ligeireza que passaros, porque sempre comem de vôo sem pousar na arvore; assi como abelhas andão chupando o mel das flores.” (CARDIM, 1980, p. 52-53). Por fim, o jesuíta Francisco Soares constata que o Haynãbig não come senão de avo come as flores, se sustentam com o mel das flores. (SOARES, 1966, p. 130-131).

Há aquelas que são predadoras de pequenos animais invertebrados e vertebrados, como insetos e rãs. (TAVARES; SICILIANO, 2011, p. 6). Este é o caso do dinâmico Anu, que depois que comer seus bichinhos tinha, aos olhos dos colonizadores, um curioso comportamento: “esta possui um costume bastante estranho: quando se fartou de comer formigas ou outros insetos, vai para algum arbusto e começa a saltitar de galho em galho, subindo e descendo sem nunca parar! Chamam-na de anu.” (THEVET, 1978, p.158-159). Esta descrição testemunhada por André Thevet provém da observação detalhada de um ritual de corte e acasalamento desta espécie.

Mais uma vez é Gabriel Soares de Sousa que nos trás uma descrição rica em detalhes e repleta de informações. Trata-se do astuto:

Carcará [...] os quais se mantêm de carrapatos, que trazem as alimárias, e de lagartixas que tomam; e quando as levam no bico vão após eles uns passarinhos, que chama Suiriri, para que as larguem; e vão-nos picando até que, de perseguidos, se põem no chão, com a lagartixa debaixo dos pés, para a defender. (SOUSA, 1971, p. 234).

Trata-se de uma das aves de rapina mais emblemáticas do Brasil, de comportamento e hábitos alimentares complexos, mas que, em essência, não escaparam ao olhar atento do senhor de engenho português.

Os critérios classificatórios dos cronistas podiam, ainda, incluir, o grau de utilidade que as aves poderiam ter. Sobretudo, no controle de pragas, insetos peçonhentos e venenosos. Neste caso, algumas aves como galinhas e patos poderiam ser especialmente úteis, pois:

Estes animais inclusive tem dupla finalidade; além de serem utilizados para comer, servem para eliminar os grilos que existem por ali em uma quantidade impressionante [...] o divertido é ver o banquete que os patos fazem com grilos três vezes ao dia. (CABEZA DE VACA, 1995, p.78).

Também para a limpeza doméstica o “Iapú [...] são muito sollicitos em busca de comer, não lhe escapa aranha, barata, grillo [...]e são grande limpeza de huma casa [...]

he perigo grande terem-no na mão, porque arremetem aos olhos e tirão-nos.” (CARDIM, 1980, p. 52). Os “Gainambis [...] comem aranhas pequenas.” (SOUSA, 1971, p. 236). Os “Muiepererus [...] comem aranhas e minhocas.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). Os “Pexaroréns são uns passarinhos [...] mas comem no chão bichinhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). O “Saiubuí [...] e mantêm-se dos bichinhos da terra.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). Os “Suiriris [...] criam em ninhos nas árvores, os quais se mantêm com bichinhos e formigas das que têm asas [...]” (SOUSA, Op. cit, p. 237). “Tupianas [...] mantêm-se de bichinhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). As “emas comem flores de campo e lagartixas” (SOARES, 1966, p.139). Uns comem os bichinhos que encontram nas árvores, como o “Sabiá-unas [...] que andam sempre entre arvoredos; comem frutas e bichinhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). A quantidade de artrópodes potencialmente perigosos como aranhas, escorpiões e lacraias, que eram caçados e digeridos por patos e galinhas também deve ser levado em consideração.

Imaginemos o quanto uma espécie necrófila, como o urubu, deve ter impressionado os colonizadores com seus soturnos hábitos alimentares. É, mais uma vez, de Gabriel Soares de Sousa, uma das descrições mais pormenorizadas sobre esta fascinante espécie: “Urubus [...] mas tão sujos que fazem seu feitio pelas pernas abaixo, e tornam-no logo a comer. Estas aves têm grande faro de coisas mortas, que é o que andam sempre buscando para sua manutenção.” (SOUSA, 1971, p. 233). O senhor de engenho parece ter dedicado algum tempo à observação das aves que, hoje, classificamos como urubus. Segundo ele, o Urubutinga tinha um curioso comportamento de caça para alimentar suas crias: “[...] Estas aves comem carne que acham pelo campo morta, e ratos que tomam [...] e mantêm nele o filho com ratos que lhe trazem para comer.” (SOUSA, Op. cit, p. 234). Por fim, um temeroso Francisco Soares afirmava que “[...] a espécie menhu Vrubuanga canduguaçu come homens até os ossos e a caça há muitos frãeselhos.” (SOARES, 1966, p. 138, 139). Nada mais sinistro que uma ave de cor preta e que se alimenta de carne humana.

Ainda sobre o critério de classificação baseado no ambiente, encontramos aves descritas como as que viviam a beira d’água. Como a “Ati, [...] o bico de peralto, com que cortam o peixe como com tesoura [...] andam sempre nas barras do rio buscando peixe, do que comem.” (SOUSA, 1971, p. 232). Também as “Garcetas pequenas, a que os índios chamam carabuçu [...] todas criam ao longo do mar, onde tomam peixe de que se mantêm, e caranguejos novos [...]” (SOUSA, Op. cit, p. 232). As Garcetas foram relatadas também por Francisco Soares, “andão nos alagadissos come erua.” (SOARES,

1966, p. 139). O colheiro, “Ayaya [...] o bico he comprido, e parece huma colher; para tomar o peixe tem este artificio: bate com o pé na agua, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os Indios que tem saber humano.” (CARDIM, 1980, p.97-98).

A “ave marinha, por nome Guará, alimenta-se de caranguejos e é muito voraz.” (ANCHIETA, 1988, p. 148). Inclusive se alimenta dentro da água, “Guará [...] o seu comer e peixe, carne, e outras cousas, e sempre hão de ter o comer dentro n’agua.” (CARDIM, 1980, p. 98-99). As “[...] a que o gentio chama Urantiga [...] junto da água; mantêm-se do peixe, que tomam nos rios.” (SOUSA, 1971, p. 229). O “Jacu-açu são outras aves [...] criam ao longo delas e dos rios, no chão; mantêm-se do peixe que tomam.” (SOUSA, Op. cit, p. 230). O “Jaburu [...] e comem o peixe que tomam no mar, perto da terra, por ondem andam.” (SOUSA, Op. cit, p. 232).

O “Margui [...] e mantêm do peixe que tomam no mar.” (SOUSA, Op. cit, p. 233). O “Matuim-mirim [...] mantêm-se do peixe que tomam.” (SOUSA, Op. cit, p. 233). O “Matuimaçu [...] e mantêm-se de peixe que tomam.” (SOUSA, Op.cit, p. 233). O “Pitaoão [...] e mantêm-se dos peixinhos que alcançam por sua lança.” (SOUSA, Op. cit, p. 233). A Urateon, “a que os índios chamam urateon [...] andam sempre sobre a água salgada [...] espreitando os peixinhos de que se mantêm.” (SOUSA, Op. cit, p. 232). Umas mastigam para os filhos, como “Tuiuiú [...] mantêm os filhos com peixe dos rios o qual comem primeiro, e recozem-no no papo, e depois arreversam-no, e repartem-no pelos filhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). Este critério aristotélico, de identificar a ave por meio do seu ambiente, foi muito recorrente entre os cronistas no século XVI, pois, habitat, é o seu lugar no mundo natural (ARIZA; MARTINS, 2010, p. 25).

A agressividade e a voracidade também foram empregadas enquanto critério de classificação e descrição na América portuguesa. Especialmente no que se refere às aves de rapina como águias e falcões. Ao descrever o ciclo reprodutivo do Caburé-açu, Gabriel Soares de Sousa, informou que “A águia, a que o gentio chama Caburé-açu [...] e sustentam os filhos da caça que tomam, de que se mantêm.” (SOUSA, Op. cit, p. 226). Sobre o tamanho e comportamento de caça das águias avistadas na Colônia, Pero de Magalhães Gandavo observou que:

[...] as aguias sam mui grandes e forçosas, e assi remetem com tanta furia a qualquer ave, ou animal que querem prear, que ás vezes acontece nestas virem algumas tam destinadas seguindo a preza que marrão nas casas dos moradores, ali caem à vista da gente sem mais se poderam levantar. (GANDAVO, 1964, p. 45).

Estas caçadoras eram ágeis, “há outro modo de falcão ou gavião, que não sei de que espécie seja, também mui ágil para caça, mas não tão grande” (BRANDÃO, 1966, p. 157). O português Ambrósio Fernandes Brandão parece ficar impressionado com a velocidade e destreza da *Garataurana* “[...] que entre todas as aves de volataria pode levar o preço em ligeireza e agilidade que têm para caçar [...]Cousa estranha é essa pela fereza dêsse animal e fôrças de que é dotado.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 156). Gandavo não deixa de notar que esta classe de aves era também muito forte e habilidosa. Predadores natos: “os Gaviões também sam mui destros e forçosos.” (GANDAVO, 1964, p. 45-46). Brandão nomeia várias espécies de falcões. Entre estes o Piron, Gambiapiruera, Eixua, Taguae, Quaraquará, Guaquaqua e Jaqueretu. Brandão destaca o chamado tuindá por conta de seus hábitos predatórios, sempre caçando “[...]de dia e de noite.” (BRANDÃO, 1966, p. 157).

Algumas espécies, ao que parece, foram inseridas rapidamente, em sua dieta, espécies domésticas trazidas do Velho Mundo. Este era o caso do Toaté que parecia ter desenvolvido uma predileção especial por galinhas em idade juvenil: “Toaté [...] vive de rapina no mato e em povoado não lhe escapa pintão que não tome.” (SOUSA, 1971, p. 233). E a “Uraçu [...] os quais vivem de rapina no mato, e no povoado destroem uma fazenda de galinhas pintões.” (SOUSA, Op. cit, p. 233-234). Um surpresa Pero de Magalhães Gandavo relata a audácia de alguns gaviões que parecem não se intimidar com a presença humana frente às suas presas:

Os Gaviões [...] huns pequenos como esmerilões, em sua quantidade o são tanto, que remetem a uma perdis, e a levam nas unhas pera onde querem, e juntamente são tão atrevidos, que muitas vezes acontece de ferirem a qualquer quer ave e apanha-la dentre a gente sem se quererem retirar nem larga-la por muito que os espantem. (GANDAVO, 1964, p. 45-46).

O jesuíta Francisco Soares relatou a existência do temerário Cabureguaçu, um falcão grande o suficiente para carregar uma anta entre suas garras (SOARES, 1966, p. 139). José de Anchieta também não se furtou em descrever estas enormes aves caçadoras de grande envergadura e garras potentes: “Das aves de rapina ha muitas especies, das quais algumas são de tal tamanho que matam e despedaçam até veados, maximè uma [...]” (ANCHIETA, 1988, p. 134-135). São aves bravas, “outras muitas aves de rapina, sc., aguias, falcões, açores, esmerilhões, francelhos, e outras muitas, mas são todas de ordinario tão bravas que não servem para caçar, nem acodem á mão.” (CARDIM, 1980, p. 57).

Ambrósio Fernandes Brandão descreve, impressionado a infeliz investida de um gato doméstico sob uma Garataurana, uma águia cuja ferocidade ficou comprovada no dramático desfecho que a contenda teve:

[...] houve vista dele um grande gato e, cuidando que tinha a prêsa certa, se foi chegando para o pássaro mui alapardado, com atenção de o atropelar e levar nas unhas; mas êle tanto que sentiu vir o gato, alevantou uma perna, ficando sôbre a outra, e ambos estiveram assim por um pequeno espaço, imaginando um de se cevar no outro, e o outro no outro; até que, alevantando a cabeça o gato, se lhe lançou em cima o gavião, e desta sorte engarrafou nêle com as unhas que, a pouco espaço, abrindo o gato as mãos e pernas, ficou morto, e quando lhe quiseram acudir já o estava. (BRANDÃO, 1966, p. 156).

Um gato estripado em questão de segundos por uma ave. Mesmo os animais domésticos trazidos do Velho Mundo teriam duras lições de sobrevivência a aprender na América portuguesa.

O contato com os instintos aguçados e habilidades de caça das águias e falcões do Novo Mundo em breve despertou, nos europeus, o desejo de dar continuidade a uma milenar tradição europeia. Referimo-nos a arte da falcoaria. Apesar do potencial prejuízo que estas aves causavam à criação de galinhas, Ambrósio Fernandes Brandão não deixa de ver, neste comportamento, qualidades inerentes a um processo de domesticação e posterior emprego destes animais: “Tôdas as que tenho nomeado são excelentes para o uso da caça, porque levam na unha qualquer galinhas, por grande que seja, e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 157). Apesar de, inicialmente, a ideia parecer muito boa, o cronista português Brandão, conclui que a floresta tropical úmida não é o melhor ambiente para se caçar com um falcão em seu punho: “Não se aproveitam destas aves para caça, e em parte têm desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos e não é possível poderem-se soltar sem se perderem.” (BRANDÃO, Op. cit, p.157).

O critério alimentação, juntamente, com a localização e o modo para se obter, foi desenvolvido pela dedicação de muitos cronistas em descrever as aves do Novo Mundo. Neste quesito, buscar alimentos no solo, acabou por abranger uma quantidade significativa de espécies, dentre elas observaremos o Tié-juba que “[...] mantêm-se de pedrinhas que apanham pelo chão.” (SOUSA, 1971, p. 236). “Há outras aves, a que os índios chamam piquepebas, [...] estas andam sempre pelo chão, [...] o mais do tempo, andam esgaravatando a terra com o bico, buscando umas pedrinhas brancas de que se mantêm.” (SOUSA, Op, cit, p. 230). Aves como as emas, se mantêm-somente daquilo

que encontram no chão, chegam até comer ferro, “Emas, das quais tenho por fabuloso o dizer-se que comem ferro, porque nunca soube que o comessem, posto que tenho visto muitas.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). De modo geral, os cronistas já haviam concluído que as emas não têm restrições para alimentação, comem de tudo um pouco, “criam-se nestes matos emas [...] e mantêm os filhos com cobras e outros bichos que tomam, e com frutas do campo.”, observou o senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa (SOUSA, 1971, p. 226).

2.3 – As preciosas.

Menciona o missionário francês Jean de Léry que a nau em que viajava, ao atracar em uma ilha desabitada, possibilitou que observasse grandes quantidades de aves de várias espécies, e muito mansas, e “assim nossos homens puderam encher o escaler, trazendo para o navio grande quantidade delas” (LÉRY, 2007, p. 83). Os europeus em suas viagens, caso tivessem a oportunidade, não poupariam de capturar aves nas costas atlânticas. Não nos esqueçamos de que a ‘sede’ por recursos naturais foi uma das grandes responsáveis pela expansão ultramarina europeia a partir do século XVI. Apesar de ser bem menos citado pela historiografia moderna, o tráfico de animais também foi uma importante fonte de recursos.

Este domínio e apropriação do homem com relação aos recursos naturais, em parte, não foi somente por uma necessidade de sobrevivência, mas também devido, a uma concepção tradicional que existia no renascimento, de que o mundo foi criado para o bem do homem e todas as outras espécies deveriam estar de suborno aos seus desejos e necessidades. A natureza não fez nada em vão, e tudo tem um propósito. Animais e plantas foram criados para o bem do homem (THOMAS, 1988, p. 21).

No século XVI os animais, ainda que em menor grau do que as plantas, seriam vistos como bens naturais a serem manufaturados, processados e comercializados, fossem como alimentos, adornos, vestimentas ou produtos medicinais (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 91). Na América recém-descoberta os europeus compilaram enormes listas de recursos potenciais para a exportação. Foi um trabalho metódico e exaustivo. Além das madeiras, fibras, seivas, sementes, galhos, flores, frutos e sementes, muitas espécies animais, bem como suas partes, tinham um potencial mercantil considerável. Entre estes destacavam-se as penas e plumas de algumas aves, bem como aquelas que conseguiam imitar a fala humana (DEAN, 1996, p. 71-72).

As aves nativas da América do Sul, graças às suas habilidades de canto, fala, comportamento e, também, por conta de toda a sua beleza em cores, tornar-se-iam, aos olhares europeus, preciosidades no comércio do século XVI. As plumas das aves já eram consideradas, mesmo entre os nativos, adornos de grande valor. Com elas praticavam ostensivamente o comércio de escambo (DEAN, Op. cit, p. 66). Fernão Cardim chega a dizer que muitas etnias chegavam a trocar carne humana por penas e plumas: “e estimão-nas tanto que, com serem muito amigos de comerem carne humana, dão muitas vezes os contrários que têm para comer em troco das ditas pennas.” (CARDIM, 1980, p. 98-99).

Por terem as aves tanto um valor simbólico quanto alimentar, os nativos sabiam onde encontrá-las e como capturá-las. A partir daí, não levou muito tempo para que fosse estabelecida uma rotina de troca entre nativos e colonizadores portugueses. O que acabou por se tornar mais um item a ser embarcado nos porões das naus que zarpavam para a Metrópole. O valor que tais aves poderiam conseguir, sobretudo, os papagaios poderia ser avaliado, a partir de todo aparato logístico que demandava na captura destes animais. Afinal, as espécies mais valorizadas, como o papagaio verdadeiro, tinham como habitat bosques de palmeiras em cerrados longínquos, a mais de mil quilômetros do litoral (DEAN, 1996, p. 66). Sob todo aparato logístico que cercava a captura e comércio de tais animais, Pero de Magalhães Gandavo relatou que “[...] sam aquelles a que na terra commummente chamam papagaios verdadeiros: os quaes trazem os Indios do sertão a vender aos Portuguezes a troco de resgates.” (GANDAVO, 1964, p. 46-47).

Além da beleza e formosura das cores de suas plumas, papagaios e araras eram muito estimados por uma fantástica habilidade, a fala, de imitarem a voz humana. O mais estimado por esta habilidade foi o Ajuruauçu, “os quais se fazem mui domésticos em casa, onde falam muito bem” (SOUSA, 1971, p. 231). O “Maracanã [...] e amansam-se alguns, porque falam.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). “Há outros papagaios, a que chama curicas [...] se amansarem em casa, onde falam muito bem.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). Também o “Canindé [...] os índios os tomam novos nos ninhos, para se criarem nas casas, porque falam e gritam muito, com voz alta e grossa; os quais mordem mui valentemente.” (SOUSA, Op. cit, p. 228). Uns “[...] a que os índios chamam tuim [...] tomam-nos em novos para se criarem em casa, onde falam muito claro e bem, e têm graça no que dizem.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). Também o jesuíta Fernão Cardim, que os “tuins he huma especie de papagaios pequenos [...] são muito estimados, [...] também porque fallão muito.” (CARDIM, 1980, p. 51).

Muitas espécies com a habilidade da fala eram tomadas de seus habitats naturais e mesmo que ainda não pronunciassem uma só palavra, muitos nativos ou europeus se empenhavam em uma espécie de engenhosidade na arte ensinar tais psitacídeas a falarem um arsenal de vocabulário. Os “Papagaios [...] e são os mais estimados para se ensinar a falar.” (BRANDÃO, 1966, p. 155). Alguns falavam a pronuncia corretamente sem erros, com uma habilidade impressionante, “Outra casta, a que chamam coricas [...] quando dão em falar o fazem muito bem”. (BRANDÃO, Op. cit, p. 155). Também outros papagaios “a que dão o nome de tuins [...] que explicam arrazoadamente tudo o que lhes ensinam, e destes tais os mais estimados são os que se chamam quaiaquaiais.” (BRANDÃO, Op. cit, p.155).

As Psitácidas como facilidade a habilidade da fala, eram ensinadas com muito empenho por seus donos, por exemplo, a “Arára [...] os Indios os estimão muito [...] he passaro bem estreado, faz-se muito domestico, e manso, e falão muito bem, se os ensinão.” (CARDIM, 1980, p. 50). “E da mesma maneira araras [...] que também falam, quando são ensinadas.” (BRANDÃO, 1966, p. 155). E os papagaios quando também ensinados, por seus donos, é a graça tê-los falando, “quando ensinados, são os que melhor falam, apreciam-nos mais do que os outros [...]” (LÉRY, 2007, p. 84). A arte de ensinar as Psitácidas a falarem foi desenvolvida pelas populações nativas sul-americanas, e é tão certo dizermos que os indígenas sabiam o valor que possuía a habilidade da fala de uma ave. Poderiam aprender as aves, além da língua indígena também a língua francesa, o que mais surpreenderia os europeus:

[...] um intérprete presenteou-me com uma dessas aves que há três anos conservava em seu poder. Pronunciava ela tão perfeitamente as palavras da língua selvagem e da francesa, que não era possível distinguir a sua voz de um homem. (LÉRY, Op. cit, p. 84).

Os indígenas negociavam outras espécies de aves que não tinham, necessariamente, a habilidade de imitar a fala humana. Este era o caso do tucano, pois fora muito desejado por conta de sua anatomia exótica e das belas cores de suas penas. Além dos portugueses, os franceses também pareciam ter uma predileção especial por tais itens: “existe no país uma ave, o tucano [...] Todavia, como possuem grande quantidade de penas, embora as apreciem muitíssimo não hesitam em trocá-las com portugueses e franceses contra quaisquer mercadorias.”, observou Jean de Léry (LÉRY, Op. cit, p. 115).

A base do comércio colonial, no século XVI, foi o escambo entre europeus e indígenas. As trocas não visavam somente a manutenção de interesses mútuos. Entre os nativos a troca também simbolizava o estabelecimento de alianças, algo que os europeus rapidamente compreenderam. Isso pode ser observado na aliança ocorrida, no século XVI, entre tupis e franceses. Ambos tornaram-se aliados e parceiros de troca, os índios supriam os franceses em braços armados e estes, em contrapartida, não os faziam escravos (DEAN, 1996, p. 66-68).

A troca não era o único meio pela qual os europeus conseguiam as aves e suas penas. Ser presenteado pelos nativos com as mesmas também se mostrava uma possibilidade atraente. O cronista Ambrósio Fernandes Brandão lembra de um episódio em que fora agraciado com um japu: “os dias passados me trouxeram a amostrar um pássaro que me disseram chamar-se japu, de uma côr amarela, digna de estimar.” (BRANDÃO, 1966, p. 153). André Thevet relatou que chegou a França com várias aves que havia ganhado de presente dos ameríndios: “[...] trouxe para a França uma destas aves que ali ganhei de presente, e também diversas plumagens de cores variadas, umas vermelhas como escarlata, outras amarelas, azuladas, ou de várias outras cores.” (THEVET, 1978, p. 140). Presentear com aves e ou penas/plumas era, para o nativo, uma forma de recepção, um protocolo político. O mesmo se aplicava aos rebuscados cocares emplumados que simbolizavam virtudes mágicas. Eram trocas que se operavam tanto em nível mercantil quanto simbólico (DEAN, 1996, p. 62-63).

De fato, esta economia de escambo com recursos biológicos nos apresenta algumas dinâmicas e impactos causados pela ação humana ainda no primeiro século de colonização. Podemos mensurar também, o quanto os saberes nativos acerca da MA contribuíram para a empreitada colonizatória portuguesa. Aliado a isso, observamos também que a dinâmica mercantil, no período colonial, foi muito além do pau-brasil e da cana-de-açúcar. Certamente, se a América portuguesa não fosse habitada pelas diversas etnias indígenas que aqui chegaram há milhares de anos, os portugueses não conseguiriam localizar e identificar quais as plantas ou animais com potencial exploratório que se reverteriam em considerável lucro para a nação portuguesa (DEAN, Op. cit, p. 63).

Os europeus reconheciam a floresta tropical, com muitas árvores grandes e repletas de pássaros de todos os tipos, apenas na faixa litorânea e nas colônias mais próximas da praia. (DEAN, Op. cit p. 62). Portanto, fora nas praias a grande atuação de negociação dos europeus com os indígenas, várias espécies da fauna eram capturadas

pelos nativos, e por meio do escambo adquiridas pelos europeus, e em seguida, transportadas a navios para a Europa. As viagens do descobrimento e de exploração envolveram muito menos navios e tripulação, e mesmo assim, trouxe de volta a Europa várias espécimes vivas (ROBBINS, 2002, p. 16).

No comércio marítimo as aves mais preciosas, e, conseqüentemente de maior valor no mercado foram os papagaios por sua habilidade da fala, e também suas cores. Algumas espécies, como os Anapurús eram tão valorizadas que chegavam a ter o valor de três escravos, como a “[...] E por isso sam tidos na terra em tanta estima, que val cada hum entre os Indios dous, tres escravos.” (GANDAVO, 1964, p. 46-47). O Anapuru, que, como bem cita Pero de Magalhães Gandavo, era extremamente raro, o que poderia explicar seu alto preço (DEAN, 1996, p. 66). Ainda sobre o Anapuru, o fato de não encontrarmos, nas fontes documentais dos séculos XVII e XVIII qualquer referencia a esta ave leva-nos a suspeitar de que se trata de uma espécie de psitacédeo que pode ter sido extinta ainda no século XVI devido, ao que tudo indica, à caça e tráfico desenfreados promovidos pelos colonizadores.

A raridade foi um fator para tornar as aves preciosas, ou seja, quanto mais rara uma espécie, maior o seu valor no mercado. Poderiam ser consideradas raras se acaso existissem poucas espécies, ou se fossem difíceis de serem encontradas ou ainda se o aspecto físico fosse único. Como a “Araraúna [...] são de grande estima, por sua formosura, por serem raros, por não criarem senão muito dentro pelo sertão” (CARDIM, 1980, p. 50). No empreendimento para se conseguir uma ave rara se tinha um cálculo de valor, como o:

Guigrajúba [...] mas muito estimados, por se trazerem de duzentas, e trezentas leguas, e não se achão, senão em casas de grandes principaes, e têm-nos em tanta estima que dão resgate, e valia de duas pessoas por um deles, e tanto o estimão como os Japões as tremes, e panellas, e qualquer outros senhores alguma cousa de grande preço, como falcão, girifalte, &&.” (CARDIM, Op. cit, p. 51-52).

Uma ave estimada tornava-se mais valiosa ainda, quando pessoas dispunham-se a pagar altas quantias para obtê-las. Uma ave de preço elevado era a “Quereiuá [...] são tão estimadas, que os Indios os esfollão, e dão duas e tres pessoas por huma pelle deles” (CARDIM, Op. cit, p. 54-55). Dentre as aves com grande potencial mercantil, Gandavo destacava a Canindé que eram “[...] estimados em grande preço de toda pessoa que os alcança.” (GANDAVO, 1964, p. 46).

Os nativos rapidamente perceberam o fascínio que as aves dotadas de fala exerciam sob os europeus. Tanto que alguns relatos nos permitem observar uma verdadeira articulação mercantil, por parte dos indígenas, para transformar os papagaios em objetos de desejo dos europeus. Não raramente os papagaios eram adestrados pelos indígenas para “dançarem” ou falarem na língua portuguesa, e a cada palavra e frases pronunciadas pelos papagaios os colonizadores ficavam deslumbrados. Jean de Léry chegou a testemunhar uma destas situações em que as relações mercantis eram, literalmente, mediadas por uma ave:

Quando por ali passávamos esta nos interpelava: dai-me um pente ou um espelho e eu farei com que o meu papagaio cante e dance em vossa presença. E se dávamos o que pedia, bastava-lhe uma palavra para que o pássaro começasse a saltar na vara em que pousava, a conversar, assobiar e arremedar os selvagens de partida para a guerra, de um modo incrível. [...] E quando a dona dizia para cantar, ele cantava; e também dançava quando ela lho ordenava [...] Se porém não lhe dávamos nada, ela se limitava a dizer asperamente ao papagaio: augé, isto é, “para” e ele se aquietava sem proferir palavra e por mais que lhe disséssemos não movia nem o pé nem a língua. (LÉRY, 2007, p. 151).

A habilidade de fala das psitacéias era algo importante, aquelas que não falavam e somente gazeavam não eram tão valiosas do ponto de vista mercantil. Embora, do ponto de vista filosófico natural, os cronistas as consideravam tão importantes quanto aquelas que falam: “destes papagaios há na terra mais quantidade do que cá entre nós ha de gralhas ou de estorninhos e nam sam tam estimados como os outros porque gazeam muito.” (GANDAVO, 1964, p. 47). O falar tinha mais valor que gazear tanto que os indígenas se empenhavam a ensinar algumas espécies que possuíam maior dificuldade para falar: “[...] falam dificultosamente, e á custa de muita industria. Mas quando vem a falar passam pelos outros e fazem-lhe nesta parte muita vantagem.” (GANDAVO, Op, cit, p. 47). Mas quando os nativos conseguiam ensinar-lhes, obviamente, obtiam a recompensa vendendo-lhes por altos valores aos europeus. Também muitos indígenas lançavam mão de artifícios que os europeus, talvez já conhecessem:

[...] e por isso os Indios da terra costumam depenar alguns em quanto sam novos e tingi-los com o sangue de umas rãs, com outras misturas que lhe ajuntam, e depois que se tornam a cobrir de pena ficam nem mais nem menos da cor dos verdadeiros: e assi acontece muitas vezes enganarem com eles a alguma pessoas, vendendo-lhes por taes. (GANDAVO, Op. cit, p. 47).

Pero de Magalhães Gandavo relatou que os nativos pintavam umas espécies de papagaios para que se parecesse com os ditos papagaios ‘verdadeiros’, de certo, deveria ser esta espécie a grande dominadora da fala ou a mais bonita, e conseqüente, a mais procurada pelos europeus para negócio. Também, Gabriel Soares de Sousa trata que os papagaios ‘verdadeiros’ eram os escolhidos para embarcar a Europa, os “Ajerueté são uns papagaios verdadeiros, que se levam à Espanha.” (SOUSA, 1971, p. 231). Este empenho de modificar as penas de papagaios é um engenhoso costume indígena praticado, na maior parte da América do Sul, como os Tupinambás no Brasil, em que se esfrega tinta em áreas depenadas e então as novas penas que ali nasceram terão a cor desejada. Trata-se de um engenhoso (e astuto) processo conhecido como Tapiragem. (GILMORE, 1987, p. 215- 216).

A tinta utilizada para fazer a Tapiragem vem da mistura de secreção da pele de algumas espécies de rãs e sapos, ou de uma tintura vegetal, geralmente, da cor laranja ou vermelha da planta conhecida como urucum (*Bixa orellana*), tal técnica costumeiramente faziam os indígenas da etnia Bororo, no sudoeste do Brasil. Outra técnica de Tapiragem pode ser encontrada entre os índios que viviam às margens do rio Negro como os Uaupés e Aiarí, e do rio Solimões como os Kokâma e Kambeva. Estes utilizavam a gordura do peixe pirarara. Esta era esfregada ou adicionada ao alimento dos papagaios. De fato, a coloração de algumas aves tende a se modificar caso estas sejam alimentadas com determinados alimentos. Canários domésticos que eram alimentados com sementes de cânhamo com sementes de pimenta caiena também tornavam-se vermelhos. As modificações da alimentação afetam as penas na muda e as de tapiragem podem crescer entre as mudas. Tais aves, ao terem suas cores modificadas, eram chamadas pelos colonizadores como falsificadas (ou contrafeitos) (GILMORE, 1987, p. 215-216).

Para além de aves tão preciosas e que valiam altas quantias, tínhamos na colônia aves domésticas, como as galinhas, que eram adquiridas por banais quantias, como relatou o jesuíta Azpicuelto Navarro que “si tem em Portugal galinhas, cá as há muitas e mui baratas.” (NAVARRO, 1988, p. 289-290). Os nativos não valorizavam economicamente as galinhas, “[...] os selvagens não lhe dão muito valor, trocando duas galinhas por uma simples faca.” (THEVET, 1978, p. 140). Ou por seis anzóis se obtém quase a mesma quantidade, “[...] e por uma de dois *liard*, ou por cinco ou seis anzóis se obtém três a quatro galinhas pequenas comuns.” (THEVET, Op, cit, p. 140). Mesmo com pouco valor mercantil, ainda sim, galinhas, patos e marrecos faziam parte das

posses de um nativo e não poderiam ser tomadas ou abatidas sem que se pagasse ao dono, como relata o missionário Jean de Léry que estava à procura de aves, quando foi interpelado por um rapaz que disse:

Aí está um bonito pato da Índia, matai-o e ficareis quites com o dono pagando-o. Não tive dúvida em seguir o conselho, pois muitas vezes matara galinhas em outras aldeias, e os selvagens não se zangavam, aceitando em paga algumas facas. Apanhei depois o pato morto e fui ter a uma casa onde se achavam reunidos quase todos os selvagens do lugar, para *cauinar*. Indaguei então do dono do pato e apareceu um velho de má catadura que me disse: É meu. - Quanto queres por ele? - Uma faca. Apresentei-lhe uma faca, mas ao vê-la o velho disse:- Quero outra mais bonita. Apresentei-lhe outra, mas ele declarou que não a queria tampouco. - Uma foice. Além de ser um preço excessivo, acontecia não ter eu uma foice, por isso disse-lhe que se contentasse com a segunda faca pois outra coisa não lhe daria. (LÉRY, 2007, p. 241-242).

Tal episódio demonstra o quanto os nativos sabiam negociar e, claro, usufruir das aves domésticas recém-chegadas do Velho Mundo para obter objetos, utensílios e ferramentas dos europeus. Outro aspecto importante diz respeito ao valor destes animais enquanto fonte de alimentação, ou seja, proteína. O valor da sobrevivência nunca deve ser subestimado, assim como, o valor destas aves domésticas no cotidiano colonial.

Trocar aves como galinhas, patos e marrecos por espelhos, facas era o mais comum e o mais corriqueiro aos portugueses. O gosto que os indígenas desenvolveram por objetos e ferramentas de aço, como a faca e o machado, foi devido à conclusão óbvia de que aquelas ferramentas reduzia o seu tempo de trabalho, como na atividade de derrubar árvores e esculpir canoas, ou nas grandes faina da tribo para obtenção do alimento. O mesmo sendo válido para itens como anzóis que foram muito utilizados pelos indígenas, uma nova técnica de explorar alimentos dos estuários. Tudo proporcionando economia de trabalho, expandir a subsistência e evitar os perigos da floresta. Motivos que, certamente, geraram uma bem articulada “presteza” dos tupis em se engajarem no escambo com os europeus. O que, certamente, proporcionou uma aceleração do processo de degradação ambiental que, inevitavelmente, levou a extinção de inúmeras espécies vegetais e animais (DEAN, 1996, p. 65).

Com a chegada dos europeus na América o escambo logo se tornou uma rotina intensa. De um lado, uma população nativa desejosa por armas de ferro e disposta a saquear a floresta em busca de valiosos recursos para comercializar e, de outro lado, comerciantes e clandestinos que, logo, pagariam por estes recursos, e em grande fluxo

exportariam para a Europa, como objetos exóticos colecionáveis. (DEAN, Op. cit, p. 71).

Esse desejo europeu por aves exóticas, durante um longo período, foi motivado por uma curiosidade europeia em se conhecer, classificar e organizar coleções de animais, plantas e minerais exóticos. Tal demanda surge, acima de tudo, durante o renascimento (DELAUNAY, 1997, p. 143). Como já foi discutido, não somente as aves, mas também suas penas eram muito requisitadas pelos europeus. O caso das penas das araras é relatado pelo francês Jean de Léry:

[...] trouxe comigo para a França muitas dessas penas, principalmente as vermelhas e azuis da cauda; no meu regresso, porém, ao passar por Paris um indivíduo da Corte, a quem as mostrei, não cessou de importunar-me enquanto não as obteve. (LÉRY, 2007, p. 149).

Também as penas do tucano, relatou André Thevet que “no litoral propriamente dito, a mercadoria mais comum são as penas de uma ave chamada tucano” (THEVET, 1978, p. 140). As penas eram mencionadas em vastas quantidades nas cartas enviadas ao Rei D. Manuel. (SEIXAS, 2003, p. 199-119). Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, explorador espanhol, também dedica parte de sua crônica ao registro intenso de penas e plumas das aves do Novo Mundo:

[...] estando ali nestes povoados dos órteses e aburuñes, vieram ali muitos índios principais de outros povoados de terras mais adentro para falar com ele, trazendo-lhe plumas semelhantes às do Peru, além de algumas placas de prata lavrada velhas. (CABEZA DE VACA, 1995, p. 160).

O tráfico das plumas de aves, com todas as suas cores extraordinárias, tornava-se muito lucrativo. Os navios normandos voltavam carregados com mercadorias como plumas, e inclusive esculturas de penas. A ideia de se colecionar itens de culturas nativas do continente recém-contatado fascinava nobres e plebeus. Logo, cocares, colares, pulseiras, capas e todos os itens, elaborados por mãos indígenas, que possuíssem penas e plumas de aves nativas se tornavam objetos da prática colecionista que tomava a Europa no início da era Moderna (MONTAIGNE, 2002, p. 171-176). Eram enviados, ao continente europeu, adornos de cabeça como os relatados por André Thevet: “trouxe para a França um bellissimo chapéu de penas, rico e singular adorno que ofertei ao nosso Rei.” (THEVET, 1978, p. 140). Os adornos decorativos indígenas feitos com penas eram enviados à Europa. (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 91). O adorno da cabeça dos índios seduzia os marinheiros, tanto que muitas vezes, estes prendiam

plumas nos seus chapéus para simbolizar, perante aos seus conterrâneos, a vivência de uma aventura nos trópicos. Até dignitários do reino foram apoderando dos adornos indígenas e incorporando aos seus trajes. (MONTAIGNE, 2002, p. 173).

Os primeiros psitacídeos a serem levados para a Europa, provavelmente espécies oriundas do continente africano, ali chegaram ao tempo de Alexandre, O Grande (336 a.C. – 323 a.C.). “A partir de então, multiplicaram-se estas aves enormemente, tanto no Levante quando na Itália, especialmente em Roma.” (THEVET, 1978, p. 158). Isso mostra o quanto estas aves já eram apreciadas pelos europeus. Após a comercialização pelo litoral da colônia, viajavam as aves como produtos de cargas, nas embarcações rumo à Europa. Para além do pau-brasil, as naus que atracavam no litoral português, vindas do Novo Mundo traziam em seus porões um número incalculável de macacos, onças, tatus e papagaios. Isto, se acaso estes estivessem vivos depois de atravessar o oceano Atlântico, tais animais chegavam a alcançar preços exorbitantes entre os colecionadores (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 91).

O documento de regimento da nau francesa *Bretoa*, de 1511, registra que no seu retorno à França, no seu carregamento continha cerca de 125 toneladas de pau-brasil, 35 escravos indígenas, e mais 72 animais, sendo 22 periquitos, 16 gatos (provavelmente jaguatiricas), 16 saguis, 15 papagaios e 3 macacos. Correspondente que aos 72 animais embarcados o valor não ultrapassaria os 24.220 reais, cerca de um sétimo do montante anterior. E observando que estes animais levados pertenciam mais ao piloto e ao dispenseiro. Para termos uma ideia do lucro, o ducado veneziano mais ou menos se equiparava ao cruzado português – o qual perfazia 400 reais – parece razoável afirmar que o preço desse pequeno zoológico girava em torno de 60 ½ ducados – apenas 1,2% da carga de ‘paus-de-tinta’. Não se levando em conta o pagamento de impostos, cada papagaio, periquito, felino ou primata custava por volta de R\$336,00 reais, pouco menos de uma décima quinta parte da média de R\$4.942,00 reais atribuída a um indígena cativo’. (TEXEIRA; PAPAVERO, 2010, p. 17; DEAN, 1996, p. 67).

O *La Pélerine*, outra nau também francesa, retornou para a Europa em 1532 com mais de 3 mil peles de leopardos; trezentos macacos e seiscentos papagaios. (DEAN, Op. cit, p. 67). O barão Saint Blanchard dono do *La Pélerine*, em 1583, dizia que enquanto as toras de pau-brasil eram transportados pelo *La Pélerine*, apresentada por uma armada portuguesa, se avaliam em oito ducados o quintal, e o preço de cada um dos papagaios orçou-se em seis ducados. E seriam no mínimo seiscentos, os papagaios que a nau francesa transportava. (SEIXAS, 2003, p. 60; GUEDES, 2002, p. 156). O

comércio de papagaios era tão certo que o *La Pélerine* partia novamente em 1530 de Marselha rumo a costa de Pernambuco, para fazer o costumeiro comércio de pau-brasil, algodão e papagaios. (GUEDES, Op. cit, p.156). De fato, traficar papagaios parecia ser um negócio tão ou mais lucrativo que pau-brasil.

Outro navio francês foi *Espoir* (Esperança), que teria aportado no Brasil, em 1504, em uma viagem que foi organizada por banqueiros da cidade de Honfleur, na costa da Normandia, norte da França. Os banqueiros do *Espoir* não tinham, inicialmente, como destino a América do Sul, e sim a Ásia, mas as dificuldades da viagem levaram-nos a escolher o Novo Mundo, onde pudessem trocar os diferentes produtos que levavam por uma considerável quantidade de pau-brasil e outras mercadorias como papagaios, macacos e penas de pássaros exóticos, enfim, todos eram produtos naturais extremamente valiosos na França (SEIXAS, 2003, p. 131-132).

Os navegadores do *Espoir* eram Dieppe e Saint-Malo, além da tripulação formada por normandos e bretões, que iam rumo as Índias Ocidentais. Em seus diários, consta que negociaram com índios tupinambás. Ao que parece, firmaram um acordo vantajoso com nativos, pois Binot Paulmier de Gonneville, negociador francês e dono do navio, julgava ter conseguido itens nativos o suficiente para suprir os custos da viagem. (GUEDES, 2002, p. 143-146). A popularidade dos papagaios da América portuguesa era tamanha, no século XVI, que um certo abade d'Estourville enviou para Paris papagaios comprados em Rouen. Estes, certamente trazidos até a França em alguma nau vinda do Novo Mundo (GUEDES, Op. cit, p. 150).

Às vezes as aves que embarcavam nas naus com a finalidade de serem vendidas a altos preços para colecionadores e membros da alta nobreza, durante a longa jornada de travessia no Atlântico, tinham um triste fim. A fome, essa sinistra companheira que aguardava para embarcar, geralmente, no meio da viagem, não raramente, levava a tripulação a comer todo o seu empreendimento mercantil:

[...] a fome, durante a qual, como já disse, foram comidos todos os bugios e papagaios que trazíamos, guardara eu até então uma dessas aves, grande como um pato, bom falador e de linda plumagem, porque desejava com ela presentear ao senhor almirante; mas tal foi a necessidade, que não pude conservá-la mais tempo e teve a mesma sorte das outras. (LÉRY, 2007, p. 265).

O missionário francês Jean de Léry se lembraria deste episódio com muito pesar. E cinco dias depois da matança dos papagaios e bugios eles estavam desembarcando no continente europeu. Do papagaio que acompanhava Léry só sobraram as penas:

[...] e serviram o corpo, as tripas, os pés, as unhas e até o bico adunco de alimento durante três ou quatro dias para mim e alguns amigos. Não escondo entretanto o pesar que tive de tê-lo morto, ao ver terra cinco dias após, pois como tais aves passam muito tempo sem beber teriam bastado três nozes para alimentá-la durante esse período. (LÉRY, 2007, p. 265).

Araras, papagaios e jandaias, certamente, tinham um valor de raridade e exotividade, que até mesmo o mais faminto marujo, de certo, relutou em comê-las, visando seu lucro depois de tantos meses de privações. O fato é que o tráfico de animais sempre foi cercado por uma alta taxa de mortalidade. Mesmo quando a fome não enlouquecia a tripulação, a ponto desta devorar sua preciosa carga, poucos animais levados do Novo Mundo desembarcavam vivos na Europa. As aves sofriam tanto pela sua fragilidade, quanto pela sua comestibilidade que, obviamente, as colocavam em risco. Ademais, o fato dos tripulantes franceses, devido à tamanha fome, servirem-se das aves que eram transportadas como carga, nos leva a refletir sobre a situação de cativeiro condicionada a aves nativas, ao serem transportadas para o Velho Mundo. Mesmo com o aperfeiçoamento nas técnicas de transporte de tais animais nos séculos seguintes, como o desenvolvimento de estratégias para acomodação de beija-flores, a taxa de mortalidade, nas naus, sempre foi alta (ROBBINS, 2002, p. 11-12).

Obviamente, além das naus francesas, as portuguesas também levavam papagaios e outros animais como mercadoria. Mencionou Giovanni Matteo Cretico, diplomata veneziano em Portugal, na sua carta em 27 de Junho de 1501 escrita para seus superiores, que presenciou marinheiros com papagaios trazidos da colônia brasileira. Havia muitos comerciantes portugueses atuando no transporte de mercadorias da colônia rumo à metrópole. Pois, em 1503, a coroa portuguesa concedeu um consórcio de comerciantes liderado por Fernão Lopes com monopólio de comércio com o Brasil. Nas expedições iniciais, os marinheiros carregavam algo para próprio uso, ao privado, mas aos poucos foram capturando animais exóticos para o mercado da Europa. Os papagaios passaram a ser o símbolo da Terra de Vera Cruz e os marinheiros, logo, perceberam que aquela ave lhes poderia render um considerável acréscimo ao soldo pago pelo dono da nau. (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 14-15).

É certo que estas viagens exploratórias à América portuguesa, ao longo do século XVI, contribuíram para o interesse europeu por novas formas de vida (DEBUS, 2002, p. 53). Os papagaios, recém-chegados na Europa eram presentes aguardados para as comissões zoológicas do rei, para casa privadas, ou como itens comerciais nas ruas e

feiras ou apenas vieram como companhia a bordo. (ROBBINS, 2002, p. 12-36). Como itens comerciais, especificamente, na cidade de Lisboa os papagaios tinham o destino de atender a grande demanda em curiosidade, bem como, a procura para aquisição por parte dos nobres (DEAN, 1996, p. 65). De modo geral, as aves exóticas iriam se espalhar pelos mercados europeus para atender a fins de exibição e curiosidades. Na Inglaterra, por exemplo, desde o período Tudor (1485-1603), havia muitos vendedores especializados em aves que fizeram fortuna comercializando aves canoras ou exóticas quanto à anatomia e cores. Estas, quase sempre traficadas do Novo Mundo. Nestes mercados, a grande habilidade de imitação de voz dos papagaios, gralhas e pegas eram bem quistos. Desde o século XVI, por exemplo, os canários eram importados aos milhares até a criação nacional de um viveiro de canários no continente europeu. O comércio destas aves canoras era tanto que até as pessoas mais pobres poderiam adquiri-los. (THOMAS, 1988, p. 133-134).

A logística por trás da obtenção de tais animais exóticos, em algum mercado europeu, poderia ser enorme. Muitas conexões eram necessárias para se capturar em alguma capitania portuguesa, uma espécie de Arara, por exemplo, em seguida transportar até a Europa, e nos grandes centros comerciais ser vendida como artigo de luxo ou exótico. (ROBBINS, 2002, p.24). Tanto, que boa parte das espécies capturadas na América portuguesa acabava por se tornar um deleite exclusivo de nobres. Possuir tais animais exóticos proporcionava ao seu dono o *status* de referência social e de moda. Além, é claro, da imagem de erudição associada a todos que tinham, em sua casa ou castelo, um gabinete de curiosidades do mundo natural.

Para além de todos estes fatores, no século XVI e XVII foi costume social a criação de animais como mascotes. Certamente, com as viagens ao Novo Mundo, as espécies nativas firmavam vossas existências nos lares das classes abastadas. Especialmente nas cidades, onde a existência de animais era menos provável para atender alguma necessidade de labor, ao contrário do campo, as pessoas poderiam sustentar criaturas sem nenhum valor produtivo. Nas cidades, os mascotes eram animais de estimação, íntimos na vida de seus donos, pois os acompanhavam a diversos lugares e tinham permissão para estar dentro das casas, e até igrejas, e ainda, recebiam nomes que os personalizava e individualizava (THOMAS, 1988, p. 133-136).

As aves, como mascotes ou animais de estimação, geralmente ficavam em gaiolas. Algumas espécies sul-americanas foram mencionadas como melhores para gaiolas, porque falavam de diversas maneiras, possuíam diversas cores, cantavam ou,

simplesmente, porque se encaixavam melhor na função de mascotes quando permaneciam engaioladas. Este era o caso do:

Guigranheéngetá, é passaro não, por falar de muitas maneiras, arremedando muito pássaros, e fazendo muito trocados e mudando a fala em mil maneiras, e atura muito em o canto, e são de estima, e destes de gaiola a muitos e formosos, e de varias cores. (CARDIM, 1980, p. 53).

O jesuíta Francisco Soares também testemunhou que em “Portugal também recebe em gaiolas alguns destes Guiranhegueta.” (SOARES, 1966, p. 131). Outras espécies que eram consideradas ideais para sobreviverem em confinamento eram os “Suiriris [...] estes se criam em gaiolas.” (SOUSA, 1971, p. 237). Havia ainda o “Tie, que era de muitas castas, e todas quase servem para gaiolas tanto as grandes como as menores.” (SOARES, 1966, p. 132). E também “[...] a que os índios chamam uraenhangatá, [...] os quais cantam nas gaiolas muito bem.” (SOUSA, 1971, p. 237).

Aves exóticas estiveram na intimidade doméstica europeia durante boa parte do século XVI. Para além do prestígio e erudição, a exibição de gaiolas repletas de aves do Novo Mundo era uma moda entre europeus. Não foi raro, no decorrer da era Moderna, existirem salões repletos de gaiolas de pássaros cantadores e *perchoirs* para papagaios que, com sua tagarelice, rivalizavam com os hóspedes e clientes. Em passeios de famílias reais, como a da regente dos países baixos Marguerite d’Áustria, era comum se fazer acompanhar pelo papagaio de estimação. Este, quando morreu, teve um túmulo construído a mando de sua dona. Com direito a composição e epitáfio (DELAUNAY, 1997, p. 148).

No decorrer do século XVI, em diante, o interesse por estas novas formas de vida só tende a aumentar, sendo a fascinação pela coleção de raridades uma das características mais marcantes deste período (JORINK, 2010, p. 257). Muitos reis europeus passariam ordenar o desembarque de animais exóticos em suas terras, e assim, iniciaria a construção das coleções principescas, caracterizadas por jardins aos arredores dos palácios e castelos povoados de animais exóticos. Emanuel I, de Portugal mandara construir vários zoológicos. Na França, Charles V construiu seu zoológico no castelo do Louvre. Em 1532, Pierre Pitou, Cavalheiro do hotel de Roi, fizera uma compra para Françóis I, com diferentes pássaros, entre estes algumas avestruzes, e *bestas*. Na cidade de Bruxelas, no castelo da arquiduquesa Marguerite, foi construído um jardim de animais, com curiosidades exóticas (DELAUNAY, 1997, p. 143-148).

Tais construções de jardins e zoológicos exóticos, em áreas urbanas, contribuíram para que no século XVI a filosofia natural tornar-se mais popular. Pois, foi vendida em mercados, disposta em gabinetes de curiosidades e cultivada em jardins de reis, nobres, clérigos e nascentes burgueses, sendo estes, provenientes de poder e prestígio suficiente para investir na construção de um ambiente totalmente dedicado à manutenção de animais e plantas trazidos de reinos distantes (ASHWORTH.FR, 2005, p. 65).

De fato, as gaiolas eram somente um dos espaços de reclusão que aguardavam as aves vindas do Novo Mundo. Pois, estas eram muito apreciadas na formação dos gabinetes de curiosidades. No período do renascimento, europeus citadinos, alguns ricos burgueses e mercadores começaram a formar coleções privadas ou os chamados gabinetes de curiosidade, com a finalidade de exibição do mundo natural, além de objetos artísticos e de numismática. Em toda parte da Europa, tornava-se uma febre possuir coleções formadas por espécimes de plantas, animais e fósseis exóticos. Os países baixos foi o local de maior incidência dos gabinetes de curiosidades. Entre os itens destas coleções, um dos mais preferidos eram os animais ou pássaros trazidos de terras distantes, ou senão, ao menos partes de seus corpos, como couros (até mesmo os mais rijos como de tatu), bico (no caso do tucano), pele (sucuri), chifre, concha, até mesmo ninhos (como o do João-de-Barro), e também suas figuras (pranchas com debuxos). (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 108).

Os gabinetes de curiosidades tinham uma infinidade de objetos. Dentre eles, as aves do Paraíso, isto é, curiosidades do Novo Mundo. Juntamente com estes itens encontrávamos ornamentos e utensílios que os nativos confeccionavam com suas penas, plumas e bicos. Tudo reunido em uma sala ampla que ficaria conhecida, em toda Europa, como gabinete (JORINK, 2010, p. 257). As figuras representavam a diversidade que a natureza poderia apresentar nos lugares mais recônditos do mundo. Associado a isso o gabinete de curiosidade representava o desafio de classificar e organizar toda a criação divina em uma cadeia ininterrupta. Esta ficaria conhecida como a Grande Cadeia do Ser.

As coleções poderiam ser exibidas em um quarto, ou em construções específicas para tal fim, como prédios, que sempre sedia atividades comerciais ou intelectuais. Para tais prédios, filósofos naturais ou aficionados enviavam espécimes, pinturas, desenhos ou cartas que continham descrições sobre as terras de origem dos animais exóticos. Nos portos citadinos dos países baixos houve um animado tráfico no oceano Atlântico, com

um rico aquisitivo de clientes. Este fora um dos principais pontos de entrada de animais trazidos do Novo Mundo. (ASÚA; FRENCH, 2005, p. 109). Passara a crescer, no século XVI, a cultura da curiosidade que era formada pelo apreço a raridades e maravilhas. Na curiosidade estava o principio das maravilhas e da admiração pela nova fauna. (WHITAKER, 2005, p. 75-80).

A cultura da curiosidade, cultivada na Europa por meio da aquisição de espécimes e objetos do Novo Mundo, chamados de maravilhas do mundo natural, necessitava de riqueza, pois havia um custo considerável em se adquirir tais animais, plantas e minerais. Obviamente, com a disseminação de tal cultura do colecionismo, nem todo aquele que dispunha de um grande gabinete de curiosidades era, por formação, um filósofo natural. Estes eram designados *curiosi* (WHITAKER, Op. cit, p. 75). Entre filósofos naturais e os *curiosi*, existiam aqueles que se orgulhavam de terem conseguido seu acervo por intermédio de suas viagens exploratórias. Associado a isso, havia ainda a intenção de recriar, sempre que possível, a natureza a qual a espécie coletada pertencia em um pequeno microcosmo. Uma espécie de diorama natural. Existia, por fim, um interminável ciclo de visitas, intercâmbios e demonstrações. Isto é que definia o mundo das coleções (ASHWORTH. FR, 2005, p. 65-67).

Estes “homens de letras” reuniam-se com os amigos para admirar as obras da natureza e da arte que compunham seus gabinetes, examinar os manuscritos e escritos que descreviam as curiosidades *naturas* e *artificia*, filosofando sobre as causas e dizendo sobre a própria história dos objetos (WHITAKER, 2005, p. 82). Um dos motivos para os humanistas colecionarem é o fato que muitos destes, durante a era Moderna, haviam concluído que várias formas de conhecimento só poderiam ser adquiridas pelo contato com os seres vivos. Parte desta conclusão encontrava-se na própria aceção de que Deus havia escrito dois livros: o livro dos homens e o da natureza. Caberia aos filósofos naturais e os *curiosi* decifrárem o segundo.

Para tal função destinaria o método da coleta, classificação, descrição e posterior meditação sobre os objetos naturais e culturais. A pesquisa dos objetos iniciaria a partir do contato com a própria criação de Deus. Assim, muitos estudiosos do século XVI não estavam mais apelando para volta do paraíso, a Arca do Noé, ou o templo de Salomão. (JORINK, 2010, p. 260-261). Mesmo abandonando estas interpretações seculares, mantinham o laço de que estavam estudando a criação de Deus, e produziram um conhecimento a partir das próprias coisas, agregando textos e imagens. Esta foi a característica destas coleções. (JORINK, Op. cit, p. 300)

As curiosidades eram alocadas em pequenos e grandes espaços. Elas eram dispostas e preenchiam todo o espaço nas paredes, tetos, gavetas e prateleiras nos armários. Os objetos variavam de um crocodilo do rio Nilo, a uma arara azul do Novo Mundo, ambos ficariam lado a lado nas coleções. (WHITAKER, 2005, p. 82) Eram coleções completamente heterógenas, ao contrário dos museus que, séculos mais tarde, teriam secções para os tipos similares (JORINK, 2010, p. 260). Este amontoado de itens de diferentes origens e locais davam um efeito desejado pelos colecionadores. A ideia era aproximar os diferentes e, assim, enfatizar o contraste para que pudessem ser mais bem apreciados. O contraste e a variedade produzia a sensação de maravilha e fascinação. Um arranjo engenhoso para a visualização das curiosidades. (WHITAKER, 2005, p. 82)

O público em geral se beneficiava destas coleções de raridades, pois dificilmente teriam recursos individuais para criar tais coleções, ou viajar pelo mundo. Alguns gabinetes, entretanto, como o do italiano Ulisses Aldrovandi, eram patrocinados graças à boa vontade de mecenas como os membros da alta nobreza europeia (ASHWORTH. FR, 2005, p. 67). Estas coleções, na era Moderna, eram consideradas o lugar ideal para se estudar os componentes da natureza. Haja vista que, somente no século XIX, tem-se início o incentivo ao estudo dos seres vivos em seus ambientes naturais (WHITAKER, 2005, p. 82).

Este interesse pela cultura material, motivado pelas explorações do século XVI, contribuiu para o desenvolvimento da filosofia e posteriormente da história natural ao longo do século XVII (ASHWORTH. FR, 2005, p. 67-71). O comércio de espécies exóticas se perpetuava ao longo do século XVII, como o navio do francês Bougainville, que trazia papagaios do Novo Mundo. Este comércio exótico propiciou a construção dos acervos dos gabinetes de curiosidade, e a consequente, ampliação da identificação e classificação dos novos objetos naturais e culturais, e assim, um salto para filosofia natural. (ROBBINS, 2002, p. 12).

2.4 – As domésticas.

Aves sul-americanas tiveram um especial lugar nas aldeias, casas e acampamentos sazonais das etnias da América portuguesa. A relação entre o nativo e as aves extrapolava a de caçador e caça. Os índios as reconheciam como belas criaturas e possuidoras de agradáveis habilidades. Por estas razões nem sempre a caçada era pra

fins de abate. Às vezes a captura visava o convívio, por decurso de um processo anterior à domesticação chamado amansamento.

Algumas espécies eram muito estimadas pelos nativos, pois acreditavam que estas os protegiam de qualquer mal, como tem “uma, entre as demais, que os selvagens têm em grande estima. Muito de penalizariam se alguém lhe fizesse mal e aí de quem a matasse!” (LÉRY, 2007, p. 153). Outras espécies, como as pertencentes à família das psitacídeas, eram muito estimadas como os papagaios, araras e tucano. Para que pudessem amansá-las, os índios as tomavam ainda filhotes, como era o caso dos curicas “há outros papagaios, a que chama curicas [...] tomam-nos novos para se amansarem em casa.” (SOUSA, 1971, p. 231). Outra espécie de papagaios o “Ajerueté são uns papagaios verdadeiros [...] e para se amansarem tomam-nos novos.” (SOUSA, Op. cit, p. 231).

Também os “Tucanos [...] criam este pássaros em árvores altas, e tomam-nos novos para se criarem em casa.” (SOUSA, Op. cit, p. 228). Recolher as aves ainda filhotes aumentava a probabilidade de a amansarem, muito mais, do que em idade adulta. Pois, uma ave convivendo no seio da família indígena, desde pequena, ia se adaptando ao novo lar, sob o sentimento de partilha de alimentos por parte dos caçadores e coletores, e quando tornasse adulta, seu dono teria a garantia da reprodução. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 7).

Mesmo aquelas aves que moravam em árvores altas tinham os seus filhotes capturados, como é a “canindé, que se criam em árvores altas, onde os índios os tomam novos nos ninhos, para se criarem nas casas.” (SOUSA, 1971, p. 228). Além dos índios tomarem filhotes dos seus ninhos também era muito comum encontrarem nos caminhos filhotes perdidos das mães, desprotegidos e fáceis de serem apanhados. Muitos destes filhotes eram levados para a aldeia ou casa indígena, e tinham os índios por estes um sentimento de partilha de alimentos, como cria brincando e cuidando. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 7).

Na domesticação, o princípio da partilha também leva e gera o sentimento de amor, tornando-se a ave um bem muito querido e estimado, como um papagaio que tinha como dona, uma índia, que o chamava de cherimbané, “índia chamava-o cherimbané o que quer dizer: coisa muito amada. E o apreciava tanto, em verdade.” (LÉRY, 2007, p. 151). E se acaso alguém quisesse obter a ave ela respondia que de nenhum modo a negociava: “mocauassú, isto é, canhão grande, de modo que nunca o

podemos obter.” (LÉRY, 2007, p. 151). Na domesticação nativa era fato um sentimento forte de estima, amor e pertença.

Algumas aves que frequentavam o ambiente doméstico indígena brincavam por entre seus donos e ainda retiravam o de comer da boca dos mesmos:

Os tuins he huma especie de papagaios pequenos [...] e são muito domesticos, e tão mansinhos que andão correndo por toda huma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos hombros, e cabeça, e com o bico lhe esgravatão os dentes, e estão tirando o comer da bocca à pessoas que os cria. (CARDIM, 1980, p. 51).

Como nos povos Wai-Wai da Amazônia, em que mulheres tinham o instinto de alimentarem diretamente por suas bocas os filhotes de aves, assim, com o pão de mandioca pré-mastigado, imitavam a mãe ave. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 7). Muitas aves aproximavam-se mansamente dos nativos, como informou André Thevet:

[...] estas aves são tão mansas que passam o dia inteiro nas árvores próximas dos abrigos dos selvagens. Quando sobrevém a noite, umas se recolhem às cabanas, outras ao interior da mata. No dia seguinte, no entanto, sempre voltam ao lugar de costume, de modo absolutamente idêntico ao das pombas domésticas europeias que fazem seus ninhos nas residências. (THEVET, 1978, p. 158).

O jesuíta Fernão Cardim, ainda, relatou o potencial comportamento manso das araras: “araras são mansas” (CARDIM, 1980, p. 50). Entre outras espécies como o “Uranhengatá [...] os criam em casa, onde se fazem tão domésticos, que vão comer ao mato e torna para casa.” (SOUSA, 1971, p. 235).

Talvez, por um capricho evolutivo, as Américas pré-colombianas tinham poucos animais domesticados. Apenas alguns eram fáceis de serem amansados, isto é, dispostos a se reproduzirem facilmente em cativeiro, deste modo os seres humanos faziam a seleção das características úteis. O pato-do-mato, por exemplo, nativo da América do Sul, foi domesticado pelos nativos, graças ao seu potencial enquanto fonte de gordura, proteínas, ovos e penas (DIAMOND, 2008, p. 158).

Algumas espécies não eram fáceis de serem amansadas, mas ainda assim, o seu comportamento pouco arreado acabava por servir a alguns propósitos humanos. Este, por exemplo, era o caso das:

[...] rolas [...] que a pouco trabalho se tomam; da mesma maneira codornizes e pombos torcazes. Em tôdas estas aves agrestes se faz prêsa à custa de pouco trabalho, e assim ficam servindo, quase como as domésticas, aos moradores da terra. (BRANDÃO, 1966, p. 151).

Os nativos tinham desenvolvido seu modo peculiar de domesticação, e mesmo que necessitassem de proteína para alimentação, mantinham a salvo os domésticos. Antes da chegada dos colonos na América, os indígenas haviam desenvolvido toda uma gama de saberes sobre os animais, seus padrões de comportamento, e maneiras corretas de aproximar-se da fauna. Estes hábitos de pensamentos e ações, também influenciaram os indígenas nas suas primeiras reações quando os colonos chegavam à América com seus animais trazidos do Velho Mundo. (ANDERSON, 2004, p. 17).

Algumas espécies de aves eram preferidas para serem amansadas como a família das psitacídeas, relatou Pero de Magalhães Gandavo que “os animais mais estimados, nos quais os índios gostam mais e mais carinho, querem mais ter por perto, papagaios e araras [...] a que chamam Anapurús e depois que os tomam, vêm a ser tam domésticos” (GANDAVO, 1964, p. 46). Outra espécie era o pequeno papagaio Tuim, “he huma especie de papagaios pequenos [...] e são muito domesticos, e tão mansinhos que andão correndo por toda huma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos hombros, e cabeça [...] e sempre fallão, ou cantão a seu modo.” (CARDIM, 1980, p.51). Outros muito domésticos são:

[...] a que chamam Anapurús [...] e depois que os tomam, vêm a ser tam domesticos, que põem ovos em casa e acomodam-se mais à conversação da gente que outra qualquer ave que haja por mais domestica e manda que seja. E por isso sam tidos na terra em tanta estima. (GANDAVO, 1964, p. 46).

A casa do nativo também torna-se a casa e o ninho da ave, “[...] e têm mais huma vantagem que he criar em casa e tirar seus filhos, pelo que são de grande estima.” (CARDIM, 1980, p. 50-51).

As Araras, papagaios e periquitos que são domesticados pelos indígenas se enquadram mais na classe de animais selvagens amansados. Estes, na maioria das vezes, são espécies isoladas, de modo geral, uma ou duas que foram capturadas em estado selvagem, sempre quando filhotes e amansadas como animais de estimação. O amansamento, o que poderia ser chamado de domesticação nativa, era um pouco diferente da europeia, as espécies domesticadas eram os papagaios, jacamim, aracuã e mutum. Estas aves que não ficavam presas em uma gaiola ou em cercados, ao que se denomina semidomesticadas. Assim, o fator de utilização não deve ser critério de definição para se afirmar a diferença entre o animal domesticado ou amansado. Pois qualquer animal, quando é capturado ainda filhote, e mantido em companhia humana, é utilizado para algum fim. (GILMORE, 1987, p. 210-231).

Além das psitacídeas, outras espécies eram semidomesticadas como os “urubus [...] algumas há, mansas, em poder dos índios, que as tomaram nos ninhos.” (SOUSA, 1971, p. 233). Também, “há uns urubus brancos, urubutinga são muito estimados” (SOARES, 1966, p. 143). Urubus são espécies de aves com uma natureza potencial para se tornarem semidomésticos, ou seja, possuem uma ligação voluntária com o homem, a comensalidade. Como o pequeno abutre negro ‘zamuro’, ‘gallinzo’ (*Coragyps atratus*) da Guiana- Brasil, este completamente preto e com a cabeça raspada. Um clássico devorador de carniça que parece muito ter desenvolvimento uma relação de partilha de alimentos com os indígenas. (GILMORE, 1987, p. 212). Também espécies como “Guará [...] crião-se bem em casa” (CARDIM, 1980, p.98). Das mais calmas até as mais ferozes, as aves eram capturadas de seu ambiente natural e entreguem a pessoas, nas quais, pudessem manejar e criar um hábito de proximidade com as voláteis. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 7).

De certo, uma razão para os colonizadores estimar ou domesticar uma ave nativa poderá ser a beleza de suas penas repletas de muitas cores, como relatou Pero Magalhães Gandavo, que “assi os Portuguezes que os alcançam os tem na mesma estima: porque sam elles alem disso muito bellos, e vestidos como digo de cores mui alegres e tam finas, que excedem na fermosura a todas quantas aves ha nestas partes.” (GANDAVO, 1964, p. 47). Os papagaios tuins também são estimados por sua formosura, “Os tuins he huma especie de papagaios pequenos do tamanho de um pardal, são verdes espargidos de outras varias côres, são muito estimados, assi pela sua formosura.” (CARDIM, 1980, p. 51). O “Tucána [...] fazem-se domesticos, e a penna se estima muito por ser fina.” (CARDIM, Op. cit, p. 54). Estas eram muito bem quistas por sua beleza, de cores e pelo conjunto da exuberância das penas.

Também a “Ararúna, este Macao é muito formoso: he todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandecente que he para folgar de ver [...] são de grande estima, por sua formosura” (GANDAVO, 1964, p. 46). O “Quereibá é muito estimado por suas finas penas [...] por serem poucos é azul pardo em parte escuro os peitos roxos as penas das azas grandes quase pretas [...] e tem maior valia.” (SOARES, 1966, p. 133). A beleza deste mesmo pássaro também foi relatada pelo jesuíta Fernão Cardim: “Quereiuá [...] este pássaro é dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da penna; são d’azul claro em parte, e escuro, e todo o peito roxo finíssimo, e as azas quasi pretas, são tão estimadas, (CARDIM, 1980, p. 54-55).

As Araras também as criam por um motivo utilitário, é que depois de grandes os nativos utilizam o seu bico para cortar qualquer coisa, a “arara [...] os índios tomam estes pássaros quando são novos nos ninhos, para os criarem; os quais, depois de grandes, cortam com o bico por qualquer pau, como se fosse uma enxó.” (SOUSA, 1971, p. 228). E por fim, o medo também é um fator muito importante para se conseguir empreender uma domesticação em um animal, mesmo aquelas espécies que nascem desprovidas desta emoção, acabam adquirindo este sentimento mais tarde, no ciclo da vida, e por formas superiores. Algumas aves podem ser amansadas na fase adulta, como falcão. (GILMORE, 1987, p. 231).

2.5 - As estrangeiras, domésticas na Terra de Vera Cruz.

Navegantes europeus cruzavam oceanos, mares e contatavam novas costas da Ásia, África e América. Nos porões das caravelas e naus que faziam este percurso, estavam cavalos, vacas, porcos, carneiros, asnos, cabras, gatos, cães e galinhas. A Terra de Vera Cruz vivenciou, ao longo, de todo seu processo colonizatório a chegada de várias espécies de mamíferos e aves em seu solo (CROSBY, 1993, p. 169; DIAMOND, 2008, p. 159). Dentre as aves domésticas que acompanhavam os colonizadores, a galinha (*Gallus gallus domesticus*) foi, provavelmente, a primeira das aves estrangeiras a desembarcarem na América portuguesa. Originária do sudoeste asiático chegaria às terras do Novo Mundo por meio das embarcações europeias que se expandiam por rotas dos oceanos. (GILMORE, 1987, p. 213).

Segundos os portugueses, quando apresentaram a galinha aos indígenas, estes ficavam atônitos diante da nova ave: “mostraram-lhes uma galinha; quase tinham medo dela, e não lhe queriam pôr a mão; e depois a pegaram, espantados.” (CAMINHA, 1999, p. 29). As galinhas tinham parentes distantes na América do Sul, já que os nativos conheciam aves galiformes e, a seu modo, as domesticavam. Relatou Cabeza de Vaca que os Índios “Tarapecocies e Perobazaes [...] criavam patos.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 131). Também os Xarayes “criam patos em grande quantidade.” (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 114). Aves domesticadas pelos nativos eram: o pato-do-mato, a aracuã (ave cracidae), jacamim (ave gruiforme) e uma outra espécie bem parecida com a galinha, que é o Mutum. Entretanto, a galinha não fazia parte do universo zoológico dos indígenas. Alguns aventureiros, posteriormente até tentaram provar a existência de uma

espécie de galinha no Peru, antes da conquista de Pizarro. Eram as chamadas galinhas 'hualpa' (GILMORE, 1987, p. 210).

De fato, a tese mais aceitável é a de que foram os portugueses que introduziram a galinha na América “antes disto os nativos jamais haviam ouvido falar acerca de tais aves.” (THEVET, 1978, p. 140). A chegada das galinhas ao Novo Mundo fez parte do processo de expansão biológica promovida pelos europeus durante a era das grandes navegações no século XVI. (CROSBY, 1993, p. 155). Com a chegada de Pedro Álvares Cabral na Terra de Vera Cruz, também desembarcaram algumas espécimes de galinhas. Estas aves são itinerantes, altamente adaptáveis, e com um rápido ciclo reprodutivo, bem como, uma ótima fonte de recurso alimentar.

No entanto, muito antes de 1500 em outras partes do mundo a galinha já viajava, pois desde as viagens transoceânicas polinésias se tem mencionado sobre o transporte da mesma. Na América, ela avançou para o Oeste chegando ao Peru. Alguns autores afirmam que sua expansão do Brasil para o Peru na pré-conquista, ocorreu em 32 anos, algo que parece bem rápido. (GILMORE, 1987, p. 213). A galinha fizera parte do planejamento do colonizador europeu para sobreviver no bioma da MA, pois foi uma rica fonte de alimento durante os primeiros anos de colonização. Segundo Alfred Crosby a expansão marítima no século XVI movimentou a expansão biológica, isto é, espécies de animais e plantas foram trazidas do Velho Mundo para o Novo Mundo, com a intenção de transformar o novo ambiente o mais parecido possível com a Europa. Esta ação de transformação inicia-se com a alimentação, na tentativa de manter nas novas terras os mesmos hábitos alimentares. (CROSBY, 1993, p. 155-156). Diferentemente do que afirmara a tradicional historiografia (HOLANDA, 1995), o transporte de espécies e a conseguinte transformação do novo ambiente requer o mínimo de empreendimento e logística, que ultrapassa a intenção de uma colônia apenas para aventura.

Os europeus migraram a um novo ambiente, mas ainda mantiveram o contato com o antigo, a América portuguesa foi uma colônia de exploração e também de assentamento. Para os portugueses, ambas não eram distintas entre si, pois os colonizadores negociavam com a metrópole para sobreviver, e ainda justificar os gastos com as implantações no Novo Mundo. A colonização na América portuguesa, exploratória ou de assentamento, foi complexa e problemática, e não somente uma aventura. Isto porque a MA foi um bioma inóspito repleto de desafios e dificuldades para nele adentrar. (DEAN, 1996, p. 71)

A galinha disseminou-se rapidamente pela América portuguesa. A ponto de os nativos a criar em grande número:

[...] direi que eles possuem em grande abundância essas galinhas grandes, ditas da Índia e que eles denominam Arinhan-assú; os portugueses introduziram no país as galinhas comuns, antes desconhecidas e a que os selvagens chamam Arinhan-mirim. (LÉRY, 2007, p. 147).

Os índios chamados Tarapecocies “[...] criavam [...] galinhas.”, observou o conquistador espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (CABEZA DE VACA, 1995, p. 131). Os índios Perobazaes também eram “[...] criadores de galinhas e outras aves. (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 159). Também os Cacocies Chaneses e os Xarayes “criam [...] algumas galinhas.” (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 114). E de modo geral, “[...] nos demais povoados [...] criam [...] galinhas.” (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 34). Observou Francisco Soares que tanto nas cidades como nas povoações, “afora a Cidade .s. a villa velha e paripe afora m(tas) freizezias e povoações grandes, tem m(tas) [...] galinhas.” (SOARES, 1966, p. 41). Estas, inclusive, poderiam ser obtidas nas aldeias como relatou Anchieta dizendo que “foi em uma outra aldeia buscar galinhas.” (ANCHIETA, 1988, p. 238). É certo que desde que fora introduzida na América do Sul, a galinha se espalhou e foi rapidamente incorporada na economia aborígine. (GILMORE, 1987, p. 213).

Apesar de a galinha ser uma novidade entre os nativos, estes já haviam dado início a um processo de amansamento e domesticação de algumas espécies de galiformes nativas (e outra bem maior): “há umas aves que são como perdizes; outras como faisões, com outras muitas diversidades: também vi em poder de Índios dois abestruzes.” (NAVARRO, 1988, p. 176). De um modo geral as aves domésticas estão por toda colônia “das aves, assim domésticas, que se acham por todo êste terreno.” (BRANDÃO, 1966, p. 150-151). As galinhas se adaptaram muito bem ao clima da colônia e nela prosperaram com facilidade, “as domésticas são inumeráveis galinhas, das quais são algumas maiores das ordinárias; muitos e bons galipavos, que se produzem com facilidade, por ser o clima disposto para a criação deles.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 150-151). Também notou o jesuíta Manoel da Nóbrega que “galinhas se dão também em a terra e há delas grande quantidade.” (NÓBREGA, 1988, p. 95).

Mencionou o jesuíta José de Anchieta que a colônia é prospera, “êste campo é mui fértil de mantimentos, criações de [...] aves.” (ANCHIETA, 1988, p. 328). A galinha é um exemplo de criação que saiu-se muito melhor nas Neo-Europas do que em

suas terras de origens, quase que um paradoxo, com estas aves puderam os europeus realizar mudanças no cotidiano de suas colônias, já que estas aves reproduziam com uma eficiência e velocidade que, facilmente, podiam alterar o meio aonde tivessem sido introduzidas (CROSBY, 1993, p. 169).

Na América do Sul, já que os nativos criavam seus animais domésticos pela comensalidade, estes não eram introduzidos em cercados como, por exemplo, galinheiros. As aves eram criadas soltas. Isto, na visão europeia, era interpretado como uma falta de importância para com a criação da ave. O missionário francês Jean de Léry observou que os indígenas:

[...] não dão importância às suas galinhas, tal qual se tratasse de aves silvestres; deixam-nas andar por onde querem e elas chocam nos matos e moitas de sorte que as mulheres selvagens não têm o trabalho de criar os pintos com gema de ovo como se faz entre nós. E as galinhas se multiplicam, entretanto de tal forma nesse país que há localidades ou aldeias pouco frequentadas pelos estrangeiros, onde, por um fado do valor de uma *carolus* se tem uma galinha da Índia. (LÉRY, 2007, p. 147-148).

Um das razões pela estupenda quantidade de galinhas deveu-se ao fato destas serem criadas soltas. Animais domésticos, quando criados em cativeiro, além de estarem mais suscetíveis a alguma epidemia, tinham mais chances de tornarem-se estéreis, não podendo reproduzir. E o sucesso da domesticação é fator da reprodução, se um animal mesmo distante de seu habitat natural e do seu instinto selvagem, conseguir procriar, e assim, garantindo que as gerações futuras serão totalmente dependentes da população humana para sobreviver, então a espécie é considerada doméstica. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 7; GILMORE, 1987, p. 231).

De modo geral, alguns fatores são importantes para que a domesticação tenha sucesso, além do fato, de se reproduzirem em um curto espaço de tempo ou serem mais fáceis de domesticar. Tais fatores foram propostos por Francis Galton, na sua obra *Domestication of Animals* publicada em 1865, como requisitos fundamentais para o processo de domesticação de uma espécie (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 9).

Para um que ocorra um êxito na domesticação, algumas tendências comportamentais o animal deve desenvolver como: uma passividade natural para com o homem, o animal deve aceitá-lo como um líder hierarquicamente; deve aguentar o afastamento da mãe; não deve ter o fácil dispêndio para fugir, além de ser fáceis de cuidar, versáteis nos seus hábitos alimentares, gregários e não terem problemas quanto a viverem em ambientes confinados. E o mais importante: a fácil comunicação com o

homem (CLUTTON-BROCK, Op. cit, p. 9). Também pode ocorrer a domesticação de maneira fácil se o animal estiver em alguma situação de exaustão ou subnormais, como a extinção, frio, inundação, fome, seca e frio, pois nestas situações são mais fáceis de serem amansados do que os saudáveis e robustos. (GILMORE, 1987, p.231).

Os indígenas incorporaram as galinhas em sua gama de animais amansados e domésticos, obtivendo um bom resultado com isso. Esta incorporação indígena das galinhas domésticas, recém-chegadas do continente europeu, foi comum a muitas comunidades de caçadores e coletores. Rapidamente os nativos avaliaram a criação destes animais como uma possibilidade de incremento no fornecimento de proteína diária. Obviamente, nem sempre os animais que acompanhavam os colonizadores eram incorporados à pecuária ou dieta dos nativos. Algumas espécies concorriam, literalmente, com os indígenas por diversos recursos naturais. O que, obviamente, pode ser interpretado como uma poderosa ferramenta de colonização (DIAMOND, 2008, p. 99-107).

Entretanto, a galinha, a despeito de algumas espécies que serviram aos europeus recém-desembarcados, acaba de tornando um recurso estratégico tanto para o colonizador, quanto para os nativos. Esta resiliência dos galiformes, logo nos primeiros decênios da colonização, é um sinal claro de que a introdução da galinha dera certo no Novo Mundo, tanto nas vilas e cidades quanto aldeias indígenas. Esta bem sucedida adaptação da galinha nos refere à garantia do colonizador para prover seu estabelecimento no ambiente tropical, já que a galinha compõe, com outros animais, a base de sua alimentação. Apesar de as Ciências Humanas, na maioria das vezes, desconsiderarem este fator em suas investigações, o processo de adaptação humana em um clima e topografia ao qual não está familiarizado tem um custo. Diferenças entre temperatura, clima e habitat não são fatores desprezíveis. Uma solução, quase sempre empregada em processos colonizatórios, é transformar minimamente o novo ambiente, completamente diferente, para parecer-se minimamente com o Velho Mundo. (CROSBY, 1993, p. 155-156). As galinhas chegaram à América porque fizeram parte de um projeto mais amplo empreendido pelos europeus: estabelecerem-se nas novas terras.

O empreendimento em transformar o ambiente com animais domésticos não era custoso aos colonizadores, já que, praticavam na Europa as lavouras mistas, com agricultura e atividades de pastoreio. Além disso, seus ancestrais, povos eurásianos já praticavam este tipo de lavoura 4.500 anos antes da chegada de Colombo na América. Não por menos, os primeiros impérios transoceânicos também foram um misto de

agricultores e pastores, sendo o sucesso de vossos animais o seu próprio sucesso. Tão importante foi esta estratégia de introdução de animais que uma das maiores vantagens dos europeus sobre os indígenas nas suas colônias ultramarinas não foi, por excelência, as espécies de plantas, mas sim de animais domésticos. (CROSBY, Op. cit, p. 155-156).

Os europeus sabiam que alterar o ambiente poderia maximizar o bem-estar e os investimentos no processo colonizatório (MANN, 2012, p. 125). Os portugueses tinham o interesse de conquistar e transformar este território para nele não sucumbir, e também, para não renderem-se a cultura nativa, porque não queiram desfazer seus hábitos alimentares. Transformar este território é manter a cultura europeia, mas também conseguiam avaliar e usufruir dos recursos bióticos dos agricultores nativos fosse para comercializá-los, ou ao seu próprio consumo. Viviam intensamente as diferenças consideráveis entre o clima temperado e o tropical. Por vezes não se adaptavam à algumas fontes de carboidrato e proteína nativos, como larvas de coleópteros e lagartas de coqueiros. O sucesso da empreita colonizatória dependia, em grande parte, da introdução de culturas do Velho Mundo que faziam parte da alimentação europeia. Assim, desembarcavam os colonizadores com grande quantidade de sementes e animais domésticos. (DEAN, 1996, p. 71-72).

Isto demonstra que a colonização na América Portuguesa não foi algo focado, única e exclusivamente, na exploração. Houve um empreendimento, ao contrário, do que afirmam autores como Sérgio Buarque de Holanda. Afinal, muitas aves domésticas como as galinhas, além de outras espécies de animais domésticos, foram trazidas da Europa para o Novo Mundo. O que pode ser interpretado como uma tentativa de permanência na América portuguesa. Para muitos europeus o ambiente tropical se tornaria seu novo lar. Criar animais como galinhas, vacas e cavalos contribuíra para o cotidiano de vossas residências.

Os portugueses tinham a pretensão de manter um contato, mesmo que mínimo, com o antigo ambiente deixado no Velho Mundo, isto, independente de ser uma colônia de exploração ou um assentamento. (DEAN, 1996, p.71). Afinal, a tentativa de domesticar um ambiente demanda a engenhosidade de trabalho com uma clara vontade por um satisfatório resultado final, pois, para manter vivos estes animais trazidos de climas temperados e que, no Novo Mundo, passariam a viver nesta floresta atlântica quente e úmida, é necessária toda uma logística. A introdução destas espécies europeias mostrou-se estratégica, devido o alto rendimento de alimento, couro, fibras e força

motriz, quando comparadas com as espécies domesticadas no Novo Mundo (CROSBY, 1993, p. 156).

Após o período de adaptação inicial, os animais domésticos dos europeus tornaram-se um ótimo rendimento aos seus criadores. Como já afirmado, os nativos também domesticavam, mas ao seu modo. Obviamente, os colonizadores não possuíam uma alteridade que lhes possibilitasse o entendimento de tais técnicas indígenas: “eles não lavram, nem criam, nem há boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma animaria, que costumada seja ao viver dos homens.” (CAMINHA, 1999, p. 81). Eles (os colonizadores) reconhecem somente as criações indígenas de galinhas, não reconhecem a criação de outras aves como araras e papagaios, “em redor das casas, os selvagens não costumam criar animais domésticos, salvo algumas galinhas, e mesmo estas muito raramente e apenas nas poucas áreas.” (THEVET, 1978, p. 140). Mencionou Pero de Magalhães Gandavo que existia a variedade, mas nenhuma domesticação:

[...] porem de quanta immundicia e variedade de animais por ela espalhou a natureza, não havia lá nenhuns domésticos, quando começaram os Portugueses de a povoar. Mas depois que a terra foi deles conhecida, e vieram a entender o proveito da criação que nesta parte podiam alcançar, começarão-lhe a levar da ilha do Cabo Verde cavalos e égua [...] E assi há também grande copia de gado que da mesma ilha [...] vai sempre em grande crescimento. (GANDAVO, 1964, p. 39-40).

O conceito de criação do colonizador é aquele que não se dá apenas por motivos sentimentais, mas para servir de alimento ou para servir de trabalho, e este foi o motivo para que animais como bois, porcos, cavalos, ovelhas e aves, como as galinhas, pudessem ser criados (THOMAS, 1988, p. 111). Os animais domésticos nas sociedades humanas podem servir às mesmas de quatro maneiras: com o fornecimento de carne, leite, fertilizante e ajudando a arar a terra (DIAMOND, 2008, p. 86). Para aquelas sociedades que desembarcaram no Novo Mundo, sabemos o quanto a domesticação era um princípio de sobrevivência, por isso o risco não era conhecer novas terras, mas a elas adentrar sem suas espécies domésticas.

Ao longo da história da humanidade, a criação de animais fizera parte da própria sobrevivência do homem. Os animais domésticos tornaram-se a principal fonte de proteína animal para as sociedades, substituindo a caça. (DIAMOND, Op. cit, p. 86). Estes animais beneficiara o homem em sua sobrevivência e proliferação de gerações futuras. Há 100.000 mil anos, quando os humanos adotaram o modo de vida caçador-

recoletor, os animais tornaram-se um recurso útil e fundamental na vida das sociedades, já que o humano precisava desenvolver destrezas físicas e mentais para matar animais, com fins de alimentação e de proteção dos mais frágeis diante das feras. Assim foi gerando nos homens capacidades necessárias para estes caçadores interagirem com suas presas, desenvolvendo complexas relações sociais. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 1).

Sabemos que a domesticação de animais na América portuguesa foi mais intensiva na segunda leva de invasores humanos, durante a expansão marítima no século XVI, quando comparada à primeira leva de invasão, durante a expansão de caçadores-coletores há 13 mil anos atrás, que transportavam somente o cão. Esta primeira leva estivera mais com a responsabilidade de conhecer ambientes produtivos quanto a recurso no interior da floresta, muito inóspita, e nesta viver da coleta e caça. Já na segunda invasão, os humanos que aportaram trouxeram a agricultura e a pecuária, e ainda, estes colonizadores tomaram o cuidado de avaliar e selecionar os recursos biológicos nativos já domesticados pelos indígenas. O que agregaria ainda mais potencial mercantil ao processo colonizatório da América portuguesa (DEAN, 1996, p. 71).

O europeu, ao transformar o meio tropical para o bem de sua própria colonização, tornar-se-ia o controlador do sucesso ou falha de plantas e animais em um espaço geográfico. Sendo ele um grande dominador do mundo natural, o que foi um ideal legitimado desde o renascimento. (CLUTTON-BROCK, 2002, p. 3). A superioridade do homem diante dos recursos naturais foi disseminada pela própria Bíblia que afirmava que os animais haviam sido criados para benefício exclusivo dos homens. (EDWARDS, 2011, p. 75). Segundo o livro do Gênesis “tudo que vive e se move vos servirá de comida.” (BÍBLIA, Gênesis, 9, 2-3). Também, menciona Tomás de Aquino:

No uso das coisas da natureza, pois os seres mais imperfeitos são postos à disposição dos mais perfeitos; as plantas, com efeito, se servem da terra para seu alimento, os animais das plantas e os homens das plantas e animais. Assim o homem exerce naturalmente o domínio sobre os animais. [...] a caça dos animais das florestas é justa e natural, porque por ela o homem reivindica o que lhe pertence por natureza. (TOMÁS DE AQUINO, 2002, p. 663).

Quando Deus criou o paraíso dos homens, Adão tinha o domínio sobre todas as coisas vivas e vivia de forma pacífica com os animais, os homens não comiam os animais e os domava. Porém, depois da ação do pecado de Adão e Eva, os animais

tornaram-se selvagens e agressivos e, a partir então, os homens caçariam as criaturas selvagens, para alimentação e vestimenta. (EDWARDS, 2011, p. 76). Segundo o livro do Gênesis, “O medo e o terror de vós virão sobre todas as feras da terra, animais domésticos, aves do céu, répteis e sobre todos os peixes do mar: eu os ponho todos em vosso poder.” (BÍBLIA, Gênesis, 9, 2-3).

Segundo Tomás de Aquino, “o homem é superior também a todos os outros animais.” (TOMÁS DE AQUINO, 2002, p. 607) e se acaso for inferior em algum aspecto é devido a uma necessidade maior em algum sentido, por exemplo, o homem “tem o pior olfato, porque era necessário que, entre todos os animais, o homem tivesse o cérebro maior.” (TOMÁS DE AQUINO, 2002, p. 607). A crença de uma superioridade humana, estratificado na Bíblia ou textos católicos, também encontramos no antigo pensamento ocidental. Desde a antiguidade clássica existiu uma crença na condição de superioridade humana perante os animais, pois o homem perante os animais possui uma capacidade racional e discursiva. Influência que, de certo modo, chegou até os homens do renascimento. Dado que estes acreditavam que os recursos da terra estavam a seu inteiro dispor. Assim, afirmavam sua posição diante do mundo natural explorando os animais, ou também acreditavam que os animais eram desprovidos de alma, sem razão e incapazes de sentir dores. (EDWARDS, Op. cit, p.76; THOMAS, 1988, p. 21).

Em nível popular, a religião não era inacessível aos animais, os teólogos protestantes viam com desdém as lendas medievais sobre um São Francisco de Assis que pregava aos pássaros. Mas muitos agricultores tinham a convicção que os animais possuíam um instinto religioso, e também, na antiguidade clássica acreditavam que as aves possuíam certa religião cerimonial. (THOMAS, Op. cit, p. 164).

Também existia a versão popular e adulterada da doutrina metempsicose ensinada por Platão e Pitágoras em que os pescadores viam que as gaivotas eram espíritos de marinheiros mortos. Embora rejeitada por todos os teólogos ortodoxos, esta noção foi acolhida por alguns hereges medievais e neoplatônicos renascentistas, ou seja, a transmigração da alma. A ideia que os animais poderiam ter vida após a morte foi algo propagado pelos próprios teólogos, acreditando que a mortalidade dos bichos era parte da maldição que Cristo veio eliminar. (THOMAS, Op. cit, p. 164).

O próprio processo de domesticação em que o homem necessita do animal, nos faz pensar que essa relação de superioridade humana ‘cai por terra’. Já que, com a domesticação, estabelece-se uma relação de interdependência. O animal modificasse-se até mesmo do ponto de vista morfológico. E o homem, com o animal domesticado,

muda o seu ponto de vista cultural. Os animais devido ao processo da domesticação tornam-se dependentes do homem para sobreviver, depois do cativo seu instinto selvagem de caça praticamente desaparece, e o homem sempre dependeu dos animais. (GILMORE, 1987, p. 231). A domesticação foi o meio para poupar esforços exigidos na caça, o fato é, que o homem inteiramente e por toda sua história sempre dependeu dos animais.

De modo geral, as aves da colônia criadas nas casa fornecem muitos ovos, como relatou Ambrósio Fernandes Brandão, “que se criam dentro de casa [...] são as aves que neste Brasil se criam em casa, as quais abundam com grande multidão de ovos.” (BRANDÃO, 1966, p. 150-151). As emas eram muito estimas pelos seus ovos “é falso dizer que não chocam porque os índios as achão sobre eles” (SOARES, 1966, p. 139). A utilidade e os provimentos conseguidos com um animal doméstico vão muito além da carne. No caso das aves, além dos ovos havia também as plumas. E é certo que no período da renascença a sociedade não teria sobrevivido se não fossem os animais domésticos. (EDWARDS, 2011, p. 75).

CAPÍTULO 3: PARA A MÁ SORTE DAS AVES, UNS HABILIDOSOS CAÇADORES.

Na América portuguesa os viajantes e colonizadores europeus observaram a relação das aves com as várias etnias indígenas que habitavam a Mata Atlântica (MA), uma relação circunscrita na cosmologia indígena, no sobrenatural, e na intrínseca atividade de caça. Viviam as aves nativas nos dosséis das árvores, nas rasteiras pelos caminhos, nas margens dos rios ou beiras de mar, e em seus habitats eram observadas tanto pelos colonizadores como pelos indígenas.

A caça, sofrida pelas aves nativas, era uma arte de hábeis caçadores nativos, que os colonizadores europeus rapidamente apreenderam a usufruir, e também, para completar a má sorte das belas voláteis, havia os seus predadores naturais.

Os indígenas no interior da floresta eram ágeis, rápidos e fortes, bem como, detinham uma sabedoria ancestral a cerca do comportamento e habitat da avifauna, o que lhes permitiu desenvolverem técnicas de caça para a captura das mesmas.

3.1 – Os caçadores, indígenas que sobreviviam das aves.

Na Mata Atlântica (MA), há pelos menos 11 mil anos, as aves convivem com sociedades de caçadores e coletores. Estes ao migrarem no sentido norte-sul vieram com o intuito de explorarem a caça do cerrado e, mais tarde, foram se irradiando pelas planícies do interior, estabelecendo-se pelos cursos das águas e campos (DEAN, 1996, p. 38). Esta dinâmica de ocupação é sabidamente prejudicial para as aves, já que os nativos tornaram-se essencialmente seus predadores. Principalmente após a extinção dos grandes mamíferos da América do Sul e do Norte, desde o período final do pleistoceno, que foi causada, em grande parte, por mudanças climáticas associadas à ação humana. De modo geral, há um pouco mais de 13 mil anos, muitos recursos naturais foram desaparecendo, ainda mais em termos de grandes mamíferos com a chegada de povos vindos do norte. (DIAMOND, 2008, p. 108; DEAN, 1996, p. 39).

O desaparecimento dos grandes mamíferos foi um problema que, aparentemente, não demorou muito para ser superado. Como notaram os europeus, ao desembarcarem no Novo Mundo, os nativos já interagiam com a MA, desde sua chegada a uns 11 mil anos, que coincidiu justamente com um momento de expansão desta floresta, e a partir então, se perpetuava a interação entre indígenas e a MA (DEAN, 1996, p. 38). Na

descoberta da Terra de Vera Cruz, e seus primeiros anos de colonização, várias etnias indígenas viviam no interior e nas bordas da MA. Eram populações, de grosso modo, bastante homogêneas em termos culturais e linguísticas, formadas por dois grandes grupos: os Tupi e os Guarani, e estavam distribuídas ao longo da costa brasileira e na bacia Paraná-Paraguai. (FAUSTO, 1992, p. 382).

A interação entre floresta e indígenas garantiu a sobrevivência e expansão de agrupamentos humanos no interior da floresta. E muitas etnias viviam da caça, como os Carijós¹⁰ que “se sustentam-se da caça.” (SOUSA, 1971, p. 119). Ou também os Guaianases¹¹ que “vivem de caça que matam.” (SOUSA, Op. cit, p. 115). A caça foi um recurso de importância incomensurável para a sobrevivência e garantia de prolongamento de gerações da espécie humana, porque alimentou exclusivamente os habitantes da terra entre o período, 7 milhões de anos até o 11.000 anos atrás, e a partir desta última, mesmo quando o homem desenvolveu a domesticação de animais selvagens, a caça ainda foi uma fonte de alimentação. (DIAMOND, 2008, p. 84).

A carne da caça era uma fonte direta para obter proteínas, ainda mais, para um indígena que deveria manter o vigor para as batalhas com o intuito de controlar os locais de fonte de recursos, assim como, garantirem o domínio de seus pares. Tal vida no interior desta floresta obrigava um nativo a ingerir, no mínimo, sessenta gramas de proteínas por dia para suprir seus desgastes (DEAN, 1966, p. 55). A proteína e as gorduras têm uma importante função metabólica. Os aminoácidos que constituem parte da proteína ingerida são necessários para a renovação e o crescimento dos tecidos, e na sintetização de certas proteínas e gorduras, pode ser decomposto o carboidrato produtor de energia. Os vegetais também tinham proteínas, mas às fontes de origem animal possuem uma sequência mais completa de aminoácidos básicos, sendo, a caça de alto valor nutricional. (MORAN, 1994, p. 129).

Vivendo em uma floresta tão rica em recursos não ficariam os indígenas despossuídos destas tais sessenta gramas diárias. E para suprir a necessidade nutricional dos nativos, as aves foram um ótimo recurso alimentar, já que eram criaturas robustas que depois de cozidas ou assadas eram excelentes para o sustento humano.

¹⁰ Carijó é um subgrupo da etnia Guarani que ocupavam no século XVI a bacia supracitada e o litoral, desde a Lagoa dos Patos e Cananéia, no atual estado de São Paulo. (FONSECA, p. 382) Os Guaranis constituíam-se de grande população de agricultores, coletores e caçadores seminômades, conhecedores da região e manejadores de seus recursos naturais. (SPOSITO, 2012, p. 75).

¹¹ Guaianases também conhecidos como Guaianá, é uma etnia ancestral do Kaingang grupo Jê meridional. Ocupavam no século XVI as regiões sul e sudeste do atual território brasileiro. (SPOSITO, 2012, p. 79).

Um caçador Siona-secoya¹², por exemplo, conseguia em média 13,08 quilogramas de carne abatida. Mesmo em dias difíceis na caça, conseguiam uma média de 5,67 quilogramas de carne abatida. Somado o número de habitantes e o que eles conseguiam anualmente, a média seria de 65 gramas diários de proteína animal por pessoa. (MORAN, Op. cit, p. 319). Para caçar na floresta até mesmo para os indígenas, a abundância de animais por si só não basta, já que estes recursos poderiam se tornar obstáculos e perigos. Por isso que os nativos desenvolveram táticas e técnicas para caçar, e distintas para cada animal que se visava capturar.

A floresta tropical conhecida como MA é um dos biomas mais extensos do mundo. Há muito tempo, as populações que a vêm ocupando enfrentam duas situações: tentar tirar o máximo de proveito das oportunidades oferecidas pela floresta, bem como, adaptar-se às dificuldades impostas pela mesma. (MORAN, 1994, p. 305). Para a má sorte das aves, os nativos se adaptaram à floresta desenvolvendo habilidades como agilidade, rapidez, força, visão, audição e olfato para conhecimento, observação e captura das mesmas. Tais habilidades eram fundamentais, pois os indígenas não poderiam se dar ao luxo de realizar uma busca e não obter o resultado satisfatório. Ou seja, executar todo o dispêndio de força, na procura do animal, e retornarem para a casa sem a caça, sem que pudessem repor as sessenta gramas diárias de proteínas.

As necessidades energéticas do corpo variam de acordo com a atividade, em menor proporção, com o tamanho do corpo e com o clima. A caça era um ciclo diário, e o nativo para obter alimentos, bem como, para a realização de outras atividades nesta densa floresta, com clima quente, tinha um alto gasto de calorias. (MORAN, 1994, p. 127).

Incluía em tais habilidades uma gama considerável de conhecimentos sobre o bioma Atlântico, já que um bom caçador necessitava reconhecer e identificar os hábitos de um animal, bem como, precisava adaptar-se às condições do meio. Estas habilidades pressupõe um exultante regresso aos costumes ancestrais, que os humanos têm guardado na sua memória evolutiva, como uma herança genética. (COSTA, 1994a, p. 188). Caçar na MA requer táticas e estratégias. A floresta tropical é um lugar inóspito para o homem. Embora seja um lugar onde moravam nossos ancestrais simiescos, ainda assim, muitos homens foram expulsos deste paraíso verde. (DEAN, 1996, p. 28).

¹² Tribo indígena que a milhares de anos habitam a Amazônia na região do Equador. (VICKERS, 1989).

No comportamento das aves, algumas tinham peculiaridades importantes de serem registradas, como algumas espécies com hábitos solitários, ou eram mesmo consideradas fantasmagóricas. E, então os colonizadores encontravam poucas ou apenas uma ave de uma espécie, logo, concluíam que a diversidade não se traduzia em abundância, como a: “Arauna, há muito poucos.” (SOARES, 1966, p. 127). Também, as “Araras, que são raras.” (CARDIM, 1980, p. 50). Podia-se percorrer muitas léguas sem que fosse encontrado um animal. O interior da floresta é bem menos promissor, do que se imagina, para encontrar animais, pois são mais raros e difíceis de caçar. (DEAN, 1996, p. 38).

Os papagaios mesmo tendo várias castas têm uns que raramente se encontram, “os papagaios há nessas partes muitos de diversas castas, os melhores e que mais raramente se acham nesta terra a que chamam os Anapurús.” (GANDAVO, 1964, p. 46). Mesmo com a diversidade das espécies, algumas aves eram raras no interior da floresta, e quando as encontravam estavam em poucos indivíduos. As aves por entre galhos, cipós e folhagens eram rápidas, logo, necessário o emprego de táticas mais drásticas para capturar esse sortimento robusto de sobreviventes rápidos e esquivos. E também, desenvolver táticas específicas para capturar aquelas aves no mais alto do topo das árvores. (DEAN, 1996, p. 29-40).

Juntamente com as habilidades físicas e o conhecimento do meio, os nativos também desenvolveram técnicas e armas para obter o abate da caça. Os indígenas guardavam o saber dos arcos e flechas, e esta era uma de suas principais tecnologias no que se refere à obtenção de alimento como, por exemplo, os Tapuins¹³ que vivem “[...] da caça, que tomam em grande abundância pela flecha, se sustentam, e para isto guardam esta ordem”. (BRANDÃO, 1966, p. 215- 216). Assim como a enxada foi essencial ao trabalho dos agricultores para lavrarem a terra, o arco e a flecha foram ferramentas de trabalho do indígena sul-americano, como para o Tapuins, “a sua flecha é o seu verdadeiro arado e enxada, a qual também não usam, juntamente com o arco, como faz o demais gentio.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 215-216). Mantinham o saber da caça com uma postura conservacionista, já que este conhecimento era fundamental para o abastecimento de recurso de todas as famílias e tribos. (DEAN, 1996, p. 55).

¹³ Também chamados, pelos europeus, de ‘Tapuias’, que designava genericamente os índios que não falavam a língua tupi. São índios pertencentes ao tronco linguístico Macro-jê, e no século XVI habitavam o interior do território brasileiro. (SPOSITO, 2012).

Para abater um animal, e obter proteínas e gorduras, a busca era diária com grande disposição. O verdadeiro exercício de indígenas se prontificava a encarar a densa floresta tropical para sua obtenção diária de proteínas, os nativos, de modo geral, “se exercitam no arco e na flecha, com andarem de ordinário pelos campos e bosques, à caça de brutas feras, nas quais fazem grandes prêsas, recreando-se neste exercício, pelo qual desprezam todo outro.” (BRANDÃO, 1996, p. 211). Caçar não é algo que, obviamente, se faça em repouso, por excelência, necessita de empreendimento, é um trabalho, pois os nativos caçadores “se exercitam em suas caças e pescarias, de que tomam grande quantidade assim de feras como de pescados, por serem todos bons mestres do tal exercício.” (BRANDÃO, Op. cit, p. 199). A busca é constante para manterem seus estoques de comida. A ansiedade por carne é uma preocupação constante entre os povos das florestas tropicais (HOLMBERG; SISKIND apud MORAN, 1994, p. 319).

Os nativos tem um ritmo de vida inquieto, sempre buscando pelos emaranhados caminhos da floresta o próximo alvo para suas flechas. Viver da caça em uma floresta densa e fechada requer que sejam sempre ativos, já que as espécies escasseiam rapidamente. Por isso, os indígenas adotaram um modo de vida itinerante, como os Tapuias, que “o principal de sua vida é manterem-se de caça e por isso têm uma natureza tão inquieta que nunca podem estar muito tempo num lugar.” (ANCHIETA, 1988, p. 310). Os índios mudam-se de lugar, constantemente, em busca de caça para alimentação, como os Aperúes¹⁴, “estes índios nunca ficam mais de três dias num mesmo lugar. Andam sempre em busca de caça e de pesca para se manterem, deslocando juntamente suas casas de um lugar para o outro.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 70). O deslocamento das tribos se faz necessário, pois a exploração dos recursos tropicais é de diferentes formas e em diferentes habitats, criando uma periodicidade e sazonalidade de coleta e caça nos territórios. (MORAN, 1994, p. 317). Homens e mulheres das sociedades caçadoras-coletoras mudavam-se de casas, frequentemente, em busca de alimentos. As sociedades que mais se deslocavam tinham altos índices de abstinência sexual, infanticídio, aborto e ainda amenorreia na amamentação. Devido as constantes mudanças uma mãe poderia somente carregar uma criança, além de seus poucos pertences, e ela não poderia ter outro filho antes que o

¹⁴ Nação de Índios da província do Paraguai, perto da cidade de Assunção. (ALCEDO, 1786, p. 130)

primeiro fosse capaz de caminhar rapidamente para acompanhar a tribo. (DIAMOND, 2008, p. 87).

Percorriam longas distâncias, como os Tapuias que “da casa aonde habitam dali vão buscar o mel e a caça por roda, por distância de duas ou três léguas” (BRANDÃO, 1966, p. 215-216). Os grupos indígenas de que temos notícias, tinham abrigos com construções provisórias e estacionais, ou seja, acampamentos que são destinados à coleta, caça, pesca e em roças distantes. Mas, também tinham suas casas permanentes nas aldeias. (COSTA; MALHANO, 1987, p. 31). E, acaso ocorresse uma escassez de caça em uma região, logo, partiam rumo a outra região, onde pudesse encontrar a caça, como os Guaranis que “reuniam suas mulheres e filhos para se mudarem, em busca de outros lugares de melhor caça e pesca, conforme também costumam fazer.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 54). No deslocamento sempre os homens iam à frente, pela madrugada e, ainda, carregando as armas, em seguida, viam as mulheres ao clarear do dia, levando suas crianças e seus pertences. E, em um novo local de pouso, construíam seus abrigos para a instalação da tribo, antes mesmo, das horas mais quentes do dia. (COSTA; MALHANO, 1987, p. 42).

Todos os abrigos no meio da floresta eram construídos de maneira rápida, como os índios Yanoáma¹⁵ que constroem abrigos com planta baixa triangular, onde acomoda-se três pessoas, uma construção que empregavam um esteio frontal comuns 1,80 m de altura unidos por duas varas ou dois caibros a outros dois esteios posteriores com cerca de 1,20 m de altura. Sobre os caibros, são amarradas algumas varas finas a modo de ripa e depois todo o revestimento é feito nelas por folhas de bananeira. (CHAGON apud COSTA; MALHANO, Op. cit, p. 28-29). São de modo geral edificações de viagem com revestimento e cobertura que acompanha camadas de folhas, uma sobre a outra, para melhor se abrigarem contra as chuvas. (COSTA; MALHANO, Op. cit, p.42). Outras etnias como os índios Assurini¹⁶ construíam casas estacionais apenas para a espera da caça, em formato de colmeia (redondos e copulares), com folhas de babaçu e estacas de sustentação, inteiramente fechados, desprovidos de portas, em que se tem apenas uma abertura para que pudesse atirar na caça. (LUKESCH apud, COSTA; MALHANO, Op. cit p.31).

¹⁵ Indígenas característicos da Amazônia, na bacia do rio Negro. (ALBUQUERQUE, 2007).

¹⁶ Indígenas característicos da Amazônia que viviam no estado do Pará, rio Xingu e no Tocantins, da família Tupi-Guarani. (RICARDO; RICARDO, 2011).

Nas suas caminhadas os nativos se guiavam pelo sol, e mesmo, no interior da floresta tinham a referência da localidade, aplicavam tal destreza até em direções jamais percorridas, como relatou o senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa, “têm os Tupinambás¹⁷ grande conhecimento da terra por onde andam, pondo o rosto no sol, por onde se governam; com o que atinam grandes caminhos pelo deserto, por onde nunca andaram” (SOUSA, 1971, p. 318). Os nativos, de modo geral, por meio do sol percorrem grandes distâncias na mata, “regendo-se pelo sol, vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas léguas, por matos espessos sem errar ponto.” (CARDIM, 1980, p.95). Certa vez, relatou Gabriel Soares de Sousa, dois índios Tupinambás fizeram um feito de longa distância, foram presos por alguns delitos e enviados para o Rio de Janeiro, mas que de lá conseguiram fugir, cada um por vez pela mata retornaram as suas aldeias:

[...] fugidos, afastando-se sempre do povoado, por não ser sentidos por seus contrários; e vinham sempre caminhando pelos matos; e desta maneira atinaram com a Bahia, e chegaram à sua aldeia, de onde eram naturais a salvamento, sendo caminho mais de trezentos léguas. (SOUSA, 1971, p. 318).

Para além da referência do sol, quando necessário, reconheciam um novo local, por meio, do olfato, e assim conseguiam averiguar a presença de animais, outros indígenas e do fogo, até mesmo em longas distâncias:

[...] quando anda pelo mato sem saber novas do lugar povoado, deitar-se no chão, e cheirar o ar, para ver se lhe cheira a fogo, o qual conhecem pelo faro a mais de meia légua, segundo a informação de quem com eles trata mui familiarmente; e como lhe cheira a fogo” (SOUSA, Op. cit., p. 319- 320).

Os caçadores nativos, nas suas empreitadas de caça viviam em completa parceria com seus semelhantes, além disso, também viviam em profundo contato com a floresta (COSTA, 1994, p. 194). Tão profundo era este contato, que os colonizadores os descreveram como senhores do mato a ponto de suas peles serem rígidas, relatou o jesuíta Fernão Cardim, “Tapuya [...] são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos tem os couros muito rijos” (CARDIM, 1980, p. 198-199). Tem o couro rijo porque andam na floresta com pés descalços, “são como bichos do mato, porque entrão pelo sertão a caçar

¹⁷ Os tupinambás é um subgrupo da etnia Tupi, grande população, que dominavam a faixa litorânea desde Iguape até, pelo menos a costa do Ceará. (FAUSTO, 1992, p. 382). Os tupis, foram os povos da costa atlântica do continente americano que, apesar das diferenças étnicas, foram tratados como uma única nação. (SPOSITO, 2012, p.111).

despidos e descalços sem medo nem temor algum.” (CARDIM, 1980, p. 179). O calejamento, proveniente dos pés descalços, como sabemos, acaba se tornando uma proteção natural. Eram os naturais muito seguros dentro da floresta, como relatou o jesuíta Azpilcueta Navarro quando passou pela Bahia, “os índios [...] valendo-se dos matos, onde andam seguros como si animaes fossem” (NAVARRO, 1988, p. 168).

Os nativos caminham muito bem no interior da floresta e, ainda, correm muito bem, como os índios Aimorés¹⁸ que são “mui ligeiros à maravilha e grandes corredores.” (SOUSA, 1971, p. 79). Também os índios Tapuias que “são muito ligeiros e grandes corredores.” (SOUSA, Op. cit, p. 339-340). São destros nas corridas no interior da floresta, que em situação de fuga ainda apanham animais, como os índios Uetacá¹⁹ que “quando apertados e perseguidos por seus inimigos [...] correm tão rápidos a pé que não só escapam da morte como apanham na carreira certos animais silvestres.” (LÉRY, 2007, p. 80). Tem a força e energia para um dia inteiro de corrida e, ainda, apanham animais na carreira, como os Uetacá:

[...] tão fortes e ágeis que correm um dia inteiro sem parar e pegam veados na carreira; ou ainda os grandes gigantes que vivem no rio da Prata e são igualmente tão fortes e ágeis que agarram com as mãos os cabritos na corrida. (LÉRY, Op. cit, p. 81-82).

Toda esta agilidade, força e energia, certamente, contribuíram para o espanto dos europeus, a ponto destes afirmarem que de modo geral, entre “os selvagens, os que vivem mais longamente, havendo alguns que chegam à idade de 150 anos!” (THEVET, 1978, p. 180). Nos matos, montes, águas, mangues e campos, em qualquer relevo a condição física era de extrema importância para o cansaço não dominar nas suas lidas diárias. Era necessário um bom condicionamento físico e, claro, uma boa nutrição. Para um caçada é fundamental uma verdadeira disposição, pois ao caçador é necessário andar pelos matos, correr, e muitos quilômetros em um só dia, e também, em muitos terrenos duríssimos de acessar. (COSTA, 1994, p. 194).

Além de tal sabedoria nativa, agilidade e rapidez pela floresta, ainda tiveram, as aves ameríndias a má sorte de serem seus caçadores muito hábeis flecheiros, como “são

¹⁸ Aimorés, nomenclatura Tupi que significa ‘pessoa malvada’, assim eram chamados pelos portugueses. Os aimorés, seus homens eram altos e robustos. Ambos os sexos usavam pedras brancas e redondas nos lóbulos das orelhas e batoques de pedra, igualmente redondos, no lábio inferior. Eram verdadeiros nômades e sua mobilidade os tornava adversários temíveis (HEMMING; MOURA, 2007, p.156). Um grupo extenso que habitava a Mata Atlântica no Baixo Recôncavo Baiano, deslocando-se, para os Estados atuais de Minas Gerais e Espírito Santo. (SILVA, 2009).

¹⁹ Também conhecidos como Goitacá, que viviam na costa brasileira no século XVI, mas não falantes da língua tupi. (MALHEIROS, 2008).

os Tupinambás grandes flecheiros, assim para as aves como para a caça [...] e outras alimárias” (SOUSA, 1971, p. 313). Tão bons flecheiros pela reconhecida perfeição da mira, como eram os Índios Amoípiras²⁰ com “a flecha, para o que são mui certos, e para matarem muita caça”. (SOUSA, Op. cit, p. 336). Também os Potiguares²¹ “são caçadores bons e tais flecheiros que não erram flechadas que atirem.” (SOUSA, Op. cit, p. 54). Eram bons flecheiros ao passo, que lhes garantia vossos sustentos, como os Goitacases “de que se mantêm, e a caça, que matam às flechadas, porque são grandes flecheiros.” (SOUSA, Op, cit, p. 96). Também, eram bons flecheiros devido ao prestígio que conferia a um índio reconhecido como bom caçador. (DIAMOND, 2008, p. 107).

A mira certa dos arcos e flechas indígenas foi, certamente, uma das grandes ameaças para inúmeras espécies de aves, já que os índios, de modo geral “[...] são tão dextros que não lhes escapa passarinho que não matem.” (ANCHIETA, 1988, p. 441). Relatou o jesuíta Francisco Soares, com apenas um breve olhar são capazes de matar todos os animais vivos da mata, “são os índios comum (te) bons flecheiros tanto q’ se esta um homem armado muitas vezes se descobrem o olho lhe dão nele com as flechas matão [...] peçaros, e tudo o mais” (SOARES, 1966, p. 5). Tão habituados com as armas, os seus reflexos são rápidos para o disparo da flecha ao alvo, assim, nada escapa:

[...] são grandes flecheiros e tão certos que lhes não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bicho do mato, e não tem mais que quererem meter uma flecha por um olho de um pássaro, ou de um homem, ou darem em qualquer outra coisa, por pequena que seja, que o não fação muito ao seu salvo (CARDIM, 1980, p. 293).

A caça estava inserida no cotidiano destes nativos, a ponto de se dedicarem e preferirem esta atividade, como a tribo guerreira composta somente por mulheres, as Amazonas²², “[...] elas sempre preferiam exercícios de combates e de caça a quaisquer outras atividades.” (THEVET, 1978, p. 207). Com exceção das Amazonas na maior parte das tribos a caça era uma atividade masculina, “os machos somente roçam, e pescam e caçam [...]” (NÓBREGA, 1988, p. 139). E nela são muito afeiçoados, “homens ocupam-se em caçar, a que são muito afeiçoados.” (SOUSA, 1971, p. 339-340). E com o arco e flecha, “exercitão-se de muito pequenos nestas armas,”

²⁰ Amoípiras é um ramo dos Tupinambás da Bahia. (HEMMING; MOURA, 2007).

²¹ Índigena que habitavam no século XVI o nordeste brasileiro. Potiguares foi uma poderosa, guerreira e a maior populosa tribo Tupi do litoral, e seu nome significa ‘comedores de camarão’, já que consumia grandes quantidades de frutos do mar. (HEMMING; MOURA, 2007).

²² Amazonas, nome dado pelos europeus a tribo das Icamiabas, composta apenas por mulheres, o relato de tal tribo guerreira mistura-se com mito e realidade, nas crônicas dos viajantes, como de Gaspar de Carvajal que aventurou-se em 1540 nas bordas da Floresta Amazônica.

(CARDIM, 1980, p. 293). A caça é uma atividade de trabalho, mas que tornou-se entre os nativos, um esporte, uma identidade de vida (VICKERS (1976) apud MORAN, 1994, p. 318).

Os homens são os responsáveis pela arte da caça, e também, para ensinarem os meninos a atirarem, primeiro em um alvo, em seguida, nos pássaros, como os Tupinambás que aos seus filhos “machos ensinam-nos a atirar com arcos e flechas ao alvo, e depois aos pássaros.” (SOUSA, 1971, p. 307). Os adultos também ensinam os meninos a andar pelo mato, como os Tapuya que “para este efeito açoutam os meninos em pequenos com uns cardos para se acostumarem a andar pelos matos bravos”. (CARDIM, 1980, p. 199). A experiência de caça inicia-se ainda na infância, como observou o militar alemão Hans Staden, “quando são meninos e crescem, educam para a caça; e o que os meninos trazem cada um dá a sua mãe. Elas então cozinham e partilham com os outros.” (STADEN, 1930, p. 140). E desde menino, retornam a aldeia com a caça do dia.

Os indígenas, na maior parte das tribos, caçavam em grupos. Mas quando se era um bom caçador, apenas um único nativo conseguia sustentar toda uma família, “um só Índio basta, se é bom caçador, a sustentar uma casa de carne no mato, ao qual não escapa um dia por outro que não mate[...]” (GANDAVO, 1964, p. 40). Somente o barulho poderia atrapalhar no êxito da caça, por exemplo, os Guaranis sabiam que quando “era muito grande o ruído que faziam enquanto andavam, a caçada se tornava mais difícil.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 118). O silêncio era uma artimanha fundamental dentro da floresta.

Os relatos europeus nos mostram o quanto o cotidiano do indígena poderia ser extenuante e perigoso. Muitas crônicas evidenciaram a carga emocional que envolvia ao estar em um ambiente onde a espécie humana fazia parte da cadeia alimentar: “passar dos rios, a lagoa, lamas, matos sem caminho, fomes, sedes nos despovoados, os perigos de onças e bichos, e bichos que suspiram mais por carne humana que lobos por cordeiros.” (NÓBREGA, 1988, p. 68). Certamente os nativos estavam acostumados a tais perigos. A fome, em vários momentos, mostrou aos colonizadores o quanto poderia custar o desconhecimento da dinâmica da floresta: “comíamos o que Nosso Senhor nos deparava por esses campos, não faltando ocasiões de grande fome” (NAVARRO, 1995, p. 120). Também sentiram os portugueses o quanto era trabalhoso se locomover pela MA, relatou o jesuíta José de Anchieta, “para o sertão [...], além de umas altíssimas

serras que estão sobre o mar, tem a vila de Piratininga [...] por uns dos mais trabalhosos caminhos que creio há em muita parte do mundo.” (ANCHIETA, 1988, p. 328).

Era quase impossível abrir caminhos sem nenhum tropeço, ainda mais, por entre as grandes árvores. Sendo esta floresta muito úmida, e até mesmo em estação seca, o orvalho da manhã convertia as folhas caídas sobre a lama em um solo extremamente escorregadio. Associado a isto, na floresta havia todo um emaranhado de espinhos e cipós que cercavam as grandes árvores, o que dificulta a locomoção na mesma, e não raramente, os espinhos arranhavam braços, pernas, chegando mesmo a ferir, a face e olhos. Também troncos caídos tornavam o relevo, ainda mais, acidentado. Por fim, havia todo o desconforto e perigo trazido por insetos e artrópodes como mosquitos, carrapatos, pernilongos, aranhas, miíases, sanguessugas, escorpiões. (DEAN, 1966, p. 28- 29).

Eram os nativos conhecedores de todos estes percalços. Logo, eram muito bem quistos pelos europeus, mesmo quando a necessidade de deslocamento pela floresta não envolvia somente a sobrevivência, como bem atesta Gabriel Soares de Sousa: “[...] por os Tupinambás terem este conhecimento da terra e do fogo, se faz muita conta deles, quando se oferece irem os portugueses à guerra a qualquer parte.” (SOUSA, 1971, p. 318-319). Foram os Tupis os primeiros índios caçadores que encontraram os portugueses, quando estes desembarcaram na terra de Vera Cruz. Todo o intercâmbio cultural entre estes dois mundos, teve início com as etnias da família Tupi (DEAN, 1996, p. 48).

Esta troca cultural ocorreu até mesmo porque os europeus rapidamente perceberam a necessidade dos conhecimentos que tinham os indígenas pela floresta. Os colonizadores viam, nas etnias indígenas, os únicos guias possíveis para percorrer o emaranhado de árvores, cipós, rios com espécies animais completamente desconhecidos. Mesmo os peabirus, uma intrincada rede de trilhas, construída no decorrer de centenas de anos pela movimentação e dinâmica indígena, era inacessível sem as indicações e apontamentos dos próprios nativos (DEAN, Op. cit, p. 48-53). Ironicamente, a exploração europeia dependeu dos mapas e dos guias nativos. Tais mapas, herdados a partir de uma tradição baseada na oralidade, foram repassados aos europeus que não tardaram em registrar estas valiosas informações (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2008, p. 299).

E, como se não bastasse mostrar o caminho para os portugueses, os guias nativos chegavam mesmo a lhes mostrar até onde dormir: “[...] os Tupinambás vão sempre

adiante, correndo a terra por serem de recado, e mostrando às mais gente o caminho por onde hão de caminhar, e o lugar onde se hão de aposentar cada noite.” (SOUSA, 1971, p. 318-320). É costume dos Tupinambás nas suas viagens e expedições guerreiras construírem abrigos para passarem a noite, em que quatro postes são fixados em terra e sustentam um teto de ramos e folhas de palmeira. Acampavam distribuindo os abrigos em ordem regular (COSTA; MALHANO, 1987, p. 50). O comportamento de estranheza dos colonizadores com o mundo natural do Novo Mundo, dificilmente seria de outro modo, já que a natureza tropical estava moldada por forças ecológicas e sociais que os colonos desconheciam, e assim, foi necessário o conhecimento sobre os animais e as formas de gestão da terra que os índios praticavam. (MANN, 2012, p. 71).

A dificuldade em encontrar comida também se sucedeu com os Ingleses quando desembarcaram na América do Norte, em Virgínia dependeram dos índios Powhatan e quando passaram a não depender mais, a dificuldade para encontrar comida era tanta que nada menos que 150 dos 250 recém-chegados morreram em um espaço de meses. E ano a após ano a companhia Virginia Comany doava enormes quantias para os colonos da Virgínia, mais de uma centena de navios aportavam na colônia inglesa com as doações. Mas ainda assim, parte dos futuros colonos (homens, mulheres e crianças) morriam meses após meses. A Inglaterra enviou cerca de 7.000 pessoas para a Virgínia entre 1607 e 1624 oito em cada 10 morreram. (MANN, 2012, p. 93).

3.2 - Nos caminhos da floresta, a caçada.

Os indígenas viviam se deslocando e caçando, exceto para aqueles que viviam também da roça e que, portanto, viviam uma espécie de semi-nomadismo. Para outros, como observou o explorador espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, a caça era uma das atividades diárias mais importantes, como para os Guaranis, que frequentemente, colonos diziam que: “viram os índios caçando e caminhando pelos campos, como costumavam fazer.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 56). Era pelos carregadores e peabirus que conseguiam abater suas caças, “eles iam caçando pelo caminho.” (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 56). Quando percorriam trajetos, estes indígenas poderiam avistar e abater muitos animais: “por todo o trajeto havia tanta caça de veado e avestruz que era impressionante de se ver” (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 57). Para os nativos, caçar durante suas caminhadas significava minimizar o risco de fome, que oferecia um retorno confiável a um estilo de vida nômade. Pesquisadores como Jared

Diamond nos lembra que as culturas caçadoras-coletoras geralmente possui uma rica dieta, apesar de todo gasto calórico advindo da rotina itinerante imposta pelo nomadismo (DIAMOND, 2008, p. 107).

Já que os nativos viviam pelos caminhos da MA era nestes mesmos que construía suas moradas. E por ali mesmo, graças aos saberes acumulados por séculos de convivência com a floresta, faziam seus abrigos com os recursos que encontravam à disposição. O colono português Gabriel Soares de Sousa observou que os indígenas Aimorés, de maneira engenhosa:

[...] andam sempre de uma para outra pelos campos e matos, dormem no chão sobre folhas e se lhes chove arrimam-se ao pé de uma árvore, onde engenam as folhas por cima, quanto os cobre, assentando-se em cócoras; e não se lhe achou até agora outro rasto de gasalhado. (SOUSA, 1971, p. 79).

Algumas etnias utilizavam-se de outros recursos para elaborar suas moradas. Este era o caso dos Guaianases que construía suas moradas fazendo escavações no chão: “não vive este gentio em aldeias com casas arrumadas, como os tamoios seus vizinhos, mas em covas pelo campo, debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia e fazem suas camas de rama e peles de alimárias que matam.” (SOUSA, Op. cit., p. 115).

E quando ocorria a escassez de caça, mesmo que tivessem se empenhado, acreditavam fervorosamente que haveria algum motivo místico para isso, como relatou o jesuíta José de Anchieta que um índio, não menciona etnia, reclamara que: “não lhe caía caça em uns laços que tinha armados, porquanto uma velha feiticeira os havia deixado a perder” (ANCHIETA, 1988, p. 237). E Anchieta, lhe dando atenção, o perguntara acerca do motivo para as perdas, e o nativo respondia: “porque ao outro dia me caiu uma caça e não lhe dei parte dela e por isso enjoada há feito que não venha a caça por ali.” (ANCHIETA, Op. cit, p. 237). Os indígenas que habitavam a MA acreditavam na força e influência de espíritos nas suas caçadas, compreendiam que espíritos da floresta, como o Curupira, poderia controlar a reciprocidade na caçada. Então, o indígena para obter uma caçada bem-sucedida, era necessário, devolver algo de valor à floresta. Assim, se conquistava as boas graças do Curupira com a bebida cauim e folhas de tabaco (DEAN, 1996, p. 55).

Nos períodos em que a caça era abundante, não raramente uma grande quantidade de aves era abatida. O que, aos olhos dos colonizadores só poderia ser descrito como um espetáculo, pois certo dia, na caça dos Guaranis, “foram mortos muitos [...] avestruzes [...] a caça, naquele dia, tornou-se um divertimento e um

espetáculo à parte de todos.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 63). Períodos de migração ou reprodução de algumas espécies de aves, momento que as espécies se aglutinam, os caçadores conseguem abater facilmente muitas aves. Isto impressionou aos europeus porque não tinham os indígenas as coutadas (cotas de número de animal abatido), e de modo geral, “de toda a mais caça [...] participação (como digo) todos os moradores, e mata-se muito della á custa de pouco trabalho em toda parte querem: porque nam ha lá impedimento de coutadas, como nestes Reinos”. (GANDAVO, 1964, p. 41).

A busca por alimentos, por meio, da caça requer pensar-se sobre decisões e prioridades de alocação, alimentação, função social e custo/benefício. Além de procurar alimento porque tem fome, os indígenas sabiam da necessidade de consumir alguns alimentos específicos, principalmente os ricos em proteínas, gordura, sal e frutas. É necessário maximizar seu retorno em calorias, proteínas, que lhes proporcionem o maior benefício, em menor esforço possível e até em menor tempo empregado (DIAMOND, 2008, p. 106-107).

E, para má sorte das aves, os seus predadores humanos exerciam seus ofícios em bandos, “têm mais de costume, quando querem ir às suas caças [...] para as quais se ajuntam muitos.” (BRANDÃO, 1966, p. 199). Era comum que as caçadas fossem em grupo. O que incluía dois ou três caçadores, os quais desenvolvem essa atividade como parte de suas tarefas familiares para prover a subsistência dos seus. (MORAN, 1994, p. 318). Relatou o senhor de engenho Ambrósio Fernandes Brandão, sem mencionar a tribo, que indígenas nas caçadas em bando, andavam e dormiam na mata, e ainda de madrugada, um primeiro caçador levantara e começava a dar grandes brados e chamar todos os outros para continuarem seus caminhos:

[...] o primeiro que se alevanta antes de amanhecer, anda pelo terreiro, e a grandes brados, prega aos demais que se alevantem e botem a preguiça de parte, saindo dos ranchos, por ser já tempo de se porem a caminho, e com esta pregação vai continuando por algum espaço, até que todos tomam suas armas, com os quais se põem a caminho. (BRANDÃO, 1966, p. 200).

Nas sociedades tribais costumeiramente os integrantes do sexo masculino se organizarem para iniciar a caça. Na tribo, parte da função social dos nativos masculinos inclui dedicar-se, na maior parte do tempo, na procura da caça para alimentação, e assim, todos os homens quase que diariamente dedicam-se na busca de aves, e outros animais (DIAMOND, 2008, p. 87).

3.3 - As que habitavam os dosséis das árvores.

Acima das cabeças dos nativos, nos dosséis das árvores, é onde encontramos a agitação. Lá, nos mais altos galhos, vivem criaturas de diferentes espécies que dividem, delimitam, ocupam e disputam espaço à procura de luz e alimento (DEAN, 1996, p. 30). Neste nicho das florestas tropicais repleto de vida, encontramos uma vasta diversidade de espécies de aves (MORAN, 1994, p. 316). As aves não passavam despercebidas mesmo nas copas das árvores mais altas, pois os nativos sabiam aonde encontrar seus preciosos recursos. Logo, como relatou o alemão Hans Staden, os Tupinambás:

[...] quando vão para a mata, caminham de cabeça arguida, examinando as árvores para descobrir algum pássaro grande, macaco ou outro animal, que vive sobre as árvores, para o matar, e perseguem-no até o matarem. Raras vezes acontece ir alguém á caça e voltar sem trazer alguma cousa. (STADEN, 1930, p.127).

Com uma procura tão qualificada e uma visão aperfeiçoada raras vezes uma ave conseguia escapar. Os caçadores eram muito observadores, e tinham um conhecimento profundo sobre a floresta e as criaturas que nela habitam. É necessário que conheçam o tipo de alimentação dos animais e, na medida em que adentram na floresta, os caçadores iam observando a localização das árvores que se encontram em floração ou produzindo frutos. Se árvores de uma mesma espécie não florescerem ao mesmo tempo, então, um caçador experiente tende a prestar atenção e memorizar sua localização. Sendo que utilizam esse conhecimento para as próximas expedições. Afinal, estas árvores atraem uma diversidade considerável de aves frugíferas (MORAN, 1994, p. 318).

Porém, as aves sabiam reconhecer seus caçadores, e lá do alto o “Margui [...] está sempre olhando para o chão, e como vê gente foge, dando um grande grito.” (SOUSA, 1971, p. 233). Muitas espécies de psitacídeos haviam criado estratégias para alimentarem-se sem riscos de serem capturados. Alguns papagaios agiam em bando, geralmente dois ou mais indivíduos ficavam do alto vigiando a movimentação dos predadores, enquanto, que outros desciam das árvores para se alimentarem, relatou José de Anchieta:

Os papagaios [...] voam em bandos e quando estão nesse trabalho, fazem de maneira que, quando descem para comer, fiquem sempre um ou dois no alto de uma árvore, como de vigia, os quais, espiando o lugar por todos os lados, em vendo alguém aproximar-se, tocam rebate e fogem todos; mas se não houver perigo algum, quando os outros

fartos sobem, descem os vigias por sua vez para comer. (ANCHIETA, 1988, p. 133-134).

Manter as aves sob vigilância era costume entre caçadores de florestas tropicais. Em geral, estes utilizam, no mínimo, dez árvores como ponto de observação e espera (MORAN, 1994, p. 319). É característica comum das aves que habitam florestas tropicais na América do Sul o instinto rápido de fuga, assim, são mais difíceis de serem apanhadas (QUAMMEN, 2008, p. 224). As aves não se renderiam tão tranquilamente, ao passo que, seus caçadores também não desistiam tão facilmente. E, ao longo dos anos deste convívio tenso na floresta, tivera o nativo desenvolvido habilidades sensitivas, como a visão e olfato para, precisamente, encontrarem suas presas emplumadas. Também para enganá-las seus caçadores desenvolveram habilidades, como reproduzir os seus cantos e vozes, e inclusive imitando a entonação de suas conversas para atraí-las, como os índios Wayganna ²³ “sabem também imitar a voz dos animais e o canto dos pássaros, para melhor apanha-los e mata-los.” (STADEN, 1930, p. 123). Os caçadores da floresta são capazes de imitar os grunhidos e os sons da maior parte dos animais que caçam. (MORAN, 1994, p. 318).

O Jesuíta Fernão Cardim, sem especificar a tribo, relatou que os nativos conseguiam ver a longas distâncias e do mesmo modo ouvirem muito, “veem sobre maneira, porque á legua enxergão qualquer coisa, e da mesma maneira ouvem; atinão muito.” (CARDIM, 1980, p. 180). E, no sossego de suas moradas eram as aves espreitadas, observadas e cercadas em círculos pelos caçadores que iam à busca das mesmas em seus nichos. E lá, no alto das árvores, seriam como invisíveis para aqueles com a visão de baixo para cima, mas os índios as encontravam (DEAN, 1996, p. 41).

Dentre tais espécies arborícolas, ou seja, as que viviam de galhos em galhos, havia o “Atiaçu [...] criam em árvores.” (SOUSA, 1971, p. 238). O “Tié-juba [...] criam em tocas de árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). O “Aracuã [...] onde se juntam; criam-se estas aves em árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Também “há outros passarinhos [...] aos quais os índios chamam Saiubuí [...] e criam em árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). Algumas espécies de fato não conseguem se camuflar e esconder nas árvores, porque possuem cores vivas, ou ainda pousam em muitas, como o Guará que “[...] nas árvores, em São Vicente e Rio de Janeiro há muitas que parece a árvore toda vermelha.” (SOARES, 1966, p. 202-203). A espécie Guará tinha a capacidade de avermelhar toda a

²³ Também conhecidos como Wayana, de língua carib, atualmente habitam aldeias a margens do rio Paru d' Este (Paru de Leste) no extremo norte do Estado do Pará. (VELTHEM; LINKE, 2010, p.13)

árvore. O fato é que o Guara (*Eudocimus ruber*), não tinha inimigos naturais “relevantes” até a chegada do *Homo sapiens* no continente americano. Logo, suas cores vibrantes o tornaram um alvo relativamente fácil de ser avistado.

Muitas espécies, obviamente, não ficavam restritas a uma única árvore específica, pois percorriam áreas de abrangência considerável entre os arvoredos, como o “Sabiá-unas [...] que andam sempre entre arvoredos” (SOUSA, 1971, p. 238). Os “Pexaroréns são uns passarinhos [...] que andam sempre por cima das árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). Os “Querejuás [...] andam sempre por cima das árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). Algumas espécies se criavam em árvores altas, como a: “Arara [...] criam estas árvores altas.” (SOUSA, Op. cit, p. 228). O “Tabuiaiaá [...] Criam em árvores altas” (SOUSA, Op. cit, p. 226). Os “Tucanos [...] Criam estes pássaros em árvores altas”. (SOUSA, Op. cit, p. 228). Os “Urubus [...] as quais criam em árvores altas.” (SOUSA, Op. cit, p. 233). Os “Jaçanas são uns pássaros [...] criam-se em árvores altas.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). O “Canindé [...] criam em árvores altas.” (SOUSA, Op. cit, p. 228).

A criação de ninhos em árvores altas também visava a proteção dos filhotes, como o “Uranhengatá [...] os quais criam em ninhos, em árvores altas” (SOUSA, 1971, p. 235). “A águia, a que o gentio chama Caburé-açu [...] criam em montes altos, onde fazem seus ninhos” (SOARES, 1966, p. 226). Outra espécie é o “[...] chamam Aiaiaá [...] fazem seus ninhos em árvores altas.” (SOUSA, 1971, p. 236). Já outras espécies se criam ninhos em árvores baixas, como o “Anu criam em árvores baixas em ninhos” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Já outros em árvores baixas, “criam-se em árvores baixas em ninhos outros pássaros, a que o gentio chama Sabiá-poca” (SOUSA, Op. cit, p. 237).

Nas árvores, as moradas tinham de ser elaboradas, não se tratava simplesmente de escolher um galho. Observaram os cronistas que algumas espécies se criavam nos troncos de árvores grossas, como o “Urucureá [...] as quais criam no mato em tronco de árvores grossas.” (SOUSA, 1971, p. 234). Outras aproveitavam as tocas nos troncos das árvores, ou rochas e ali mesmo faziam sua morada, e seus ninhos para receber seus filhotes, como a “Arára [...] se chamão Macaos crião nas tocas das árvores, e em rochas de pedra.” (CARDIM, 1980, p. 50). A construção de ninhos em toca das árvores é para proteção de seus filhotes, como fazia o Guriatã:

[...] este pássaro tem grande amor aos filhos, que por lhos não furtarem, vai lavar seu ninho de ordinário a par de alguma toca, aonde as abelhas lavram mel, as quais, por esta maneira, lhes ficam servindo de guardas dos filhos, porque, como todos arreceiam de se

avizinhar a elas, temendo o seu áspero aguilhão, ficam os filhos livres do perigo. (BRANDÃO, 1996, p. 153).

A defesa básica de muitas aves incluía a estratégia de construírem os ninhos de seus filhotes nos ocos dos troncos de árvores, como “os papagaios fazem seus ninhos redondos e rígidos no oco das árvores.” (LÉRY, 2007, p. 152). Muitas aves se criavam em buracos dentro da árvore, em pontos ocos das árvores ou ainda em buracos de pedras, aonde podem manter a eles e seus filhotes, como os “Muiepererus [...] criam nos buracos das árvores e das pedras” (SOUSA, 1971, p. 237). “Há outros pássaros, a que o gentio chama Uapicu [...] e criam nas tocas das árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 238-239).

As espécies que criam suas proles em ninhos também foram amplamente descritas pelos cronistas: “Ajerueté são uns papagaios verdadeiros, [...] criam nas árvores, em ninhos.” (SOUSA, 1971, p. 231). “Há outros papagaios, a que chama curicas [...] os quais criam em ninhos nas árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). “Tupianas [...] e criam nas árvores, em ninhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). “Sabiá-tinga [...] os quais criam em ninhos que fazem nas árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 236). “Suiriris [...] que criam em ninhos nas árvores.” (SOUSA, Op. cit, p. 237). “Tié-piranga [...] criam em árvores, onde fazem seus ninhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 236).

As aves constroem seus ninhos com vários materiais, como palha, barro, e até teia de aranha, como as aves: “a que os índios chamam Uraenhan-gatá, e Uanadi [...] que criam em ninhos de palha que fazem nas árvores” (SOUSA, 1971, p. 236-238). “Há outros [...], a que os índios chamam Urandi, que criam em ninhos de palha” (SOUSA, Op. cit, p. 237). Os que “chamam Tuim [...] e criam em árvores, em ninhos de palha.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). “Há uns [...] a que os índios chamam Timuna, que criam em ninhos de palha.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). Utilizam teia de aranha os “Gainambis [...] fazem os seus ninhos das suas teias [...] criam em tocas de árvores”. (SOUSA, Op. cit, p. 236).

Muitas outras construíram seus ninhos nos topos de árvores como estratégia para evitar o ataque de boa parte dos predadores, como os papagaios: “seus ninhos, de formato redondo, são feitos no alto das árvores, a fim de evitar o ataque das feras.” (THEVET, 1978, p. 158). Muitas das feras que atacavam seus ninhos eram as cobras, como o tormento que vivia as pombas da Bahia, “as pombas da Espanha se dão na Bahia, mas fazem-lhes muito nojo as cobras que lhes comem os ovos e os filhos, pelo

que se não podem criar em pombais.” (SOUSA, 1971, p. 173). Construía-se seus ninhos no topo das árvores, bem reforçado e fortes e com cobertura para não entrarem cobras:

[...] Macacica[...] fazem estes pássaros os ninhos nas pontas das árvores, dependurados por um fio da mesma árvore; e os ninhos são de barro e palha, com coruchéus por cima, muito agudos, servem-e por uma portinha, onde põem dois ovos; e fazem os ninhos deste feição por fugirem ás cobras, que lhes comem os ovos, se os acham em outra parte. (SOUSA, Op. cit, p. 236).

As aves tem uma importância na manutenção do equilíbrio ecológico, algumas de suas espécies são fontes de alimento para inúmeros outros animais, como várias espécies de serpentes. (TAVARES; SICILIANO, 2011, p. 6). A jararaca-ilhoa (*Bothrops insularis*), por exemplo, é uma espécie extremamente venenosa e alimenta-se de pássaros, nos quais, por conta de seu pequeno tamanho, o veneno deve agir quase que instantaneamente. (DEAN, 1996, p. 69-70). As serpentes, predadoras naturais das aves e seus ovos, tem um histórico de desequilíbrio ecológico, que pode gerar consequências drásticas no ambiente, como competição no uso do habitat e diminuição populacional da presa com intensa predação. (QUAMMEN, 2008, p. 306).

Todo cuidado era pouco! E algumas espécies, como os gaviões eram, aos olhos europeus, tão majestosos, que os cronistas não se intimidavam em afirmar que outras aves de rapina participavam na criação dos pequenos gaviões:

[...] quando está no ninho, não só seus pais que têm com ela particular cuidado, mas todas as outras aves que vivem da rapina, trazem comida como a um príncipe: têm isto consigo, que mesmo que passem muitos dias sem comer, mal nenhum isso lhes faz. (ANCHIETA, 1988, p. 134-135).

Algumas tinham tanto cuidado com seus ninhos que os faziam como sacos de musgo “Japu [...]criaõ em os mais delgados Ramos das arvores e fazem uns sacos de musgo e assim estaõ de pendurados por amor das cobras e doutras cousas e assim saõ os mais do ninhos dos pássaros do Brasil.” (SOARES, 1966, p. 127).

Praticamente muitas das espécies que viviam nas árvores eram caçadas, por meio, dos arcos e flechas. Estes, uma vez disparados, conseguiam alcançar as aves que estavam no topo das árvores, como os “Tucanos [...] os bravos matam os índios a flecha” (SOUSA, 1971, p. 229). Também aquelas aglomeradas em grande número, relatou o francês André Thevet que “nos bosques, há uma infinidade de papagaios selvagens, que os índios caçam a flechadas, em grande número, para comê-los.”

(THEVET, 1978, p. 158). Talvez por serem e terem uma infinidade de algumas espécies estas se matão facilmente a flechadas.

3.4 - As que habitavam a rasteira.

Dentre as espécies que viviam no chão estavam: a “Nhapupé [...] tem os pés como galinha, a qual anda sempre pelo chão, onde cria e põe muitos ovos de fina côr aleonada” (SOUSA, 1971, p. 237). Os Urubus “há outros pássaros do mesmo nome, mais pequenos, [...] e uns e outros criam no chão.” (SOUSA, Op. cit, p. 235). Também o “Nambu [...] voam ao longo do chão, por onde correm muito” (SOUSA, Op. cit, p. 230). Os “Jacus são umas aves [...] cacarejam como perdizes, criam no chão, e têm o vôo muito curto.” (SOUSA, Op. cit, p. 230). O “Macucaguá [...] voam pouco e ao longo do chão, por onde correm muito [...]criam no chão.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). A mesma ave também foi mencionada por Fernão Cardim, “Macucaguá [...] andão sempre pelo chão.” (CARDIM, 1980, p. 55). O “Motum [...] e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde as matam a flechadas e as tomam a cos.” (SOUSA, 1971, p. 227).

As aves que se criavam no chão, também construía seus ninhos no chão, como: as emas “estas aves fazem os ninhos no chão, onde criam” (SOUSA, Op. cit, p. 226). O “Tuiuíú [...] fazem os ninhos no chão, em montes muito altos, onde fazem grande ninho.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). O “Nambu [...] e criam em ninhos que fazem no chão.” (SOUSA, Op. cit, p. 230). O “Pairari [...], as quais criam no chão, em ninhos.” (SOUSA, Op. cit, p. 230). O “Macucaguá [...] onde põem muitos ovos, em ninhos como de galinhas; mas têm a casaca verde, de cor muito fina.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). O “Motum [...] Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). O “Nhadu [...] Estas aves fazem os ninhos no chão, onde criam; [...] as quais não voam levantadas do chão, correm em pulos.” (SOUSA, Op. cit, p. 226). E já algumas outras espécies como o “Pitaoão [...] fazem grandes ninhos nos mangues” (SOUSA, Op. cit, p. 233).

Também utilizam os caçadores o arco e a flecha para matarem estas espécies que vivem e se locomovem no solo, como: o “Macucaguá [...] Destas ha muitas especies, e multidão, e facilmente se frechão.” (CARDIM, 1980, p. 55). “Ha tambem muitas galinhas de mato que os índios matão com frechas” (GANDAVO, 1964, p. 85). Os “Jacus [...] matam-nas os índios às flechadas” (SOUSA, 1971, p. 227). Mas de modo geral, muito destas aves que vivem no chão são mortas *cosso*, como: a “Macucaguá [...]

e as tomam com cães a *cosso*.” (SOUSA, Op. cit, p. 227). Também as emas “criam-se nestes matos emas muito grandes, a que o gentio chama Nhadu [...] tomam-nas os índios a *cosso*; e tanto as seguem até que as cansam, e de cansadas as tomam.” (SOUSA, Op. cit, p. 226).

Este modo de caçar a *cosso* era muito comum às espécies de aves que não voavam, como a ema, mas não era fácil capturá-las. Moradora do cerrado, esta espécie herbívora, após a extinção dos grandes mamíferos, tivera evoluído um temor prudente diante dos homens, e então, tornaram-se muitos velozes. (DEAN, 1996, p. 39-40). Além da ema, outras espécies coevoluíram com a presença humana, e tinham a artimanha de fugirem subiam como as “Macucaguá [...] andão sempre pelo chão, mas quando vem gente se sobem nas arvores.” (CARDIM, 1980, p. 55). Estas aves certamente coevoluíram com a presença humana, assim, tinham a atitude de fuga com a aproximação de humanos.

E por isso só as tomavam a *cosso* depois de já cansadas, para que os nativos pudessem alcançá-las deveriam ser muito rápidos, e a isto os nativos tinham domínio, como relatou André Thevet, os nativos “caminham com muita ligeireza e, quando correm, conseguem alcançar os mais velozes animais.” (THEVET, 1978, p. 180). Uma espécie bem menor que a ema, mas também ligeira, é o “Sabiá-pitanga [...] e correm pelo chão com muita ligeireza.” (SOUSA, 1971, p. 234). Nas regiões de campos abertos da MA, aonde viviam muitas aves, os caçadores haviam desenvolvido práticas de técnica de caça, e isto, desde 5.800 a 4.800 mil anos atrás (DEAN, 1996, p. 41).

Na tática de caçarem a *cosso*, utilizavam cães, como na caça do “Motum [...] correm muito pelo chão, onde as matam a flechadas e as tomam a *cosso* com cães.” (SOUSA, 1971, p. 227). O “Nhuapopeguaçu [...] e assim as tomão os cães.” (SOARES, 1966, p. 135). Na perseguição as Emas “[...] correm muito e parece que vão e as penas ajudam a isso posto que moles mas não há cão q’ as tome a corço.” (SOARES, Op. cit, p.139). Os cães contribuem muito para as caçadas, “fazem vantagem aos cães de caça, e além disso atinam tanto.” (BRANDÃO, 1966, p.206). Na aldeia, é função das mulheres cuidarem dos cães para que os maridos possam os levar nas caçadas, “as fêmeas destes gentios são muito afeiçoadas a criar cachorros para os maridos levarem à caça, e quando elas vão fora levam-nos às costas.” (SOUSA, 1971, p. 312). Uma ave se defendia afugentando os cães, a “Anhima [...] quando acossada pelos cães, não foge, ainda que a grandeza do corpo não a embarace de voar; antes os afugenta, ferindo-os gravemente com as asas assim armadas.” (ANCHIETA, 1988, p. 174).

Algumas espécies de falcões eram aves caçadoras e eram utilizadas para a caça de outras aves, já que eram mais fortes, conseguindo sustentar uma grande galinha pelas unhas, e também muito ágeis, pois eram muito ligeiras na perseguição de uma caça. Relatou o cronista português António Ambrósio Brandão, “tôdas as que tenho nomeado são excelentes para o uso da caça, porque levam na unha qualquer galinhas, por grande que seja, e alcançam a mais ligeira ave, quando a seguem.” (BRANDÃO, 1966, p. 157). Na colônia, o falcão e a águia foram utilizados para caça, mas na Europa a aristocracia inglesa costumeiramente empregava tais aves para a perseguição de outros pássaros e animais selvagens. Era popular na era Moderna a perseguição de aves selvagens com falcões, a chamada falcoaria (THOMAS, 1988, p. 170-174). Somente tinham (os nativos e europeus) o receio de utilizar águias e falcões na caça, com a justificativa delas se perderem na mata fechada, “não se aproveitam destas aves para caça, e em parte têm desculpa os que o podiam fazer e não fazem, por ser a terra muito coberta de matos e não é possível poderem-se soltar sem se perderem.” (BRANDÃO, 1966, p.157).

3.5 - As que habitavam nas beiras das águas.

A zona das margens de rios é conhecida como a zona ecótono, um local de encontro, entre dois ecossistemas bióticos, um das águas e outro das florestas e campos. E é nesta zona que reúnem variados recursos, além do mais, este encontro também pode ocorrer nas águas doce, bem como, nas margens do mar, e nas desembocaduras de rios em águas salgadas. (DEAN, 1996, p. 32). É na zona ecótona o habitat de diversas espécies de aves, algumas moram dentro do rio, o “Gararina que de ordinário mora dentro das águas.” (SOUSA, 1971, p.230). De certo, esta espécie estaria caçando dentro d’água. Também vive a margens dos rios e lagoas, o “Jacu-açu [...] andam nos rios e lagoas, criam ao longo delas e dos rios, no chão.” (SOUSA, 1971, p. 230). Outras aves moram junto ao mar, como a “Saracura [...] cria no chão, onde chega a maré de águas vivas, que se mistura com água doce; as quais não andam pelo salgado, nem pelo mato grande, mas ao longo deles.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). A Guará também fica a beira do mar, “uma espécie, chamada Uwara Pirange, tem seus pastos perto do mar e se aninha nas rochas, junto à terra.” (STADEN, 1930, p. 163).

As ilhas no litoral da América portuguesa são o local de maior ocorrência delas, “na ilha com existência de vários pássaros de várias cores, pretos, pardos e

esbranquiçados.” (LÉRY, 2007, p. 252-253). São muitas espécies que vivem na beira do mar a pescar, “há infinidade de outras que se sustentam de pescados e pastam sôbre os rios e alagoas [...]a que chamam airires, paturis, maçaricos, sericos, colheireiras.” (BRANDÃO, 1966, p. 158). Tem também a Garcetas pequenas, “ao longo da água salgada, nas ilhas que ela tem, se criam garcetas pequenas [...] índios chamam carabuçu.” (SOUSA, 1971, p. 232).

As diversas tribos indígenas sabiam onde encontrar a riqueza dos recursos, como nas margens do rios, e muitos como os índios Wayganna viviam na serra aonde “descem bonitos rios da serra e há lá muita caça.” (STADEN, 1930, p. 123). O caçador encontra sua presa no local em que esta se alimenta, e muitas espécies se alimentavam dos recursos fluviais. (MORAN, 1994, p. 316). Acampar próximo a algum rio significa garantir alguns recursos, por isso, os nativos “gostam muito de colocar as suas cabanas onde a água e a lenha não fiquem longe.” (STADEN, 1930, p. 124). Nas beiras dos rios e riachos, os recursos são mais abundantes, nas excursões os nativos não deixavam de considerar onde pudessem obter água. (COSTA; MALHANO, 1987, p. 42).

Para a má sorte das aves “próximo ao rio viviam populações de caçadores.” (CABEZA DE VACA, 1995, p. 100). Relatou Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que o “rio Iguaçu é tão largo [...] É muito povoado em toda a sua ribeira, estando ali a gente [...] além de ótimos caçadores.” (CABEZA DE VACA, Op. cit, p. 36). Povoados com a tendência de serem maiores, ficavam próximos aos grandes rios ou ao longo do litoral, devido a concentração de recursos protéticos do ambiente aquático e o também alto recursos das áreas florestas. (MORAN, 1994, p. 349).

As aves de água doce tinham de compartilhar da presença dos nativos, ao passo, que muitas aves marinhas eram as primeiras a iniciar o contato com os navios europeus. Por não terem co-evoluído com os humanos, estas se comportavam de maneira muito mansa, a ponto de se aproximarem pousando até no mastro e cordas do navio. Relatou o francês Jean de Léry, “dessas aves que vivem de presa no mar e são tão mansas que muitas vezes ocorria pousarem nas cordas e mastros de nossos navios, deixando-se apanhar com a mão. Por tê-las comido, e, portanto visto também por dentro.” (LÉRY, 2007, p. 67). O comportamento manso lhes custava a vida.

O que contribuía para serem facilmente abatidas eram dois motivos: primeiro, por nunca terem convivido com o *Homo sapiens* eram consideravelmente mansas e, em segundo, por serem numerosas, algumas ilhas eram repletas destas espécies e seus ovos e, então:

[...]alguns marujos foram procurar água potável nessas ilhas desabitadas e verificaram que todo o terreno se achava coberto de ovos de aves de diversas espécies, aliás diferentes das nossas. E tão mansas, por nunca terem visto gente, que se deixavam pegar com a mão ou matar a pauladas. (LÉRY, 2007, p. 83).

O alemão Hans Staden relatou que os marujos desciam nas ilhas a fim de buscar água, mas se encontrassem pássaros não perderiam a oportunidade de matá-los:

[...] na ilha havia muitos pássaros marítimos chamado Alkatrases, que são fáceis de apanhar. Era tempo da incubação. Desembarcámos, para procurar água potável [...] Também achámos umas pequenas fontes numa rocha. Ali matámos muitos dos referidos pássaros e os ovos. (STADEN, 1930, p. 34-35).

Este comportamento extremamente manso de algumas aves é reconhecido como docilidade, e que ocorre com uma ampla variedade de animais insulares ao longo do mundo. Um dos estudiosos a constatar este comportamento foi o naturalista Charles Darwin (1809-1882), que na sua viagem em pelas Ilhas Galápagos, localizadas no Oceano Pacífico a cerca de mil quilômetros da costa da América do Sul e que fazem parte do território do Equador, percebeu a extrema docilidade das aves que, ainda, não temiam o homem como predador:

Concluirei minha descrição da história natural destas ilhas dando um relato da extrema mansidão dos pássaros. Essa característica é comum a todas as espécies terrestres, a saber: os tordos, os tentilhões, a cambaxirra, o papa-mosca, o pombo e o falcão carniceiro. Frequentemente consigo me aproximar tanto dessas espécies que é possível mata-las com uma varada e, algumas vezes, como eu mesmo tentei, com um boné ou chapéu. (DARWIN, 2013, p. 263)

Para Quammen, esta facilidade em serem apanhadas não se resume somente a alta docilidade, mas também devido a um conjunto de fatores como perda da coloração protetora, perda de mecanismo de advertência, uma primeira infância prolongada e os comportamentos de aninhamento. Esta ingenuidade ecológica, não significa que as aves sejam imbecis, somente não coevoluíram com um mundo repleto de predadores naturais e humanos, e sim, estavam acostumadas com a simplicidade de seus mundos. (QUAMMEN, 2008, p. 225).

Além de apanharem com a mão as aves e seus ovos, os colonizadores europeus se aproveitaram da vantagem de suas armas de fogo para abater belas Garças, “ao longo da água salgada [...] se criam garcetas pequenas, a que os índios chamam Carabuçu [...] e esperam bem a espingarda.” (SOUSA, 1971, p. 232). Com a chegada dos europeus, o

uso da espingarda tornou-se recorrente na colônia, esta arma no século XVI era de um só cano. Com a pólvora preta que carregava-se pela boca, a arma era batida no chão de maneira que a pólvora enchesse o ouvido (orifício de comunicação da câmara com o exterior) e, ainda, utilizava-se o atirador uma mecha que inflamava a pólvora, e então, com a explosão disparava o projétil (COSTA, 1994b, p. 153-154). Caçavam os colonizadores variadas aves com a espingarda, “de tôdas [...] aves se acham grande quantidade por todos os rios e alagoas, e se tomam com facilidade à espingarda, flecha e outros modos que para isso buscam.” (BRANDÃO, 1966, p. 158). A utilização de arma de fogo para abater aves selvagens na Europa era uma pratica popular. (THOMAS, 1988, p. 174).

Em Portugal a caça de aves com espingarda já era muito empregada para capturar perdiz e galinhas, bem como, outras aves. Desde os tempos dos Braganças de Guimarães rumo a Vila Viçosa, as peripécias de caçadas já haviam contribuído para enfrentar os perigos e as dificuldades nas empreitadas medievais. Os reis medievais estimavam a caça, e inclusive, tinham seus manuais de caça e de montaria, que explicava sobre tais artes e seus perigos. Menciona o rei D. Duarte no seu livro de *Ensinança do bem cavalgar toda sela*, que a caça não era para qualquer um, também D. João I, em seu livro explica o quanto um cavaleiro deveria ser um bom caçador de montado. (COSTA, 1994b, p. 268- 269).

A biogeografia nos revela que a partir da descoberta e imigrações dos europeus que, por motivos predatórios, muitas populações de aves tiveram seu ambiente modificado, e a conseqüente modificação de suas vidas. E fatalmente, com a expansão marítima muitas aves mansas foram alvos de extinção, como aconteceu com o Dodô, uma ave gigante *Raphus cucullatus*, que evoluiu em uma ilha de um ecossistema com pouquíssimos predadores. Sabemos que ele existiu pelo achado de seu esqueleto, que viveu longo período e que a sua desgraça foi causada, direta ou indiretamente pelo *homo sapiens*, e que por volta de 1690 não existiu mais, mesmo com a névoa de incertezas. (QUAMMEN, 2008, p. 285-288).

Também na ilha de Madagascar, há indícios de uma avestruz com três metros de altura e quinhentos quilos, que sua espécie sobreviveu até a chegada dos seres humanos, depois começaram a persegui-la, caçá-la, apanhar os ovos e a transformar o seu ecossistema. (QUAMMEN, Op. cit., p. 286-288). A América encontrada por Colombo sofreu a ações predatórias dos colonizadores, por exemplo, na América espanhola, os

européus chegavam a construir cerca de 200 pequenas cabanas, que usavam para a caça das aves. (MANN, 2012, p. 29).

O homem, sempre que colonizou um novo ecossistema, provocou a extinção de inúmeras espécies de animais. Ao longo dos últimos quatrocentos anos, à medida que a humanidade foi conseguindo expandir-se em vários lugares do mundo, gerando certa hegemonia de sua espécie sobre a terra, a extinção de espécies não permaneceu mais como um fenômeno basicamente insular. Entender e compreender as ilhas nos ajudam a entender a crise de extinções nos continentes. (QUAMMEN, 2008, p. 289).

O exemplo do Dodô não trata somente de aves mansas com extrema docilidade, também atenta sobre o instinto exploratório de caça que exerceram os recém-chegados europeus. Talvez a animação com a abundância das espécies nas novas terras, os fez concluir que tinham o privilégio de caçarem sem limites. O Dodô, a exemplo de outras aves extintas, foi preparado para alimentação de diversas formas: salgados, defumados ou até comidos frescos, cozidos, assados, guizado, tudo graças à sua população, aparentemente, infundável. (FULLER apud QUAMMEN, 2008, p. 286) Revelando que a abundância é algo perigoso a uma espécie, eram tantos aos olhos europeus que estes não faziam medidas ou vista grossa quanto a abater e tomar para si, uma grande quantidade deste “recurso”.

Uma caçada desmedida é insustentável, já que os recursos não são intermináveis. A caçada direta de uma única espécie contribui para definir a população e, até que chegue a um estado irreversível, como aconteceu com o Dodô. A raridade da espécie a leva mais rapidamente a extinção, porque ser raro é ter um limiar mais baixo de catástrofe coletiva, ou seja, a existência de qualquer adversidade ou infortúnio poderá ser um grande desastre para espécie, podendo levar ao desaparecimento, e extinção da mesma. (QUAMMEN, 2008. p. 224). Como exemplo colonial, podemos observar as descrições do Guará (*Eudocimus ruber*) na América portuguesa. O senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa relata que estes belos pássaros, de cor vermelha escarlate, eram avistados em um número tão grande na região de São Sebastião do Rio de Janeiro, que chegavam a mudar a cor das copas das árvores. Hoje, o Guará encontra-se praticamente extinto em todo estado do Rio de Janeiro.

3.6 – As que andavam em bando.

Na floresta muitas espécies tinham hábitos solitários, mas algumas, especialmente os papagaios, possuíam o comportamento de viverem e sempre voarem em bandos (e algumas especificamente em casais). Relatou o francês Jean de Léry, que na MA “primeira vez vimos papagaios voando alto e em bandos como os pombos e gralhas na França, e pude observar que andam sempre acasalados à maneira das nossas rolas.” (LÉRY, 2007, p. 84). O jesuíta Fernão Cardim também observou que os “Papagaios[...] sempre andão em bandos” (CARDIM, 1980, p.50), bem como, o colono Ambrósio Fernandes Brandão, que relatou: “Papagaios[...] andam em bandos” (BRANDÃO, 1966, p.155). O andão delas é o voo.

Algumas aves têm seus hábitos em bandos, mas especificamente noturno, mencionou Brandão, uns “pássaros há que não se mostram senão ao pôr do sol, já quase noite, em grandes bandos e não pequena gralheada, a que chamam burau.” (BRANDÃO, 1966, p. 157). Também a “Aracuã é uma ave que sempre anda em bando.” (SOUSA, 1971, p. 238). Os que “chamam Tuim [...] os quais andam em bandos.” (SOUSA, Op. cit, p. 231). O “Anu [...] e andam sempre em bandos.” (SOUSA, Op. cit, p. 238). A espécie dos Guarás também é outra que anda somente em bando, “Guará [...] andão em bando estes passaros.” (CARDIM, 1980, p. 98-99).

As aves desenvolvem este comportamento gregário, visando algum benefício mútuo, seja para alimentação ou proteção. O jesuíta Francisco Soares testemunhou uma espécie, que moram vários indivíduos juntos e, geralmente, um tem a tarefa de buscar o alimento para os demais:

[...] estes passaros crião em uma casa grãde e m(tos) juntos e todos traz de comer e ajudaõ aos outros q(do) saí para isso e se um vai buscar de comer o outro se poe em sima dos ovos de vigia [...] e dá sinal se o outro precisa fugir. (SOARES, 1966, p.140).

Andam em bando para se protegerem, porém este comportamento as torna fáceis de serem apanhadas. Pois, este instinto de coesão é forte, isto é, nunca se dissipam, e em um ataque dos predadores poderá milhares ser mortas, antes mesmo, de outras se assustarem e reagirem. Muitas podem ser capturadas como uma fruta do pé (QUAMMEN, 2008, p. 338). Na América portuguesa algumas espécies que andavam em multidão eram facilmente apanhadas, como a Macucaguá, “destas ha muitas especies, e multidão, e facilmente se frechão.” (CARDIM, 1980, p. 55). Eram aves

gregárias porque sua evolução propiciou a uma estratégia de sobrevivência com exagerada convivência, e juntas tinham conforto e segurança contra ataques de seus predadores e condições aprazíveis de acasalamento.

Algumas espécies de aves, segundo os cronistas, eram tantas que quando levantam voo chegam a cobrir a claridade do céu, como:

[...] as pombas e rolas são em tanta multidão que em certos campos muito dentro do sertão são tantas que quando se levantão empedem a claridade do sol, e fazem estrondo, como de hum trovão; põem tantos ovos, e tão alvos, que de longe se vêem os campos alvejar com os ovos como se fosse neve” (CARDIM, 1980, p. 56).

O mesmo fenômeno ocorreu com a espécie norte-americana, o pombo-passageiro (*Ectopistes Migratorius*), uma espécie muito abundante, há pelo menos dois séculos foi uma ave quase inimaginavelmente numerosa, mas que infelizmente, num curto espaço de tempo sua população caiu de 3 bilhões para zero. Os pombos passageiros sucumbiram de maneira irreversível, devido a um grande problema que foi a excessiva matança que sofreu. Ela tinha um limiar de estabilidade populacional que era próprio e elevado, porém, o abate direto dos humanos diminuiu este limiar. (QUAMMEN, 2008, p. 335- 339). A julgarmos pelas descrições de algumas espécies de columbídeos da América portuguesa, certamente os colonizadores também deram sua contribuição à extinção de algumas espécies aqui encontradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da era Moderna o mundo mudou, mas isto não significa que os longos anos da Idade Média foram ausentes de mudanças, no entanto, presumimos que prosseguiram com estáveis, e quase, que inabaláveis explicações e teorias sobre o globo terrestre, seus elementos e astros, e especialmente, a cerca da origem e da criação de Deus. Por toda era Medieval, as explicações sobre a origem, essência, e a quantidade de terras, animais e plantas estiveram muito bem escritas no primeiro livro da Bíblia sagrada, o Gênesis, e que por muitos teólogos foram reafirmadas e disseminadas. E também, quando conveniente, as teorias medievais cristãs convergiram com mitos pagãos vindos dos filósofos da antiguidade clássica.

Com a expansão marítima europeia, os oceanos Atlântico e Pacífico mostraram aos navegadores e exploradores extensos continentes, por sua vez, muito diversificados quanto à população humana, paisagens, animais e plantas. A Europa era um mundo que, a partir do século XVI, iniciou contato com outro mundo, e então, não fora mais a mesma. Embora mantivesse a sua cultura, religião e instituições, e inclusive, as aplicassem de modo dominante sob as novas terras e culturas, o fato é que o conhecimento de novas terras, novos povos, fauna e flora a fez ampliar, quer queira ou não, suas concepções e teorias sobre a origem, realidade e funcionamento do mundo.

Com este contato a partir do século XVI nasceria à concepção de um Velho Mundo e um Novo Mundo, numa relação que desenvolveu-se não somente como uma visita e ou reconhecimento inicial, mas que foi intenso, bem como, perdura até os dias atuais. As terras recém-descobertas tornar-se-iam colônias da Europa, e a conexão não ocorreu apenas entre a espécie humana, diversos segmentos de seres vivos estiveram envolvidos neste processo de descobrimento do Novo Mundo.

Portanto, a expansão marítima também foi uma imensurável expansão biológica, pois, além de homens, mulheres e por vezes até crianças, também atravessaram os oceanos muitas espécies de animais e plantas, trazidos intencionalmente como recursos de sobrevivência durante a viagem e no desembarque nas novas terras, bem como, espécies de insetos, vírus e bactérias causadores de doenças que vieram ‘sem querer’, mas que tiveram sua parcela de atuação na colônia. Ora, os recursos naturais, terras, ouro, prata e especiarias foram a razão para que navegadores singrassem mares antes desconhecidos, pois quando uma nau aportasse na Europa com notícias e exemplares

destes novos recursos, era imediatamente o pretexto para que outros navegadores se aventurarem ao mar.

O fato é que no Novo Mundo os navegadores encontraram inesperados e complexos biomas com uma grandiosa biodiversidade, muito mais que imaginavam. A atenção dos colonizadores e viajantes se voltou ao mundo natural, com a observação e descrição das espécies encontradas na Mata Atlântica (MA), relatadas de modo contingente, como revela as crônicas. De certo, sendo o cenário da colonização a MA, localizada as margens do oceano Atlântico, os europeus tiveram uma relação intensa e cotidiana com este bioma e suas espécies e que, a todo o momento, apresentava diferenças exorbitantes quanto ao clima, temperatura, alimentação e geografia, além do ambiente hostil e perigoso próprio de uma densa floresta tropical.

Propomos uma história do período colonial do Brasil com novos personagens, as espécies de aves nativas, e aquelas vindas da Europa. Não são personagens humanos, mas estiveram intrinsicamente presente nos primeiros anos da colonização. A historiografia brasileira pode até acreditar que animais e plantas são dispensáveis para a compreensão de uma micro ou macro história, entretanto, a contingência de descrições produzidas pelos homens quinhentistas sobre o bioma da MA, nos apresenta que as aves eram indispensáveis na sua rotina colonial. Primeiramente, porque necessitavam das espécies de aves nativas e estrangeiras, como recurso para sobreviver na MA, e em segundo, porque viviam intensamente uma rotina de descobertas e admiração com as novas e exóticas espécies.

Também, analisando as descrições das espécies de aves, contidas nas crônicas dos europeus, podemos compreender algumas teorias filosóficas dos homens quinhentistas, como a crença da semelhança do Novo Mundo com o jardim do Éden, ou ainda na crença que uma espécie se reproduzia por “geração espontânea”. As descrições sobre os aspectos exteriores são minuciosas, bem como do comportamento e hábitos, um verdadeiro trabalho de catalogação das espécies nativas, e como eram exclusivas as novas terras, os cronistas utilizaram termos *como* e *feição* para criar uma noção das características físicas e comportamentais das novas espécies, afinal era um mundo novo.

Com as descrições das aves compreendemos sobre a economia mercantil da era Moderna, pois as aves nativas foram produtos luxuosos e exóticos exportáveis para a Europa, e nos grandes centros comerciais foram vendidas para a aristocracia e burguesia, a fim de servirem como mascotes domésticas. Este comércio de aves exóticas foi volumoso, e desenvolveu-se sob um forte aparato logístico que envolvia os dois

mundos. Além das espécies vivas que desembarcavam na Europa, também as crônicas dos viajantes e colonizadores disseminavam-se como notícias de um mundo novo, e ambas correntes de informações, contribuíram na constituição dos gabinetes de curiosidades (amplas coleções de seres vivos e objetos das terras recém-descobertas que prosperaram por toda Europa). Com as coleções dos gabinetes, muitos filósofos naturais puderam enriquecer e aprimorar o conhecimento filosófico com os novos dados, e, inclusive, com os exemplares de espécies, o que tornaria, cada vez mais, a Arca de Noé pequena.

As aves nativas que eram exportadas nos evidenciam que a negociação na América portuguesa foi por meio da troca de escambo entre europeus e indígenas. As aves eram trocadas por alguns utensílios como anzóis, e segundo as crônicas, os nativos investiam em capturar as mais preciosas aves, treiná-las na habilidade da fala, ou até falsificá-las fazendo uma espécie passar-se por outra. Além da negociação, a interação entre colonizadores e nativos ocorreu devido à necessidade dos europeus em sobreviver no bioma atlântico, e eram os nativos grandes conhecedores da floresta e seus recursos.

Com os relatos das aves podemos identificar aspectos sociais, antropológicos e culturais da relação dos nativos com os recursos da fauna. Uma relação inserida no universo da caça, pois detectamos características fundamentais a um caçador de uma floresta tropical. Os caçadores indígenas eram ágeis, habilidosos e fortes, além de sábios, pois conheciam a mata e sabiam identificar as espécies, por meio do canto, dos seus habitats ou cores. Um conhecimento ancestral desenvolvido por milênios de caça. E também averiguamos uma relação inserida na domesticação e um forte simbolismo que as aves representavam na cosmologia indígena.

As descrições das aves também nos apresentam aspectos geográficas da MA devido a informações sobre as diferentes paisagens e vegetações da floresta, aonde viviam as aves. Os relatos também são repletos de informações biológicas como comportamento, característica física, reprodução e alimentação das espécies. E ainda, o dinamismo ecológico está presente, como informações sobre a alimentação das aves com árvores frutíferas, insetos e peixes.

Em suma, as descrições de aves no século XVI nos trazem informações antropológicas, sociais, econômicas, culturais, biológicas e geográficas. Utilizar as aves como objeto na pesquisa historiográfica é um caminho novo, especialmente na historiografia brasileira. No entanto, é um caminho possível de trilhar, por meio, das descrições da avifauna, nas crônicas quinhentistas podemos rastrear e compreender

aspectos do cotidiano na América portuguesa. Isto porque, as aves e a fauna, de modo geral, nunca estiveram separadas da vida do homem, ao contrário, o desenvolvimento e a sobrevivência da humanidade dependeram intrinsecamente de espécies da fauna, no geral, como recurso para alimentação, vestimenta, construção e fabricação de utensílios e produtos, bem como, acumulação de riquezas. Portanto, aos historiadores que rotulam o mundo natural em último plano, ou ainda, acreditam que este seja inferior perante outras abordagens temáticas, contribuem para uma extrema ‘cegueira’ na compreensão de uma história local e global, pois as espécies da fauna sempre estiveram presentes no cotidiano humano, não devemos excluí-los da História.

FONTES DOCUMENTAIS

ALCEDO, António de. **Geográfica e dicionário indiano ou ocidental americano histórico é nomeadamente os reinos do Peru, Nova Espanha, Mainland, Chile e Nuevo Reyno de Granada**. Madrid: Imprensa de Blas Roman, 1786-1789.

ANCHIETA, José de. **Cartas**: Informações, Fragmentos Históricos e Sermões (1554-1594). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BÍBLIA, A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de Domingos Zamagna. Petrópolis: Editora Santuário, 1993.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil**: documentos para a história do Nordeste (1618). Recife: Imprensa Universitária Recife, 1966.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. **Comentários** (1541). Curitiba: Farol do Saber, 1995.

CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil** (1580). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a el Rey Dom Manuel** (1500). São Paulo: Ediouro, 1999.

DARWIN, Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo** (1839). Porto Alegre: L&PM, 2013.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **História da Província santa Cruz Tratado da Terra do Brasil** (1576). São Paulo: Editora Obelisco LTDA, 1964.

LÉRY, Jean. **Viagem à terra do Brasil** (1578). São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2007.

NAVARRO, João de Azpilcueta. **Cartas avulsas**: 1550-1568. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil** (1549-1560). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SOARES, Francisco. **Coisas notáveis do Brasil** (1591). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil** (1587). São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971. (Coleção Brasileira, v. 117).

STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens** (1557). Rio de Janeiro: Dantes, 1930.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica** (1557). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

TOMÁS DE AQUINO, São. **Suma Teológica:** a criação, o anjo e o homem (1265-1273). v. 2, parte 1, questões 44-119. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Os Apinayé: informações sócio-históricas. **Revista de Estudos e Pesquisas**. FUNAI. Brasília, v. 4, n. 2, pp. 199-219, dez. 2007.

Disponível em:

<http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/revista_estudos_pesquisas_v4_n2/Artigo_5_Francisco_Albuquerque_Os_Apinaye_informacoes_socio-historicas.pdf>

Acesso em: mai. 2017.

ANDERSON, Virginia De John. **Creatures of empire: how domestic animals transformed early america**. New York: Oxford University, 2004.

ARIZA, Fabiana Vieira; MARTINS, Lilian Al-Chuery Pereira. A scala naturæ de Aristóteles no tratado De Generatione Animalium. **Filosofia e História da Biologia**, São Paulo, v. 5, n. 1, pp. 21-34, 2010.

Disponível em: <<http://www.abfhib.org/FHB/FHB-05-1/FHB-05-1-02-Fabiana-Ariza-Lilian-Martins.pdf>>. Acesso em: mar. 2015.

ASHWORTH, Fr., William B. Emblematic natural history of the Renaissance. In: JARDINE, N; SECORD, J. A; SPARY, E. C (Org.). **Cultures of Natural History**. Inglaterra: Cambridge University Press, 2005.

ASÚA, Miguel; FRENCH, Roger. **A new world of animals: early modern europeans on the creatures of iberian America**. Burlington USA: Ashgate, 2005.

BARTELMEBS, Roberta Chiesa. Resenhando as estruturas das revoluções científicas de Thomas Kuhn. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, pp. 351-358, 2012.

Disponível em:

<<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/view/729/1067>>.

Acesso em: jan. 2017.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros; Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.

BRUNELLI, Walquíria A. Ornitofilia nos Neotrópicos e nos Paleotrópicos. **Revista Natureza**, Santa Teresa/ES, v. 11, n. 4, pp. 166-169, 2013. Disponível em:

<http://naturezaonline.com.br/natureza/conteudo/pdf/03_BrunelliWA_166-169.pdf>.

Acesso em: set. 2016.

CLUTTON-BROCK, Juliet. **História da domesticação dos Mamíferos**. Lisboa: Editora Repliação, 2002.

COSTA, Carlos Eurico da. **A caça em Portugal**: volume I. Lisboa: Editorial Estampa, 1994a.

_____. **A caça em Portugal**: volume II. Lisboa: Editorial Estampa, 1994b.

CROSBY, Alfred. W. **Imperialismo ecológico**: A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DAMINELI, Augusto; DAMINELI, Daniel Santa Cruz. Origens da Vida. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 59, pp. 263-284. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n59/a21v2159.pdf>> Acesso em: agos. 2016.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEBUS, Allen G. **O homem e a natureza no renascimento**. Porto: Porto Editora, 2002.

DELAUNAY, Paul. **La Zoologie au seizième siècle**. Paris: Hermann Éditeurs des sciences et des arts, 1997.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

EDWARDS, Peter. Domestication of animals in the Renaissance of Europe. In: BOEHRER, Bruce (Org.). **A cultural history of animals in the renaissance**. New York: Berg Oxford, 2011.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.), **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1992. Disponível em: <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/11/carlos-fausto-fragmentos-de-histc3b3ria-e-cultura-tupinambc3a1.pdf>> Acesso em: mai. 2017.

FERNANDES, Fernando Lourenço. A feitoria da ilha do gato. In: BUENO, Eduardo (Org.). **Pau-Brasil**. São Paulo: Axis Mundi, 2002.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Pioneiros: uma história global das explorações**. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. A nobreza cristológica de animais no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio. In: BUTIÑÁ JIMÉNEZ, Julia e COSTA, Ricardo da (Orgs.). *Revista Mirabilia*, Barcelona, n. 9, pp. 108-132, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3103439>>. Acesso em: mai. 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRISCH, Johan Dalgas; FRISCH, Christian Dalgas. **Aves brasileiras e plantas que as atraem**. São Paulo: Dalgas Ecoltec – Ecologia Técnica Ltda, 2005.

GILMORE, Raymond M. Fauna e etnozologia da América do Sul tropical. In: RIBEIRO, Berta G (Org.). **Suma Etnológica Brasileira I: Etnobiologia**. Petrópolis: Finep, 1987.

GUEDES, Max Justo. La terre du Brésil: contrabando e conquista. In: BUENO, Eduardo (Org.). **Pau-Brasil**. São Paulo: Axis Mundi, 2002.

HEMMING, John; MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de. **Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JORINK, Erick. **Reading the book of nature in the Dutch Golden age, 1575-1715**. Boston: Brill, 2010.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectivas S. A, 1998.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Fragmentos, modelos, imagens: processos de musealização nos domínios da ciência. **Revista de Ciência da Informação**, Cidade, v. 8, n. 2, pp. 1-13, abril. 2007. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000007763/0c321add2d889dbf4969141e50f6790a>>. Acesso em: jan. 2017.

MALHEIROS, Márcia. Homens da fronteira. **Índios e Capuchinhos na ocupação dos sertões do leste, da Paraíba ou Goytacazes**. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_MALHEIROS_Marcia-S.pdf. Acesso em: mai. 2017.

MANN, Charles C. **1493: a descoberta do Novo Mundo que Cristovão Colombo criou**. Alfragide: Casa das Letras, 2012.

MARINI, Miguel Ângelo; GARCIA, Frederico I. Conservação de aves no Brasil. **Revista Megadiversidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, pp. 94-102, jul. 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Miguel_Marini/publication/268975009_Conservacao_de_aves_no_Brasil/links/5564b0bb08aec4b0f4859002/Conservacao-de-aves-no-Brasil.pdf>. Acesso em: jan. 2017.

MONTAIGNE, Jean-Marc. O índio ganha relevo. In: BUENO, Eduardo (Org.). **Pau-Brasil**. São Paulo: Axis Mundi, 2002.

MORAN, Emilio F. **Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

QUAMMEN, David. **O Canto do Dodô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. **Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

ROBBINS, Louise E. **Elephant Slaves and Pampered Parrots**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

ROQUERO, Ana. Moda e tecnologia. In: BUENO, Eduardo (Org.). **Pau Brasil**. São Paulo: Axis Mundi, 2002.

SANTOS, Eulália Maria Aparecida de Moraes. **Viagem Philosophica: O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e a paisagem brasileira do século XVIII**. Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2001.

SEIXAS, Maria Lucília Barbosa. **A Natureza Brasileira nas Fontes Portuguesas do Século XVI**. Viseu: Passagem Editores, 2003.

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SILVA, José Maria Cardoso. e CASTELETI, Carlos Henrique M. Estado da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira. In: GALINDO-LEAL, Carlos; CÂMARA Ibsen de Gusmão (Org.). **Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica - Belo Horizonte: Conservação Internacional, 2005. Disponível em: <<http://www.aliancamataatlantica.org.br/?p=5&a=20>>. Acesso em mai. 2016.

SIMÕES, Luciana Lopes. **Guia de Aves Mata Atlântica Paulista: Serra do Mar e Serra de Paranapiacaba**. São Paulo: WWF Brasil, 2010. Disponível em: <http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/guia_de_aves_mataatlantica_wwfbrasil.pdf>. Acesso em: jan. 2016.

SPOSITO, Fernanda. **Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/ Rio da Prata, séculos XVI-XVII)**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26032013-110436/pt-br.php>>. Acesso em: mai. 2017.

TAVARES, Davi Castro; SICILIANO, Salvatore. **Voo pela Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

TEIXEIRA, Dante Martins; PAPAVERO, Nelson. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII. In: PESSÔA, L.M.; TAVARES, W.C.; SICILIANO, S. (Org.). **Mamíferos de restingas e Manguezais do Brasil**. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Mastozoologia/Museu nacional, p. 253-282, 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VELTHEM, Lucia Hussak van; LINKE, Iori Leonel van Velthem. **Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut pampila- Aparai zonony imenuru papeh**. Rio de Janeiro: Museu do Índio- Funai/Iepé, 2010. Disponível em: <<http://www.institutoiepe.org.br/media/livros/Livro%20Wayana%20e%20Aparai.pdf>>. Acesso em: mai. 2017.

VICKERS, William T. **Los sionas y secoyas: su adaptación al ambiente amazónico**. Quito: Editora centro de documentação Abya-yala, 1989. Disponível em:

<dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/.../LOS%20SIONAS%20Y%20SECOYAS.pdf>. Acesso em: mai. 2017.

WHITAKER, Katie. The Culture of curiosity. In: JARDINE, N; SECORD, J. A; SPARY, E. C. (Org.). **Cultures of Natural History**. Inglaterra: Cambridge University Press, 2005.

WILSON, Daniel J. Lovejoy's The Great Chain of Being after Fifty Years. **Journal of the History of Ideas**, Pensilvânia, v. 48, n. 2, apr/ jun, 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2709553?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: fev. 2016.